



MUNICIPAL GEN...

10  
0000

# MUNDO GRÁFICO



# A VITÓRIA

DAS NAÇÕES UNIDAS NA EUROPA  
FOI ANUNCIADA PELA B. B. C.  
ÀS 20 HORAS DO DIA 7 DE MAIO

A VOZ DE LONDRES FALOU  
E... O MUNDO TEVE  
DE ACREDITAR!

A B. B. C.

SERÁ SEMPRE  
**A VOZ DA VERDADE**

À esquerda: Roy Williams, dos Ser-  
viços Externos da B. B. C., fala para  
os Estados Unidos. Em baixo: uma  
assistente técnica, na sua cabine de  
som.



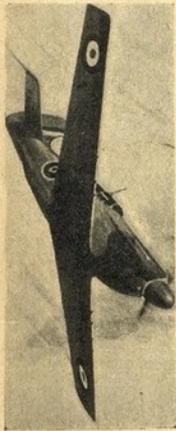
Em cima: o majestoso edifício da B. B. C.. Em baixo: o Rei  
Jorge VI e a Rainha assistem a um desfile militar no Dia  
das Nações Unidas.

# A VITÓRIA

## O QUE ELA SIGNIFICA PARA MIM

por Louis Golding

*Golding, que escreveu este artigo, é o autor de «Magnolia Street», «Mr. Emmanuel» «Five Silver Daughters» e outras obras que revolucionaram o mundo das letras nos Estados Unidos. Alguns dos seus romances foram aproveitados por Hollywood e o seu nome é dos mais célebres entre os escritores israelitas.*



Até que enfim acabou a guerra. E nós ganhámo-la. Que significado especial representa para mim a vitória? Para qual «mim», pergunto eu?

Não é certo que em cada um de nós existem diversos «eus»? Primeiro, aquele que consubstancia o ente humano normal e recto — aquele que possui o sentido normal de poder discernir entre o bem e o mal sentido que, mais do que qualquer outro, distingue o homem do animal.

Pois esse «eu», brada hoje com toda a força dos meus pulmões: não te dizia eu! não te dizia eu!... o bem triunfa sempre sobre o mal! Todos nós, aqui, desde o princípio desta tragédia, sabíamos que assim sucederia. Haverá, porém, muitas pessoas, noutros países que, porventura, dirão que tudo isto não faz sentido. Tempos houve em que as perspectivas duma vitória Aliada eram, com efeito, bem distantes. Eram esses os tempos da ocupação dos portos do Canal, quando a França jazia prostrada e, mais tarde, quando a Iugoslávia e Creta sucumbiram, as vitórias japonesas haviam atingido o seu zénite e o bafo de Rommel se fez sentir no Cairo.

**Tudo foi questão de fé...**

Posso afirmar-vos, porém, que nós, aqui, na Grã-Bretanha sabíamos-lo. Sim, sabia-mo-lo! Não por questão de lógica. A nossa lógica era, deveras, muito fraca. Era uma questão de fé — uma fé que professa aquele que ama ou possui um sentimento religioso. Estou convencido de que nos momentos mais graves das nossas aflições, o nosso sentido moral adquire uma agudeza especial.

Tudo depende da espécie de indivíduo que somos, ou fômos. Ou se acredita firme e sinceramente que o bem e o mal são expressões com o devido significado; ou, então, nada representam. Aquelles dias de perigo e atribuições revestiram para nós um alto e transcendente significado, jamais sentido neste planeta por outros entes humanos.

Para nós, o inimigo encarnava os princípios mais diabólicos; e nós sabíamos que eramos os imperfeitos agentes purificadores de Deus, da Virtude e do Bem, ou daquilo que mais apropriadamente escolheis para o classificar.

Recordo-me duma vez em que me encontrava numa reunião de amigos, num Club, próximo de Hollywood, na ocasião da queda de Crêta. Os meus amigos eram americanos, daqueles que professam pela Grã Bretanha uma profunda amizade. A propósito da guerra, apostavam um contra quatro que a Grã-Bretanha, em menos de quatro semanas, seria vencida. (Se isto agora nos parece uma afirmação absolutamente ridícula, para não dizer outra coisa, lembremo-nos de quantas pessoas estiveram firmemente convencidas, não só na América, como até na própria Grã-Bretanha, que Hitler aniquilaria o exército Russo em três semanas). Foi com um sentimento misto de piedade e de fúria canina que encarei os meus amigos. Com um nó na garganta, foi com dificuldade que consegui articular umas palavras amargas de indignação: «Tal não sucederá». «O mundo não o permitir». (Tão longe me encontrava então da minha terra)!

Os meus amigos olharam-me com benevolência e compaixão e... mudaram de assunto. E não aceitei a aposta, tão acabrunhado fiquei com a ideia que não os poderia convencer daquilo que eu firmemente acreditava! Deixei-os pois...

Pois bem, graças a Deus, acreditaram, agora. Sabem-no agora. O mundo é assim. Há o bem e o mal, e foi o bem que triunfou. É isto uma das coisas que a Vitória Aliada significa para mim. Canto, danço e sinto-me feliz!

**O meu orgulho de ser inglês**

O outro «eu» orgulha-se da glória de ser inglês — uma inglês nascido numa grande cidade da província, educado numa das mais antigas escolas inglesas da linda cidade de Oxford; um inglês que vagabundeou por esse mundo fóra, pelos quatro cantos da terra, e que sempre regressou ao seu lar, em

Londres, com o coração alegre, de volta à grande capital da Inglaterra e do seu Império; o inglês que se dedica à arte das letras para ganhar o pão diário e para dar forma, o melhor que pode, à Verdade e ao que é Belo.

O primeiro «eu» exulta; o segundo, sente-se orgulhoso — orgulhoso de pertencer à nação que, mercê de prodigiosos sofrimentos, praticou actos de tão alevantado valor. Nesta momentosa ocasião, seja permitido ao inglês ser perdoado de se esquecer dos anos em que foi acometido de estupidez, dos anos em que tolerou o mal ou que mesmo procurou pactuar com ele.

Recorda-se das angústias e sofrimentos daqueles que tripulavam os combóios no mar; do incrível milagre de Dunquerque; da indômita coragem dos cavaleiros do ar, na batalha da Grã-Bretanha; de Alamein, Caen, Arnhem...

Recorda-se dos inúmeros, anónimos, valorosos civis, habitantes de cidades em chamas; da devoção das mulheres nas oficinas, em turnos, nas fornalhas de fundição, trabalhando, hora após hora, seguindo sem cessar o rodar dos ponteiros do relógio. Recordar estas coisas dá-lhe motivo para se orgulhar de pertencer à nação que os forjou.

Possui ele, também, o sentimento próprio, entre a diversidade de povos, quasi infinita, na sua tão diversa mutação de raças, côr, credo e política que compõem o vasto Império de que a Grã-Bretanha é o núcleo; quere tenham tombado mil anos atrás, à ponta da espada do invasor romano, ou perecendo nas águas do Caribe, num petroleiro torpedeado; quer sejam os rachadores de lenha em Vancouver, de hoje, ou os marinheiros de Drake, de há séculos, tripulando galeões; airosas empregaditas de escritório, barbudos Sikhs, diplomatas, homens ao volante de caminhões, cristãos, judeus, livre-pensadores, muçulmanos... ele é um entre todos, e todos são um único com ele.

Este «eu» não é insensível à gigantesca contribuição feita à Vitória pelos Aliados da Grã-Bretanha, pelos mares de sangue vertidos pelos exércitos russos, pela prodigiosa contribuição feita pelos Estados Unidos, tanto em homens como em material; pela assistência prestada pelas pequenas nações, quer às claras, quer clandestinamente. Neste momento de luminosa percepção, realiza o transcendente significado geral da Vitória e dos seus múltiplos aspectos — mas, no fundo do seu coração, não pode olvidar-se, acima de tudo, da sua essência Britânica.

**E aquele inimigo asiático já encurralado...**

Este «eu» não considera, porém, a tarefa completamente terminada. Ainda não! É possível que, ainda, nos estejam reservadas duras pelejas. O inimigo asiático espesinha grandes e vastos territórios, embora o tenhamos encurralado. De dentes arreganhados, mostra-se ainda perigoso.

Espera-o, no momento, a mesma sorte que o seu cúmplice europeu, quando este se encontrava a umas escassas vinte milhas das almeçadas e inconquistadas praias da Grã-Bretanha. Os seus esgares e contornos são diferentes, mas igual é a voz dos seus canhões, roncar dos aeroplanos e rija é a couraça dos seus navios. O cenário da maldade é o mesmo.

A tarefa não está concluída, amigos, mas pouco tardará! E será concluída com a ajuda do «bem», que usaremos como arma e escudo. Podeis estar tranquilos: a tarefa será levada a cabo!



Churchill, o grande construtor da Vitória

Existe em mim um terceiro «eu»: o Judeu.

O que significa para ele a Vitória Aliada? As emoções que fizeram vibrar o primeiro e segundo «eu» — o ente humano e o inglês — transbordam e enchem a sua alma de judeu. Mas o judeu, de si próprio, exalta, também, em face deste magistral reconhecimento dos princípios morais que são as raízes e fundações de tudo; sente-as mais profundamente, porque, sabe que foi o seu povo quem pela primeira vez as anunciou — pelo menos sob a forma que tem guiado as nossas consciências durante mais de quatro mil anos. O judeu sente-se, igualmente, orgulhoso pela contribuição que seus irmãos fizeram para o quinhão total da vitória — soldados, aviadores e marinheiros, servindo nos exércitos Aliados: é o brigadeiro Kisch na Tunísia e, nas ciências, Chaim Weizmann, no seu laboratório.

Na sua emoção, porém, projecta-se uma certa sombra de tristeza e

reverência, que parecem ser peculiaridades da sua raça. De difícil definição, mas de sua natureza como que um conceito estético de haver cumprido um serviço histórico.

Os Judeus sentem-se caçados, ate às medulas, das milhentas penas e sofrimentos que lhes têm sido impostos.

No entanto, não podem deixar de se aperceberem que, aqueles que pretendem destruir os judeus, são, por seu turno, destruídos.

Não por judeus. Que poder de destruição, porventura, podem ter os Judeus encarcerados nos campos de extermínio da Europa Oriental, nos vagões de gado onde são empilhados ou nos fornos crematórios gigantes? Os seus perseguidores são destruídos pelo longo despertar da consciência da humanidade.

Quando Hitler — e todos os outros Hitlers que vieram antes de ele — se entregaram à fúria de destruir os judeus, não eram os judeus que então viviam que os interessavam. Dêles, na maior parte dos casos, tinham um remoto conhecimento. O espírito diabólico dos Hitlers é que, para começarem a destruir tudo aquilo que é são e bom careciam de um ponto de partida para o início das suas operações. Os judeus eram o ponto de partida. E, mais uma vez, foram os judeus que sobreviveram, no fim da jornada, com o auxílio de Deus e com os Aliados do Senhor.

Tais são as emoções que a vitória Aliada provocou no meu «eu» judeu, emoções estas sem falar das lágrimas e risos.

É como se tivesse acabado de ouvir, com recolhimento, os acordes finais duma sinfonia celestial. O ouvinte quedou-se silencioso, mal ousa respirar...

Seja prático e económico

viaje na

**C. P.**

Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 732

**LAMINAS**

A melhor, mais rápida e mais suave forma de barbear — é a que garantem as Láminas Gillette Azul ou Gillette Dourada, a um preço mínimo. Os fornecimentos do mercado são agora mais abundantes, mas há ainda certas restrições na produção.



**GILLETTE**

75, RUA DA CONCEIÇÃO 1. LISBOA

# SEGUROS A MUNDIAL

Capital e Reservas:

Esc. 90.000.000\$00

(Noventa mil contos)

Sede em Lisboa:

Largo do Chiado, 8

Telef. P. B. X. 20354-5-6

Receita em 1914:

(49 mil contos)

Sinistros pagos até 31-12-1944:

185 mil contos

Filial no Pôrto:

Pr. G. Gomes Fernandes, 10

Telef. P. B. X. 5980

# SEGUROS

# REFLEXOS DO MUNDO



UM HEROI DA P. A. F.

Como Austin, quando tocava na terra, redobrava de esforços, para combater o inimigo

## A dama e o sismólogo

O eminente sismólogo J. J. Shaw costumava contar: «Uma vez, encontrei na rua uma senhora que me disse: sempre que vejo a sua cara, recordo-me de um tremor de terra».

(De «West», New-York)

## Entre enfermeiras

Num h6spital do ex6rcito, uma enfermeira avisa outra: «Estes s6o precisamente os doentes mais perigosos. Est6o qu6si curados...»

(De «L'beriy», New-York)

## An6ncio

Um jornal de Roma publicou h6 tempos o seguinte an6ncio: «J6vem e robusto italiano, propriet6rio de um autom6vel, casaria com uma v6dua — mesmo velha — que possua quatro pneus. 6 favor enviar a fotografia dos pneus».

## Um comunicado de Nimitz

Um teletipo de um dos escritores da Associated Press, em S. Francisco, reproduzia uma

mensagem de Honolulu. A certa altura, o funcion6rio assobiou de surpresa ao ler: Poderosas f6rças navais aliadas atacaram uma importante frac6o da esquadra japonesa que se encontrava fundeada 6 entrada do porto de Fusan... 26 de c6rca de 80 navios... foram incendiados... mais de 70 barcos japoneses incluindo navios de guerra e transportes... foram afundados.

O teletipo deixou de funcionar por alguns momentos. Depois, rematando o comunicado do Almirante Nimitz, concluiu: «Este comunicado, incidentalmente, tem a data de Junho de 1892».

(De «The Times», New-York)

## As experi6ncias de Mr. Bromfield

Louis Bromfield, importante lavrador de Malabar Farm, Ohio, acaba de levar a efeito uma experi6ncia 6c6rca da fertiliza6o dos terrenos de cultura.

Dividiu um pequeno prado em duas metades. Numa lan6ou agentes fertilizantes. A outra n6o recebeu adubos. Depois semeou as duas metades com a mesma erva e quando esta cresceu, soltou na linha separativa um cavalo cego. Verificou, ent6o, que o cavalo se dirigia sempre para o terreno pr6viamente fertilizado, facto que foi confirmado por outros agricultores que vieram assistir 6 experi6ncia. Em resultado d6ste trabalho, Mr. Bromfield chegou 6 seguinte conclus6o: T6da a nossa civiliza6o assenta na constitu6o qu6mica de c6rca de nove polegadas de crosta terrestre. Cidades, aldeias, ind6stria, t6das as manifesta6es do esp6rito criador do homem — tudo depende d6sse facto.

(De «The Tree Lover», Londres)

## Filosofia cigana

Os ciganos costumam contar a seguinte hist6ria, que 6 transmitida, h6 s6culos de gera6o em

gera6o: Uma crian6a perguntou a seu pai: — Pai, para que foram feitos os vermes?

— Filho, para que os p6ssaros pudessem alimentar-se.



## FOGO ETERNO

Do trabalho, da vida e da liberdade

— Pai, para que se fizeram os p6ssaros?

— Filho, para que eu e tu pudessemos viver, ca6ando-os.

— Pai, para que fomos n6s feitos?

— Filho, para que os vermes pudessem viver.

(De «Time», New York.)



## Na selva

Um j6vem oficial ingl6s encontrou-se h6 tempos, nas florestas da Birm6nia, com um velho naturalista que se dedicava h6 muitos anos ao estudo in 6co dos animais selvagens.

O referido naturalista — esp6rito paciente e empenhador — conseguiu desenvolver tal actividade entre os ferozes habitantes da selva, e imitar com tanta perfei6o os gorgoros das mais variadas aves, bem como o rugir dos tigres e leopardos — que se considerava apto a estabelecer animada conversa com qualquer animal selvagem.

E f6ra ainda mais longe: descobriu que os animais de diversas esp6cies entendem se uns aos outros. Assim, os mam6feros percebem o sentido de certas manifesta6es vocais dos p6ssaros e vice-versa. Efectivamente, os brilhantes estudos do naturalista ingl6s parecem encontrar certa confirma6o num velho costume dos ca6adores de esquilos, que consiste em chamar os referidos roedores imitando o canto das cotovias.

(DE «SPECTATOR», Londres)

## Resposta breve

Thomas Gaisford escreveu certa vez, a seguinte carta:

Se6hor,

Cartas como a sua causam pro-

★ **A Paz voltou** ★  
 6 entre flores, que o amor e a alegria chegavam 6 «Merry England»

fundo aborrecimento a T. Gaisford.

(De «World Digest», Londres)



## PERFIS HIST6RICOS

Os soldados ingl6ses, no Canad6, sa6dam o esf6rco de guerra daquele pa6s

TINTAS DE IMPRENSA CH. LORILLEUX & C.<sup>IE</sup>

**Guilherme Graham Júnior  
& Companhia**

Casa Britânica estabelecida em Portugal desde o ano de 1808

A sua Gerência e Pessoal, com as suas mais entusiásticas saudações cumprimentam, nesta histórica e solene ocasião, todos os seus amigos de Portugal e das Províncias do Ultramar.

# A INDÚSTRIA QUÍMICA



A Indústria Química Britânica teve um papel importante na Vitória Aliada. Falar da Indústria Química Britânica é o mesmo que falar da Imperial Chemical Industries, mais conhecida em todo o mundo pelas iniciais "I. C. I.". Fundada em 1926 pela fusão das quatro famosas companhias, Brunner Mond & C.º Ltd., Nobel Industries Ltd., United Alkali C.º Ltd. e British Dyestuffs Corporation Ltd., a I. C. I. é, actualmente, uma empresa pública com um capital realizado de mais de £ 74.000.000 possuindo em laboração nas ilhas britânicas, nada menos do que setenta e três fábricas que empregam cerca de 130.000 pessoas. A I. C. I. cuja organização de vendas abrange o mundo inteiro, é a maior empresa de produtos químicos existente. A I. C. I. além de ser uma das três maiores produtoras de metais não-ferrosos.

O número de produtos da I. C. I. é enorme.

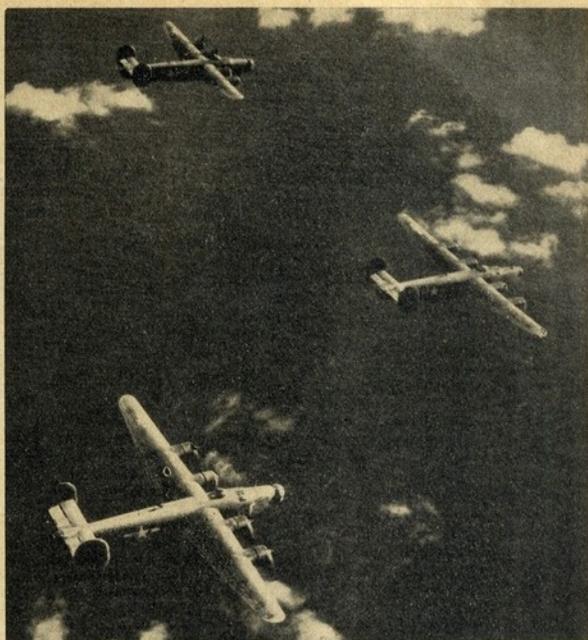
A I. C. I. não poupa dinheiro ou esforços para assegurar a continuação de intensivas pesquisas em larga escala, que a habilitam a manter-se na vanguarda das suas concorrentes e abre o caminho para grandes descobertas constituindo a mais segura garantia da ligação entre o trabalho fecundo e hábil do laboratório e a característica perfeição do trabalho fabril.

Com a guerra ganha, as Imperial Chemical Industries ficarão mais aptas para dedicar todo o seu esforço ao interesse geral da humanidade.



**A química ao serviço do homem**

**IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra**



✦ A célebre esquadilha VB-106 a caminho de um dos seus objectivos ✦

## COMO SE BATEU A ESQUADRILHA VB-106

O tenente Douglas Davis, o homem que, segundo o almirante Halsey «é só por si uma força de choque», teve que ser, temporariamente, licenciado do serviço aéreo na Esquadilha VB-106 da Marinha Americana, não porque o esgotamento o tivesse atingido, mas porque, não tendo regressado duma missão o seu amigo capitão-tenente Alan Seamann, se receasse que Davis, a dar crédito aos rumores que corriam entre os membros da sua tripulação, partisse para as Filipinas em busca de vingança. O aviador desaparecido já lá havia estado — primeiro, combatendo sobre a baía de Manilla, integrado na famosa Esquadilha 10; depois de abatido em combate, lutando em terra, em Batangas. Também estivera em Java e, durante os desembarques em Biak, afundara navios inimigos num total de 8.000 toneladas. Quando, finalmente, quatro caças japoneses o abateram, tripulava um avião chamado «Mike» segundo o nome dum filho que há pouco lhe nascera e a quem não conhecia.

Esta é uma das epopeias escritas pela Esquadilha VB-106 após sete meses de serviço como os «olhos» da Marinha dos Estados Unidos, no Pacífico. Os seus aparelhos — rápidos e poderosamente armados Liberators PB4Y de longo raio de acção — realizaram 1.262 surtidas, num total de 16.000 horas de voo; exploraram, diariamente, uma média de 325.000 quilómetros quadrados de oceano; os seus pilotos, alvejando objectivos accidentais, afundaram 43 navios inimigos, incluindo três submarinos, e danificando 54; abateram 15 aviões japoneses e, provavelmente, mais 22, destruindo no terreno 7 com certeza e 17 provavelmente. Também realizaram missões fotográficas e de escolta, à ilha de Wake, em Outubro de 1943 e a Palau, em Março de 1944, quando a Marinha atacou com os seus porta-aviões. A esquadilha também localizou objectivos para as forças de choque, metralhando Rabaul e Kavieng; mas foram os seus vôos de exploração e reconhecimento que mais a fizeram distinguir.

Apoiando o avanço das forças de choque, a Esquadilha VB-106 fornecia diariamente aos comandos navais relatórios completos sobre a área compreendida, 1.600 quilómetros em redor. Foram os seus «Liberators» que tornaram possíveis os desembarques em Biak,

(Continua na página 18)

## Ô estadista e ô político

O estadista pensa sempre que pertence à nação; o político sabe que a nação lhe pertence.

(De: *Bsuking*)

## Constância masculina

Quando Lord Kitchiner se encontrava na Índia, recebeu um dia um pedido de um jovem membro do seu quartel general, que desejava uma licença a fim de ir a Inglaterra contraír matrimonio.

— Ainda não tens 25 anos, Jorge — respondeu Lord Kitchiner — espera um ano e, então, se ainda quiseres casar-te, terás a tua licença.

Passou um ano. De novo o jovem oficial pediu a licença.

— Ainda te queres casar? — perguntou Kitchiner.

— Sim, Sir.  
— Muito bem — replicou o general — para dizer a verdade nunca julguei que houvesse tanta constância masculina neste mundo.

O oficial fez meia volta e dirigiu-se para a porta. Ai, porém, parou e, voltando-se de novo para o general, disse:

— Obrigado, Sir; porém, não se trata da mesma rapariga.

(De: *Humours Anecdotes*)

## Inteligencia feminina

Uma rapariga inteligente é aquela que sabe recusar um beijo sem, no entanto, deixar de recebê-lo.

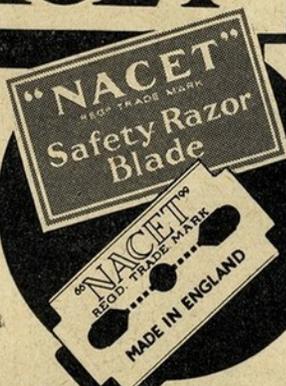
(De: *Tidings*)

# LAMINAS "NACET"

Se emprega uma máquina de três furos torná-la-á moderna se a utilizar com Lâminas Nacet. Ao contrário das outras lâminas de preço reduzido, a Lâmina Nacet é de qualidade uniforme — cada lâmina, de cada pacote dar-lhe-á uma notável série de barbas perfeitas — ao mais baixo preço possível, para tanta eficiência

"Lâminas  
boas e baratas"

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA



## BOA NOITE...



O Harper's Bazaar, de Londres, mandou-nos este modelo de pijama para as nossas pequeninas leitoras Gastam?

# Victor Nevoa

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO

HAMMERMILL PAPER COMPANY  
GILBERT PAPER COMPANY  
WALKER GOULARD PLEHN CO. INC. — NEW YORK

Papéis de 1.ª qualidade para todos os fins

JOHN KIDD & COMPANY, LTD., Wolverhampton

Tintas de impressão, para tipografia, lito, offset e folha de Flandres. Massa de rolos.

HUNTER PENROSE, LTD., Londres

Produtos químicos, zinco e máquinas para fotogravura e foto-litografia.

THE RICHARD BEST PENCIL COMPANY, New York

Lápis de 1.ª qualidade

GERARD BROTHERS, LIMITED, Nottingham

Glicerinas, sabonetes, perfumarias

C. A. WOOLSEY PAINT & COLOR COMPANY, New York

Tintas para pintura, esmaltes e preparados, para tôdas as aplicações. Tintas para navios

STEPHENSON BLAKE & CO., LTD., Sheffield

Tipos de Impressão

THE MARCONIPHONE COMPANY, LTD., Hayes

Receptores e válvulas de Rádio "G. MARCONI".

Rua da Victória, 7-2.º — Telef. 23394

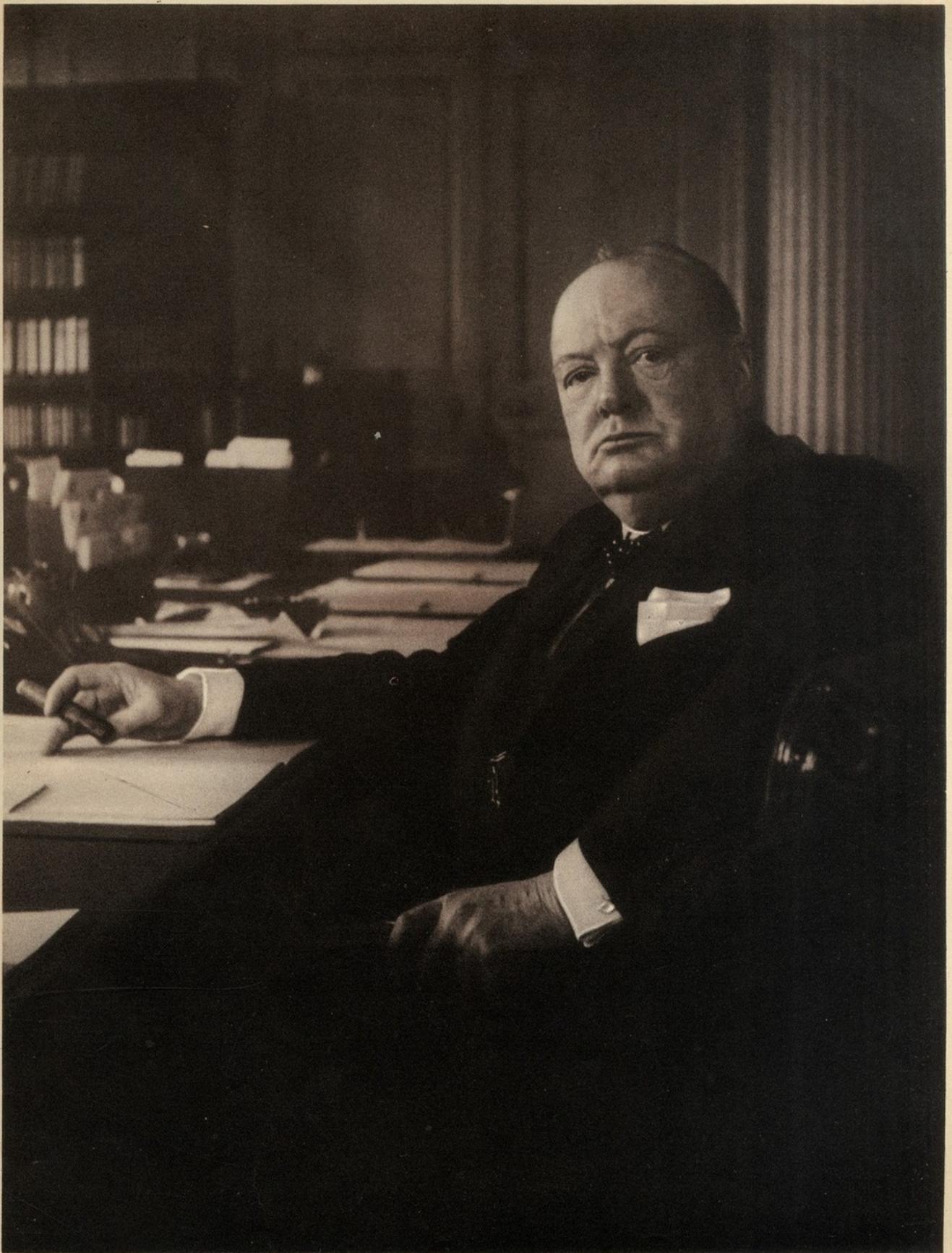
L I S B O A

# MÁRIO SILVA

AGENTE DE  
NAVEGAÇÃO

Rua das Flores, 81, 2.º  
L I S B O A

TELEFONES  
29696-21084-23343



CHURCHILL  
o homem que salvou a Europa

*Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Lisboa*

# ELAS VENCERAM



Seja prático e económico  
viaje na **C. P.**

INFORM.: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Tel. 24031 no Porto: — na estação de S. Beato — Telef. 1722

**E**LAS souberam vencer, nos campos, nas oficinas, no mar, nos ares e, sobretudo, no coração dos soldados. Foram elas, durante muitos meses, que, na Grã-Bretanha e, mesmo, lá longe, nas várias partes do Império, foram a retaguarda de trabalho, de persistência, de vontade e de heroísmo. Lavraram terras, fundiram as munições, encheram de alegria as cidades apagadas, souberam amar e sorrir. Foram elas, afinal, que semearam e colheram o trigo da vitória.

PAPELARIA

Camões

de **AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, L.<sup>DA</sup>**

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO, LIVROS PARA ESCRITURAÇÃO COMERCIAL, MATERIAL ESCOLAR, DESENHO E PINTURA, CANETAS DE TINTA PERMANENTE, ENCADERNAÇÕES, TRABALHOS TIPOGRÁFICOS ETC..

BOAS QUALIDADES  
OPTIMOS PREÇOS

42, P. Luís de Camões, 43

Telefone  
2 3063

L I S B O A

Soc. Com. Carlos Farinha, L.<sup>da</sup>

Rua dos Sapateiros, 30-3.º

LISBOA

Agentes Depositários de

SPECIA  
RHÔNE-POULENC  
FRANCOLOR

Medicamentos especializados  
Produtos químicos e farmacêuticos

Anilinas

Extractos tintóricos e tanantes

**James Rawes & C.º**

47, RUA BERNARDINO COSTA

Telef.: 23232-3-4

Teleg: RAWES-LISBON

**LLOYD'S AGENTS**

Agentes da:

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

(Carreiras regulares de passageiros e carga e serviço de correio entre Portugal e a Grã-Bretanha).

NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOCIETY LTD.

Estabelecida em Portugal desde 1824.

(Efectuando seguros de Fogo, Automóveis e Bagagem).

ROYAL MAIL LINES LIMITED

PENINSULAR & ORIENTAL STEAM NAVIGATION C.º

CANADIAN PACIFIC STEAMSHIPS LTD.

HOULDER BROTHERS LTD.

LIMERICK STEAMSHIP COMPANY LTD.

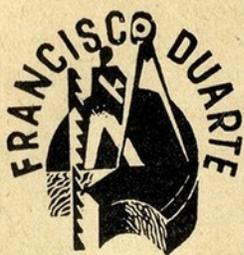
Etc., etc..

SALVAGE ASSOCIATION — LONDON

LIVERPOOL & GLASGOW SALVAGE ASSOCIATIONS

BOARD OF UNDERWRITERS OF NEW-YORK

Etc., etc..



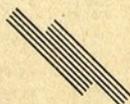
42, R. da Vinha, 42-A  
Telefone 21483

**LISBOA**

**TRABALHOS DE**  
**Carpintaria e Marcenaria**  
**Recortes, Letras em**  
**Madeira e Cortiça**

**EXPOSIÇÕES**

**GRAFICOS**



#### Tractor-tanque para salvamentos submarinos

Os caçadores de tesouros, no fundo do mar, podem atingir novas profundidades, utilizando um novo «tractor-tanque», recentemente inventado nos Estados Unidos, com capacidade para duas, pessoas numa câmara hermética.

O aparelho desloca-se com auxílio de lagartas que o conduzem para o fundo do mar, enquanto gruas instaladas nos cantos e em cima recolhem o tesouro. Segundo os seus inventores, Charles G. Warren e o tenente Harry E. Rieseberg, que construíram um modelo, o «tractor-tanque» pode ser arreado de bordo de um barco até à profundidade de 600 metros. Os inventores supõem, ainda, que os tripulantes do aparelho podem permanecer, no fundo, dez a doze horas seguidas. O oxigénio seria transportado em tanques, eliminando as habituais linhas aéreas.

#### Fotografias rádiográficas

Em 1929, W. Linnik, do Instituto de Optica de Leninegrado, previu a possibilidade de obter fotografias radiográficas de cristais, empregando um feixe divergente, em vez do feixe cilíndrico habitual.

Esse método foi desenvolvido, muito recentemente, e com grande êxito, no Instituto Real de Londres e deverá tornar-se de grande utilidade para os cristais de pouca duração, porque as exposições necessárias só são da ordem de poucos segundos. Quando um feixe fino de raios X é reflectido pelos planos dos átomos em um só cristal, os feixes reflectidos

que forem fotografados aparecem como nítidas manchas negras sobre fundo claro. Quando se emprega um feixe divergente, todavia, o fundo é muito mais escuro e as manchas espalham-se, formando curvas e produzindo um efeito um tanto semelhante a um leque. Além das curvas de reflexão, que são negras, aparecem também na fotografia muitas curvas de difracção, isto é, linhas que são mais claras do que o fundo geral, devido ao facto da irradiação ter sido removida do feixe original em certas direcções. As linhas negras e brancas produzem fotografias das quais se podem obter todas as informações que sejam necessárias para determinar, pelo menos em traços gerais, a disposição dos átomos no cristal.

#### Oceano artificial

As barcaças de desembarque utilizadas nas invasões pelas forças dos Estados Unidos, e fabricadas na zona cerealífera do Estado de Ohio, em estaleiros a grande distância do Oceano, são «lançadas à água» no único «oceano interior» artificial do seu género, que consiste num tanque com capacidade para 1.300 hectolitros de água. Da fase final de fabrico, cada barcaça é conduzida pelo ar, suspensa por cabos, até ao «oceano» de experiências, situado na extremidade da carreira de montagem. Enquanto cabos de aço evitam que a barcaça salte para fora do tanque, um operário, junto ao quadro de comando e ao leme, no lugar do piloto, aumenta gradualmente a velocidade dos «Diesels» até que se produzam cachões de espuma. A barcaça, entretanto, é movida pelas vagas que ela própria produz. Cada experiência dura duas horas.

TELEFONE 22074



RUA NOVA DA TRINDADE, 18-A a 18-D

UMA NOVELA

# ANTONINHO

DE GUEDES DE AMORIM

QUANDO o sono estava quasi a fechar-lhe os olhos, ouviu a voz da mãe:

— O António tem de ir passar umas semanas a Magueja. Não o ouviste tossir esta tarde? Anda assim há muito. O ar dos pinhais deve fazer-lhe bem.

O pai, na sua voz rouca, disse a seguir:

— Pois sim. Po-le partir àmanhã ou depois. Mas, convém dar-lhe os géneros para êle comer. Sabes que, em casa de tua familia, há sempre dificuldades.

Trocaram-se, ainda, entre os seus progenitores mais algumas palavras, que êle não chegou a compreender. A seguir, o silêncio e a escuridão dominaram o quarto contíguo.

Enrolado o cobertor, Antonio ficou com o olhar espetado na negrura, a pensar nos avós e nas tias. Nunca havia subido a Magueja, à casa dos seus avós maternos. Duas, três vezes, tinha-os visto a ambos, ali, na vila, em casa de seus pais. O avó, alto, com o cabelo todo branco, andava com dificuldade, parecia mesmo, muito

doente; a avó, também muito alta, silenciosa, mexia suave e constantemente os lábios, como se rezasse uma perpétua oração.

Guardava, dessas visitas, na sua retina de menino, duas doces imagens de agrado e melancolia. Muitas vezes, na volta da escola, recordava com pena os dois velhos. O pai e a mãe, sempre que podiam, mandavam-lhes, pelo Rodrigues, do correio, que vinha à vila todos os dias, dinheiro e coisas de comer. Todavia, eram espaçados, muito espaçados mesmo, tais auxílios. Os dois velhos, por isso e por tudo, não deviam ser felizes. Isto astraía o pequeno António para os avós. Estimava-os, lastimava-os, sofria com a sua existência despida de confortos.

O pai, com o seu magro mester de alfaiate, na vila, também não vivia de modo tão largo que lhe fôsse possível auxiliar melhor os sogros. Muitas, muitíssimas ocasiões, António o havia ouvido falar com a mãe da necessidade de fazer tais e tais economias. Tinha muitos fregueses que se atardavam a pagar-lhe. Se assim não succedesse, pensava agora o pequeno, os avós lá na sua casa da serra, em Magueja, poderiam viver mais felizes. Ao mesmo tempo, entretanto, crescia-lhe no peito desejo veemente de abraçá-los. Não queria, não desejava dormir essa noite, ansioso pelo dia seguinte. E, por isso, mentalmente, agradecia, não sabia a quem, a tosse seca que nas últimas semanas o perseguia com frequência.

\* \* \*

Chegou Antoninho, acompanhado pelo Rodrigues, o do correio, e os avós receberam-no com lágrimas de alegria. Cada um dos velhos disse-lhe, à sua maneira, que êle era a felicidade que lhes entrava em casa. Antoninho, de principio, supôs que êles se referiam aos quilos de arroz, batatas e bacalhau que os pais lhe tinham dado para levar. Logo, porém, ver ficou que louvavam, e por isso mesmo encareciam o seu aparecimento, de modo sentimental.

— És o sol que volta às nossas vidas — disse-lhe a avó, repetidas vezes, os olhos embaciados de pranto.

Antoninho era carinhosamente tratado pelos velhos. Muitas vezes, o avó acompanhava-o nos seus passeios matinais ou vespertinos, pelos pinhais. Contava-lhe histórias e respondia sempre, prontamente, às suas sucessivas perguntas. Mais frequentemente, todavia, era a Adelaide, uma viúva que sofria também do peito, que o levava consigo, numa procura fraterna de ares fortes e de saúde.

O pequeno comia, agora, com excelente apetite. Pouco a pouco, a tosse foi-lhe desaparecendo. Estava bonito, estava forte. Pelo Rodrigues mandava dizer, todas as semanas, aos seus progenitores, que a sua saúde, de dia para dia, se tornava mais excelente. Entretanto, relacionado com outros pequenitos da sua idade, ocupava

(Conclui na pág. seguinte)

# PORTO BORGES

SOCIEDADE DOS VINHOS BORGES & IRMÃO, L.<sup>DA</sup>

PÔRTO-LISBOA — PORTUGAL

## União Eléctrica Portuguesa

S. A. R. L.

SEDE — Rua Duque de Loulé, 240 — PORTO  
Telefone 2828-2829-4830-Est. 90

DELEGAÇÃO

Rua António Maria Cardoso, 13-2.º — LISBOA  
Telefone 27232-27233-Est. 365

## Electricidade do Lindoso e das Centrais do Freixo e da Cachofarra

A União Eléctrica Portuguesa distribue e vende nos distritos de VIANA DO CASTELO, BRAGA, PORTO, AVEIRO, COIMBRA, VISEU, LEIRIA, SETUBAL e Évora pela mais extensa rede de alta tensão em Portugal (mais de 1.200 km), levando força motriz às FÁBRICAS e luz a CIDADES, VILAS, ALDEIAS E LUGARES.

A U. E. P. facilita a electrificação de fábricas e oferece as maiores vantagens nas suas tarifas. Consultar a U. E. P. e consumir a sua energia é proveitoso negócio

A EXECUÇÃO RÁPI-  
DA DE TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS  
EM TODOS OS  
GÉNEROS  
O  
G  
R  
A  
F  
I  
C  
A LISBOA

RUA LUZ SORIANO, 94

TELEFONE 28221

muito tempo as correrias e animadas brincadeiras. Tinha as suas amigas. Nada lhe faltava. Os amigos da vila, raro lhe lembrava; e, mesmo, se lá não tivesse os seus queridos pais, certamente a esqueceria com facilidade.

Gostava muito dos avós, que aproveitavam todos os momentos para o aparecer, dando-lhe de comer sempre que ele o pedis, atendendo, constantemente, nos acanhados limites das suas posses, os seus desejos.

Um dia, porém, surpreendeu a avó a dizer ao marido:

— O Antoninho come muito pão. Já estamos empenhados com o pai-de-ro. Por sua vez, o moleiro não nos quer já fiar farinha...

O avó disse apenas:

— As crianças comem apenas muito pão.

No outro dia, de tarde, ao querer abrir a arca do pão, Antonito encontrou-a fechada. Então, na sua mente acanhada, desenvolveu-se este dramático pensamento:

— Querem matar-me à fome!

E, imediatamente, se pôs a fazer lústmaveis considerações sobre os avós... Deviam o que tinham em casa, deviam muitas coisas a seus pais. Era certo que, havia duas semanas, a mãe de Antoninho estava doente, e da vila, o homem do correio, nada mais lhe tinha trazido. Mas, antes? O arroz, o bacalhau e o açúcar, que trouxera, tinham sido comidos também pelos dois velhos...

Queriam matá-lo à fome, não havia mais que ver. Deitou um furioso olhar à velha caixa do pão, que ficava mesmo à entrada da porta, em frente da lareira, e decidiu sair-se da companhia dos avós. Tal como estava, descalço, e em mangas de camisa, logo resolveu abalar para a vila. Em casa de seus pais, podiam negar-lhe tudo, mas nunca, mesmo nunca, lhe negariam um pedaço de pão.

Deitou a andar, cortando a aldeia, na direcção da vila. A dois ou três pequenos, seus companheiros de brincadeiras, disse que nunca mais voltaria a Magueja, por causa dos avós lhe terem fechado a arca do pão. Os outros, vendo-o enrubescido, com lágrimas nos olhos, ficaram tristes, e, de volta a suas casas, contaram às suas respectivas famílias a decisão de Antonito. Não tardou, por isso, que a triste nova chegasse ao conhecimento dos dois velhos. Estes olharam-se, aterrados. Seria realmente verdade? Ambos correram a casa curiosos, aflitos, à procura do neto. O velho foi o primeiro a deixar-se convencer, definitivamente, de que o pequeno havia realmente fugido.

— Eu vou por ele — disse à mulher. — Eu vou buscá-lo!

Foi spanhá-lo já na encosta de Penude:

— António! — chamou, aflitivamente. — O Antoninho, espera.

O pobre avó, bufando, suando, louco de sofrimento, uma vez chegado junto do neto, perguntou-lhe:

— Para onde ias, Antoninho?

— Para casa de meus pais...

— E porquê? Porque nos deixavas assim?

O pequeno envergonhou-se de dizer a verdade. Sentia pena do bom velho que susva e tremia abraçado a ele: sentia também remorsos de tê-lo abandonado, assim como à avó.

— Eu sei porque fugiste, Antoninho. Anda comigo, meu amor.

Eu sei de tudo. Nunca mais te faltará pão. A caixa estará sempre aberta. Anda comigo...

O pequeno subjugado mais pelo sofrimento do velho do que pelas suas próprias palavras, deixou-se reconduzir a Magueja...

# Fábrica de Louça de Sacavém, L.<sup>da</sup>

FUNDADA EM 1850

## MOZAICOS CERAMICOS

O mais belo, mais duradouro e mais higiénico dos pavimentos.

## LOUÇAS SANITÁRIAS

Aspecto e fabrico inexcedíveis

## AZULEJOS BRANCOS E DE CÔR

## PAINÉIS ARTÍSTICOS

## LOUÇAS DE USO DOMESTICO

Séde:

126, Rua da Prata, 132

Exposição e Vendas:

49, Avenida da Liberdade, 57 — LISBOA

Filial do Pôrto:

Rua das Carmelitas, 40

Filial de Coimbra:

Rua Dr. Manuel Rodrigues, 13

# VILARINHO & RICARDO, Limitada

Completo sortido de artigos de mercearia fina, Confeitaria

Agentes Depositários e distribuidores do

«Chá Celeste»

e das afamadas conservas

«La Rose»

de Feu Hermanos de Portimão e do Vinho Pôrto, Rainha Santa

230, Rua da Prata, 232  
L I S B O A  
TELEFONES 21711 e 20635

Peçam  
sempre

SERRADAYRES

Vinho fino de mesa



Serradayres, L.<sup>DA</sup>

Rua do Alecrim, 47-B

LISBOA

Vasco Dias

M. Galvão

ESTABELECIDO DESDE 1890

Sucessor de Joaquim Dias M. Galvão

Depósito de Tabacos e Papelaria

A casa que há mais de meio século, vem bem servindo

46 - C, Avenida Almirante Reis, 46 - D

Telefone 45245 — LISBOA

Sociedade

Tipográfica, L.<sup>da</sup>

Fornecedora  
do Estado, Bancos,  
Companhias,  
Comércio  
e Indústria

ENCADERNAÇÃO  
TIPOGRAFIA  
ARTIGOS DE  
ESCRITÓRIO

Execução perfeita e rá-  
pida de impressos em  
todos os géneros



Telet. 23701-Lisboa

Trav. das Meroês, 4, 6, 8 e 10

(ao Calhariz)



O enxugador  
ideal  
para escrita

Prático, elegante  
e, sobretudo

**Económico**

Exija no seu fornecedor

Os olhos  
da Inglaterra

Noites inteiras de vi-  
gília, perscrutando o  
céu, nos postos de  
observação da arti-  
lheria anti-aérea. A  
Luftwaffe foi impla-  
cavelmente destruída



A mais antiga casa  
H O L A N D E S A  
na Africa Portuguesa

*Zuid-Afrikaansch Handelshuis*

Filiais:

LOURENÇO MARQUES

MOÇAMBIQUE

BEIRA

LUANDA

LISBOA

PORTO

# HALCÁ

# HALCÁ

## CARPETES, TAPETES E PASSADEIRAS

O MELHOR FABRICO PORTUGUÊS

Largo de 1.º de Dezembro, n.º 4-1.º

# HALCÁ

PÓRTO — TELEFONE 7507

# HALCÁ

## Quem inventou o "HALIFAX"

SIR FREDERICK HANDLEY PAGE, o inventor do famoso bombardeiro quadrimotor «Halifax», principiou a sua carreira como um dos pioneiros da aeronáutica quando contava vinte e poucos anos. Desde o princípio dedicou-se e concentrou toda a sua atenção ao desenvolvimento de aparelhos grandes. Enquanto outros pioneiros trabalhavam em aparelhos destinados a transportar um ou quando muito dois homens, o jovem Handley Page pensava nos grandes paquetes aéreos que um dia haviam de transportar 30, 40, ou mesmo, 50 passageiros.

Nasceu na Inglaterra, em Cheltenham, e foi educado numa escola de engenharia e mais tarde principiou a trabalhar como engenheiro eléctrico.

As suas primeiras experiências de aviação principiariam já em 1906, três anos antes de Bleriot ter voado, pela primeira vez, o Canal da Mancha. A despeito dos primeiros desânimos que seguiram os passos dos pioneiros da aviação, Handley Page persistiu: recusou mesmo uma tentadora oferta de grande salário feita

por uma das maiores firmas de material eléctrico dos Estados Unidos.

O seu primeiro aparelho a obter êxito foi um monoplane com um pequeno motor de 50 cavalos. Esse aparelho sobrevoou Londres em 1911.

Durante a última guerra ele foi célebre por ser o único fabricante de bombardeiros gigantesco, contandose muitas vezes a história autêntica de que, próximo dos fins de 1918, só a assinatura do Armistício é que livrou Berlim, apenas por alguns dias, de um bombardeamento aéreo. Os aparelhos de Handley Page estavam prontos com depósitos de gasolina suplementares para a longa viagem.

Depois da guerra o seu nome tornou-se famoso por ser o fabricante dos aparelhos altamente luxuosos ao serviço da Imperial Airways.

Esta guerra encontrou-o pronto uma vez mais, desta vez com o poderoso quadrimotor de bombardeamento «Halifax», utilizado em grande número nos violentos ataques aos centros das indústrias de guerra da Alemanha.

LE CRAYON SUISSE



LE MEILLEUR  
LE MEILLEUR MARCHÉ

## Victória Hotel

LISBOA — Avenida da Liberdade, 170

O mais moderno  
Todo o conforto

Enderço telegráfico: VICTORIAOTEL — Lisboa

## Hotel Atlântico

MONTE-ESTORIL

A melhor situação. Grandes terraços  
Quartos com balcão privativo sobre o mar

Enderço telegráfico: ATLÂNTICO ESTORIL

## Grande Hotel do Pôrto

O MELHOR DO  
NORTE DO PAÍS

PORTO — Rua de Santa Catarina, 197

Enderço telegráfico: GRANDOTEL — Pôrto

## Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161

TELEFONE 2 4264-65 P. B. X.

LISBOA

RUA SÁ DA BANDEIRA, 166

TELEFONE 1361 P. B. X.

PÓRTO

### SECÇÕES DE

Alfaiataria e Camisaria para homens e Rapazes, Modas e Roupa branca para Senhoras e Crianças. Sêdas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões. Decorador, Estofador, Cintas e Souliers. Peles confeccionadas e a retalho. Relozaria, Luvária, Perfumaria, e todos os artigos para homens, Senhoras e Crianças

PREÇOS FIXOS E MARCADOS EM TODOS OS ARTIGOS

ON PARLE FRANÇAIS — ENGLISH SPOKEN



ROOSEVELT  
o maior Presidente dos Estados Unidos

*Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Lisboa*

# VILAS & VILAS

Rua 1.º Dezembro,  
45-2.º-D.

TELEFONE 22346  
LISBOA

Representantes  
e Depositários de

João Duarte & C.º  
L.ª - BARCELOS

Fábrica de Malhas  
do Ameal, L.ª

P O R T O

Fábrica de Malhas  
de S. Braz, L.ª

P O R T O

Xavieres, L.ª  
GUIMARÃES

e das importantes

Fábricas Suecas

A/B B. A. Hjorth  
& C.º, Stokholmo

Fabricantes dos afama-  
dos Fogões, Lanternas e  
Maçaricos PRIMUS.  
Ferramentas BAHCO  
para a indústria  
e Automóveis

Bolinder's Fabriks,  
Stockholmo

Máquinas de picar carne  
IDEAL, Moínhos, etc.

## Profecias queimadas...

O episódio que passamos a narrar decorre em Berlim, algum tempo depois de acabada a guerra.

Certa tarde, um automóvel de luxo parou à porta do Ministério das Informações. Um cavalheiro alto, falando um inglês carregado, dirigiu-se a um empregado:

— Faz-me o favor — diz com ligeiro sorriso — sou um tanto esquecido, e há muito que perdi o contacto com todos vós... tenho estado ausente, compreende. O que aconteceu àquêle fulaninho de bigode... como se chamava êle?...  
— O senhor refere-se a Hitler. Vai muito bem. Actualmente vive no campo e dedica-se à pintura paisagística, com bons resultados.

— Bem vejo — continua o desconhecido — e aquêle... aquêle meio gorducho que tinha a man'a das medalhas, onde pára?

— Goering, Sir? Ah, esse, está actualmente empregado numa fábrica de medalhas religiosas.

— E o outro... aquêle que tinha uma perna mais comprida que a outra?

— Goebbels, Sir? Está numa agência de propaganda.

— Tem graça... — continuou o desconhecido — como o tempo passa...  
O empregado então ponderou:

— Na verdade, o senhor parece ter andado muito afastado destas coisas... posso saber o seu nome?

— Naturalmente, meu caro — respondeu o cavalheiro — sou Lord Hess.

De «New York Times»

## O primeiro...

Parece que o primeiro alemão a empregar a palavra NAZI foi Carl Hans Lodi que numa carta a um tal J. Stammer, datada de 27/9 de 1914, assinava assim: NAZI.

Note-se que a palavra «nazi» é o resultado das iniciais do partido nacional socialista alemão, e, que em 1914, tal partido não existia ainda.

De «Daily Express»

## Os guindastes «arranha-céus»

Erguendo-se muito acima de uma grande estrutura de aço, na represa Fountana, uma das obras de hidráulica da administração do Vale do Tennessee, vêem-se dois enormes guindastes de aço, móveis sobre carris, que se elevam 120 metros acima do solo. Cada guindaste ergue uma carga de 10,5 toneladas e coloca-a em qualquer posição desejada, ao longo da estrutura de aço. Uma instalação eléctrica de elevação permite que esta seja feita rápida e suavemente. Uma carga máxima é arreada à razão de 115 metros por minuto e um depósito vazio é devolvido à velocidade de 230 metros por minuto.

Seja prático e económico

viaje na



Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

# ACIL

Agência Comercial e Industrial, L.ª  
IMPORT. — EXPORT.

COMISSÕES e CONSIGNAÇÕES

TELEF. 2 7677 - Praça da Ribeira Nova, 6-2.º - TELEG. ACILDA

Lisboa - Portugal

Distribuidores Gerais em Portugal

de: Pittsburgh Crucible Steel  
Company - de New-York  
para fôlha de Flandres Americano.

de: Baxter, Fell & C.º Ltd. - de  
Londres — para Fôlha de Flandres  
Inglêsa e Bidons de Ferro e Galvanizados.

da: Sociedade Nacional de  
Sabões, Ltd. — para os óleos de  
Mendobi para a Indústria de Conservas

ARMAZÉNS EM:

Matozinhos

Setúbal

Olhão

Portimão

### Velha verdade

Um visitante ilustre, perguntou um dia ao rei da Prússia: «E como difiniria Vossa Magestade o sistema inglês?» «Os ingleses — replicou Frederico, o grande — não têm sistema».

(De «Tortnightly», Londres)

### Os Estados Unidos na guerra

Os Estados Unidos sofreram quasi 750.000 baixas na ofensiva aliada para a vitória sobre a Alemanha.

Tais baixas foram sofridas durante um periodo de dois anos e meio e tiveram lugar em territórios desde o Norte de Africa até ao coração da Alemanha. Por alturas de 31 de Março, vinte e cinco dias antes da junção das tropas americanas e russas, no rio Elba, no coração do território inimigo, as baixas sofridas pelos Estados Unidos nos teatros de operações da Europa e do Mediterrâneo haviam subido a 681.959, segundo as cifras oficiais anunciadas em 26 de Abril.

Em Novembro de 1942, os aliados desembarcaram na Africa do Norte, onde, durante uma campanha de seis meses, 18.558 membros do Exército dos Estados Unidos foram mortos, feridos ou desapareceram. Porém, os alemães foram expulsos pelos aliados de todas as suas posições no Mediterrâneo.

Na Sicília, o exército sofreu mais 8.404 baixas, numa operação que durou 38 dias, mas,

# Old England Sarmiento & C.º

Rua Augusta — Esquina S. Nicolau

Executa, por medida, todo o género de  
vestuário para homens e meninos.

AS MELHORES QUALIDADES  
OS MÍNIMOS PREÇOS

# C I D L A

Combustíveis Industriais e Domésticos — S. A. R. L.

RUA DO ALECRIM, 73 — LISBOA

Oleos de  
Lubrificação

Para

AUTOMÓVEIS

INDUSTRIA

E MARINHA

GAZCIDLA

O melhor

combustível para

usos domésticos e

industriais

Filiais no Porto e Coimbra e Agências em todo o País

## GOURINHO, LIMITADA



ESTORIL

Loja, 20-Parque Estoril

Telefone 96



Chauffage  
I. sanitária  
Electricidade  
T. S. F.  
Desenhos  
Orçamentos e  
reparações

Peçam

## Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Gerez

Vinhos do Pôrto

Tio Pepe

Amorosa

A. B.

Nectar

Solera 1847

Jerez

3 Copas

Soberano

Insuperable

Aguardentes  
Jerezanas

Superior Tawny

Special Tawny

Port in Sight

«54 Port.»

Vinhos do Pôrto

Desositários:

**Garland, Laidley & C.º Ltd.**

10, Travessa do Corpo Santo, — LISBOA

Telefone 2 3311

mais uma vez, o inimigo viu-se forçado a ceder terreno. Em Setembro de 1943, os aliados desembarcaram na Itália meridional, iniciando, assim, a longa caminhada em direcção ao norte da Península. Até 31 de Março, imediatamente antes da explosão dos alemães da Itália industrial do Norte, essa ofensiva custou aos Estados Unidos um total de 140.112 baixas, incluindo 31.528 mortos.

Entretanto, as tropas aliadas, desembarcadas em França em Junho de 1944, avançaram pela Europa ocidental para se juntarem aos russos. Atravessando a França, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo e a Alemanha, os aliados avançaram para leste, castigando poderosamente o exército alemão, e libertaram países que durante cinco anos haviam sofrido sob o jugo nazi.

Para conseguirem estas vitórias, 96.890 soldados americanos haviam, até Março sacrificado as suas vidas na Europa ocidental. Além destas, as baixas sofridas incluíam 330.505 feridos; 55.873, desaparecidos e 31.597 prisioneiros — num total 514.865.

A par das perdas sofridas pelo exército dos Estados Unidos, nos teatros de guerra do Mediterrâneo e da Europa, vários outros milhares de combatentes americanos perderam a vida em barcos, nas suas bases no Atlântico e no Médio Oriente, cuidando em que os abastecimentos chegassem às tropas das Nações Unidas nos vários campos de batalha.

## Garland, Laidley & C.º, Limited

ESTABELECIDOS HÁ  
MAIS DE UM SÉCULO

Agentes de Navegação e  
Transitários

REPRESENTANTES DE

Blue Star Line  
Brocklebank Line  
Furness, Withy & C.º Ltd.  
United Fruit C.º  
Booth Line  
Cunard White Star Line  
Lampart & Holt Line  
Yeoward Line

LISBOA

Tr. do Corpo Santo, 10-2.º

PORTO

R. Infante D. Henrique, 131



# Empresa Textil da Cura, Limitada

Fábrica de Fiação  
e Tecidos de Algodão e mixtos  
com seda

SEDE E ESCRITÓRIO  
Rua Passos Manuel, 58  
TELEF. 1147 — PÓRTO

FÁBRICA  
Moreira de Cónegos  
TELEF. 4840 — VIZELA

## Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL | 7 000.000\$00  
6.545.810\$00  
13.545.810\$00

### SEDE EM LISBOA

Direcção e Escritórios  
Rua dos Fanqueiros, 278-2.º  
Telefones | Direcção 23623  
Escritório 22331

Depósitos  
Rua dos Fanqueiros, 270 a 276  
Tele | fone 22332  
gramas PELPRADO

Proprietária das Fábricas do Prado  
Mariana, Sobreirinho (Comar),  
Penedo, Casal d'Ermo (Louzã)  
Vale Maior (Hilbergaria-a-Velha)

**I**NSTALADAS para uma produção anual de oito milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua indústria. Tem em depósito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de máquina continua ou redonda e de forma.

# O Sorriso da Vitória!



## A. Lemos, Limitada

ALFAIATES-  
-MERCADORES

113, Rua Augusta, 115

TELEF. 26956

L I S B O A

*SIM, o leitor sabe isso muito bem. Mesmo sem o esforço extraordinário que a mulher americana dispendeu nesta guerra, em todos os sectores indispensáveis à construção da vitória, o seu sorriso bastava para que os soldados da América compreendessem a sua missão nos campos de batalha. Pois, simbolicamente, na estrêla de um dos grandes bombardeiros que bateram o inimigo em todos os céus do mundo, a mulher americana sorri, confiante no futuro que os homens da sua pátria, ao lado de todos os seus irmãos de armas das grandes Nações Unidas, souberam preparar*

Seja prático e económico

viaje na



Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no PóRto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722



William Hinton seu fundador

1845

# A FABRICA DO TORREÃO

1945



Harry Hinton seu actual proprietario

Um século vai decorrido que o subdito britânico William Hinton fundou no Funchal a Fábrica do Torreão destinada ao fabrico do açúcar então ainda quasi que em ensaios, não tendo certamente previsto a influencia que ela viria a ter na vida económica de toda a Ilha da Madeira.

Desenvolvendo-se progressivamente sob o impulso de Harry Hinton, seu filho o successor, que inteiramente se dedicou ao aperfeiçoamento desta industria. Começou por esterilizar a cana Yuba, de melhor qualidade e maior rendimento, melhorando o fabrico para o que foi adquirindo os mais modernos maquinismos de forma a moer, em cada período de 24 horas, 450 a 600 toneladas de cana, até mesmo, em marchas forçadas, 650.

O açúcar produzido é consumido na Ilha e quando há excesso, este segue para o Continente,

Não são menos completas as instalações para o fabrico do alcool como as esterilização de melaços e de produção de fermentos esterilizados, dispondo de cubas de esterilização com a capacidade de 8.000 litros, com quatro aparelhos habilitados a produzirem em 24 horas também 4.500 litros a 40.º Cartier. E assim a Fábrica do Torreão

produz vários milhares de toneladas de açúcar, muitos milhares de litros de alcool com que se tratam os vinhos e servem a outras applicações industriais. Bastantes toneladas da folhagem de cana são usadas na alimentação para o gado empregando na importante industria de lacticínios e nos transportes, por último, os resíduos da moagem da cana que constitui o melhor adubo, cedido gratuitamente aos agricultores.

Esta industria interessando hoje todos os concelhos do arquipelago, tornou-se o mais firme esteio da economia madeirense, o que a sua população inteiramente reconhece tributando a Harry Hinton a mais sincera e amista sympathia como ainda recentemente se manifestou por ocasião de uma grave enfermidade que o acometeu e que bastante impressionou todo os madeirenses. Deve-se-lhe ainda uma importante plantação de bananeiras nuns vastos terrenos conquistados à Ribeira dos Socorridos, perto de Câmara de Lobos, cuja produção annual, consumida



Uma solenidade na Fábrica oferecida pelo proprietario quando dois dos seus operários foram agraciados pelo Governo

no Continente, ultrapassa já quinhentas toneladas. Por todas estas circunstancias o ano de 1945, em que esta Firma completa um século de actividade, constituirá uma data bem grata à população da Ilha da Madeira.

# CASA LEACOCK

(1760)

LISBOA

LEACOCK LTDA.  
(Lisboa)

Av. 24 de Julho, 16

DELEGAÇÕES

PORTO

R. Elísio de Melo, 41

COIMBRA

R. Sá da Bandeira, 7

BRAGA

Avenida Central, 68

ÉVORA

Avenida António Augusto  
de Aguiar, 33

FARO

Rua Santo António, 49-51

S. JOÃO DA  
MADEIRA

Rua do Visconde  
de S. João da Madeira



Funchal-Madeira

LONDRES

LEACOCK & C.º  
LTD.

197-Aldersgate Street

NEW-YORK

LEACOCK & C.º  
INC.

230-Fifth Avenue

TORONTO

LEACOCK & C.º  
LTD.

55-Wellington Street W.

# CASA BLANDY



A baía do Funchal, em tempo de Paz, coalhada de grandes navios, aspecto que brevemente ressurdirá

A Casa Blandy Brothers & Cia. Ltda., que representa a firma Blandy estabelecida por JOHN BLANDY na Madeira em 1811, contando, portanto, 134 anos de existência, é de origem inglesa mas fundada, mantida e expandida em terra portuguesa. Pela extensão e importância dos seus negócios tem sido, desde a sua fundação até hoje, um dos elementos de maior importância na vida económica da Madeira. Fundada como casa exportadora de vinhos foi, expandindo os seus negócios, dilatando a sua esfera de acção, criando novas formas de actividade e de tal forma se conduziu que a breve trecho conquistava uma situação de sólido e justificado prestígio nesse meio. Neste século e trinta e quatro anos de vida diversos foram os ramos de actividade que exerceu mas com os seus interesses sempre em paralelo com os interesses económicos da ilha onde desenvolve a sua acção. Expandiu-se o comércio de vinhos, impulsionou-se o negócio de carvão, construindo-se grandes estabelecimentos fabris, criam-se serviços como o de abastecimentos de águas e dos vapores costeiros de reconhecido interesse público, contribuindo em parte importantíssima para trazer à Madeira uma das suas maiores fontes de riqueza, a navegação transatlântica.

A Casa Blandy, ao seu esforço de tantos anos e à propaganda efectuada

## VINHOS DA MADEIRA

Constituem estes vinhos uma das mais importantes rubricas da exportação madeirense, sobretudo em circunstâncias normais, o que merece algumas considerações que contribuem para elucidação da sua evolução através os tempos.

Quando em 1416 foi descoberta a Ilha era esta apenas um vasto matagal de florestas-virgens que, segundo a tradição, levou sete anos a ser devorada pelo fogo. Como incentivo ao trabalho dos seus habitantes introduziu-se nela a cana de açúcar provida da Sicília e as uvas Malvasia, de Cândia, cujas culturas se foram desenvolvendo com estagnação dos sessenta anos da ocupação espanhola em que esta actividade não foi estimulada.

O Vinho da Madeira deveu a prosperidade de que gosou no século XVII a Carlos II que, em 1665, tendo proibido a exportação às Índias Orientais de quaisquer mercadorias manufacturadas na Europa que não fôsem carregadas em barcos ou portos ingleses, abriu uma única excepção para os vinhos dos Açores e Madeira que a poderiam ser directamente em Lisboa.

Alguns comerciantes ingleses aproveitaram esta oportunidade encorajando os vilões, que assim se dominam os camponeses ilheus, a plantarem bacelos onde antes cultivavam a cana.

Assim a prosperidade do Vinho da Madeira durante o século XVIII e a sua expansão pela América mais se accentuou porque os vinhos da França, Espanha e os outros nossos dificilmente se encontravam nesses mercados.

Terminada a guerra e restabelecida a normalidade nas relações comerciais do mundo este virá ocupar o lugar que legitimamente lhe pertence, um dos primeiros entre os melhores.

## ACTIVIDADES BRITANICAS NA MADEIRA

no estrangeiro deve esta Ilha, em grande parte, a afluência de navegação e de turistas que o porto do Funchal registava antes da guerra, sendo ainda agente de algumas das mais importantes companhias de navegação nacionais e estrangeiras.

São os negócios relativos ao porto, como fornecimento de água e de carvão, reparação de navios, facilidades à navegação, etc. que constituem o fulcro da actividade e como ramo secundário, mas de grande importância para o trafego local, possui um serviço costeiro de cabotagem, para carga e passageiros que, nos últimos anos, pela diminuição dos serviços de camionagem tão grandes benefícios tem prestado à população insular.

A Casa Blandy encontra-se directamente ligada à indústria de vinhos da Madeira. O seu fundador que chegara em 1801; já em 1811 se encontrava estabelecido com negócios de vinho, encontrando-se este hoje incorporado na «MADEIRA WINE ASSOCIATION», a que abaixo nos referimos, instalada no edificio tradicional da firma, à Rua de São Francisco, desta cidade.

Entre as várias actividades que têm sido exercidas por Blandy Brothers & Cia. Ltda. conta-se também o ramo bancário. Há mais de meio século é correspondente de antigas casas bancárias do Continente como sejam o Banco Lisboa e Açores, Banco Burnay e Banco Aliança, e assim o Blandy's Bank pelo volume, seriedade e importância das suas transacções, com o Continente e os mercados estrangeiros, goza na praça do Funchal do mais seguro crédito e prestígio.

Está também a mesma firma directamente ligada à fundação e ao desenvolvimento do Arsenal de São Thiago, importante estabelecimento fabril que tem prestado relevantes serviços ao movimento marítimo do porto pelas numerosas reparações de embarcações que tem efectuado, deu também um grande impulso à Indústria de Moagem e Panificação da Madeira à qual continua hoje associada através a Companhia Insular de Moínhos, sendo ainda associada à Ocean Island Fruit Co. Ltd. que desempenha papel importante no desenvolvimento frutícola da Ilha, dedicando-o à Indústria de exploração de cal e ao aproveitamento de águas potáveis, com evidente benefício para a população do Funchal.

Na Quinta do Palheiro, sua propriedade, recebeu Mr. John Blandy Suas Magestades, o Rei Don Carlos e a Rainha Senhora Dona Amélia, quando da sua visita à Madeira em 1901.

O actual chefe da firma é Mr. Percy Graham Blandy que pelas suas qualidades de inteligência e de trabalho é um digno continuador das magníficas tradições da família Blandy. Seu irmão mais novo, Mr. John Blandy, por motivo da guerra, encontrara ao serviço do seu país, na Índia.

## MADEIRA'S LEACOCK & C.º L. DA

QUASI DOIS SÉCULOS DE EXISTÊNCIA NO COMÉRCIO DE EXPORTAÇÃO DOS VINHOS DA MADEIRA

PROPRIETARIOS DOS FAMOSOS VINHEDOS DE SÃO JOÃO

AGENTES:

LEACOCK (LISBOA) LIMITADA

AVE. 24 DE JULHO 16—LISBOA

FUNCHAL - MADEIRA

## BLANDY'S MADEIRA L. DA

ESTABELECIDOS EM 1811

EXPORTADORES DE VINHOS VELHOS DA MADEIRA

AGENTES:

ABECASSIS (IRMÃOS) & C.º PRAÇA DO MUNICIPIO 32-LISBOA REPRESENTANTES EM TODAS AS COLÓNIAS PORTUGUESAS

FUNCHAL - MADEIRA

## POWER DRURY (WINE) L. DA

ESTABELECIDOS EM 1878

EXPORTADORES DOS MAIS AFAMADOS VINHOS DA MADEIRA

AGENTES DEPOSITARIOS:

JOSÉ LUÍS SIMÕES—LARGO DO CHIADO 16-17

FUNCHAL - MADEIRA



## ACABE COM ESSAS DÔRES NAS COSTAS

Muitos jovens, homens e raparigas, sofrem de dores nas costas. Por vezes, descuidam estes incômodos que se vão tornando mais frequentes. Poucas pessoas tomam medidas para porem fim a estas dores. Aqui, tendes, porém, uma boa maneira de agir:

Tomar tôdas as manhãs meia colher de chá de Sais Kruschen em meio copo de água quente, com o estômago ainda vazio. Kruschen auxilia o organismo a manter-se limpo de ácidos e venenos que causam as dores nas costas, reumatismo e outros incômodos. Muitas pessoas que usam Kruschen acham que depois de um curto espaço de tempo, êles lhes proporcionam alívios, dando-lhes uma pele limpa, olhos brilhantes e boa disposição.

Experimente uma «cura» Kruschen. Far-lhe-á bem. Kruschen vende-se em tôdas as farmácias a Esc. 17\$00 e 10\$50.

# KRUSCHEN

# Casa Travassos, Limitada

Rocio, 42 - Lisboa

Tabacos Nacionais e Estrangeiros das melhores Procedências e Qualidades



LOTARIA  
NACIONAL  
PORTUGUESA

## Desperdícios de algodão para limpeza

### Sr. Revendedor:

*Não deixe o crédito da sua casa por mãos alheias! Compre bem, para servir bem!*

*Se comprar os desperdícios FARGE, compra bem, e os seus clientes ficarão satisfeitos.*

*Dirija-se à Fábrica de Transformação*

## L. Farge, Limitada

R. do Freixo, 1291 — PORTO

Telefone 4494

*ou aos seus distribuidores exclusivos no Sul*

## VALADAS, LIMITADA

Calçada do Marquês de Abrantes, 1

Telefone 6 3113 — LISBOA

## B A T E R I A S AUTOSIL

ACUMULADORES DE CHUMBO  
inteiramente fabricados em Portugal

**Auto Electricidade**  
**A. A. SILVA**

Av. 24 de Julho, 26-B, 26-C — LISBOA — Telefone 61583

## MANUEL POUSADA

Casa especializada no fabrico de ferramentas para tôdas as indústrias, em qualidades e acabamentos absolutamente garantidos. Brocas para rôlha e discos, facas e lâminas de todos os tipos. Serras circulares para madeira, ferros plaina manual e mecânica, ferros de pua, trados, colheres de pedreiro, formões e badames, machos, verrumas, cançonetes, mandris, etc.

À VENDA NAS PRINCIPAIS CASAS DA ESPECIALIDADE

**Indústria Nacional**

(Telefone 47924)

Rua Carvalho Araújo, 68 Lisboa - PORTUGAL

## COMO SE BATEU

(Continuação da página 5)

enquanto a Marinha se encontrava ocupada na preparação do ataque a Saipan. Mais tarde, foi também ela que apoiou a passagem de barcos americanos por pontos onde a armada inimiga poderia intervir, para impedir as operações nas Marianas.

O capitão de fragata John Tucker, comandante da Esquadri-lha, pensa que serão os «Liberators» que precederão as tropas de choque quando estas forçarem as defesas interiores do inimigo, amolecendo a oposição e protegendo as esquadras contra possíveis ataques de surpresa.

Muitos dos elementos da Esquadri-lha VB-106 são veteranos dos dias sombrios que se seguiram ao ataque a Pearl Harbour. Todos êles se orgulham de que as sucessivas bases conquistadas aos japoneses nas ilhas do Pacífico constituem uma prova do resurgimento americano no Grande Oceano — Midway, Cantão, Baker, Funafuti, Guadalcanal, Munda, Nazdab, as Ilhas do Almirantado, Wake.

Ao terminar o serviço que lhe está actualmente confiado, a Esquadri-lha confia em que, brevemente, esta lista incluirá Kyushu Shikoku, Honshu e Hokkaido — ilhas metropolitanas do Império do Japão.

### Nada de confusões...

Uma pequena coluna de homens marchava, sob a vigilância de guardas armados, através de uma das principais ruas de uma cidade belga, recentemente libertada. Julgando que se tratava de rexitistas (membros do partido nazi belga) várias pessoas gritaram: «Morte aos rexitistas. Abaixo com êles.»

Um dos prisioneiros, ouvindo isto, dirigiu-se à multidão nos seguintes termos: «Não tendes direito de nos insultar dêsse modo. Não somos rexitistas. Somos apenas honestos assambarcadores.»

(De «Marine», Londres)

### Rol de Honra Britânico

O Império Britânico teve até 28 de Fevereiro de 1945, incluindo a guerra contra o Japão, 1.126.302 perdas, dos quais 306.948 mortos. No Reino Unido o número de mortos é de 216.287, isto é 70% do total da Comunidade e Império e quasi 45% do total dos aliados, no Ocidente. Junta-se a isso mais de 30.000 mortos na Marinha Mercante Britânica, quasi 60.000 civis do Reino Unido e cerca de 85.000 feridos. Abrangendo os civis que perderam a vida, quasi 80% de todos os subditos britânicos mortos na guerra eram da metrópole.

# O ECLIPSE MILITAR DA ALEMANHA

por J. G. Smyth

**C**OSTUMA dizer-se que, na guerra, o segredo do êxito consiste em concentrar grande número de homens e de material no local decisivo. O estado-maior alemão iniciou a segunda guerra mundial com uma enorme vantagem numérica. Contudo, a despeito de possuir os instrumentos, falhou em levar a cabo a tarefa. E, agora, sofreu a humilhação de ver as forças aliadas, cujos comandantes eram considerados com desprezo, triunfantes dentro das fronteiras do próprio Reich.

A presente guerra demonstrou que, embora para a vitória final sejam essenciais forças superiores, ela depende muito mais da competência dos generais do que duma simples vantagem numérica. Está habilidade em (1) concentrar forças na ocasião e no local propícios; (2) utilizar essas forças de forma a obter um melhor resultado no campo de batalha; (3) saber quando tudo se deve arriscar; (4) saber quando e onde se deve ceder terreno — «reculer pour mieux sauter».

Os chefes britânicos iniciaram a guerra sob os piores auspícios. Tiveram que desenvolver as suas primeiras campanhas vencendo toda a espécie de obstáculos. Porém, a situação que levou à vitória foi conquistada com grande previsão e com planos cuidadosamente elaborados dentro e fora do campo de batalha.

Durante todas as fases da guerra — na elaboração de planos, na luta em inferioridade numérica, depois em igualdade de forças e, por fim, com forças superiores — os generais britânicos revelaram-se nitidamente superiores aos alemães. Não estou a que-

*(Continua na pág. seguinte)*

O autor é antigo membro do Q. G. da Índia (Direcção da Instrução Militar) e instrutor da Escola Superior de Guerra de Camberley, na Inglaterra. Prestou serviço na Índia e na Birmânia, e comandou uma brigada em Dunquerque.



Os tanks ingleses entraram impetuosamente, irresistivelmente, através das cidades alemães. A alegria e intrepidez dos soldados juntava-se o poderio do seu excelente material pesado

## Casa Havaneza

FUNDADA EM 1867

LARGO DO CHIADO, 24/25

Telefone 2 0340

IMPORTADORA DOS  
MELHORES TABACOS E  
CHARUTOS DE TODAS AS  
PROCEDÊNCIAS. VARIADO  
SORTIDO PARA FUMADORES



## WHITE HORSE

Deliciosos cigarros ingleses

SEMPRE FRESCOS

À venda em todas as tabacarias

rer provar que os generais alemães são de categoria inferior. Isso seria um fraco elogio para os chefes aliados. O estado-maior alemão — graças, principalmente, à obtusidade política que reinou no período que decorreu entre as duas guerras — era considerado como tendo às suas ordens o instrumento de guerra mais poderoso e mais perfeitamente treinado que o mundo já mais vira. Concedendo que eles foram forçados por Hitler a empregar esse instrumento de guerra quatro anos antes do que tinha sido planeado, ainda assim devia ser considerado uma força avassaladora. Mas falharam em arriscar tudo numa invasão da Grã-Bretanha a seguir a Dunquerque, enquanto os chefes aliados — com pouco mais duma divisão completamente treinada e equipada dentro do país — correram o risco de enviar quantos tanques possuíam para o Médio-Oriente.

Já tinham compreendido a suprema importância do teatro de operações do Mediterrâneo. O estado-maior alemão deixou a Mussolini a conquista do Egipto — cometendo, assim, talvez, o maior erro da guerra.

A invasão da Rússia pelos alemães em Junho de 1941 foi, certamente, um grave erro de estratégia, embora a responsabilidade desse facto seja mais de atribuir a Hitler do que ao estado-maior alemão. Contudo, na condução da campanha russa, os generais alemães cometeram graves faltas. O exército alemão foi criado atendendo à velocidade mecanizada. Foi assim que ele foi empregado para vibrar os seus primeiros golpes profundos no exército russo, no verão de 1941. Tendo, porém, alcançado um grande êxito inicial com os ataques concentrados das forças motorizadas, os alemães tentaram conservar vastas regiões da Rússia espalhando as suas tropas por uma frente de milhares de quilómetros. Isto equivalia a cair nas mãos dos russos, com os seus recursos ilimitados em potencial humano e, por fim, tudo resultou numa desastrosa retirada em toda a frente oriental.

De facto, por meados de 1942, era notório que o estado-maior alemão não atendera ao princípio de concentrar o número superior de forças que tinha à sua disposição, nos pontos decisivos. Em vez disso, os seus exércitos do Ocidente estavam espalhados por toda a Europa. Por outro lado, os generais britânicos empregavam os seus recursos ainda fracos para o êxito decisivo, e, por alturas do Inverno de 1942 tinham concentrado forças terrestres e aéreas superiores, no teatro de operações do Mediterrâneo.

Contudo, isso, por si só, não bastava.

Rommel tinha tropas em número suficiente. Mostrava-se confiante e avançava com êxito. Porém, em pouco mais de seis meses de luta, o seu exército foi completamente derrotado. A união de Alexander, Montgomery e Tedder — sob a direcção suprema de Eisenhower — derrotou e ludibriou a cada passo os generais alemães. Na verdade, em Alexander e Montgomery — dois notáveis comandantes britânicos da presente guerra — surgiram dois generais mais hábeis e de maior imaginação do que quaisquer outros produzidos pela «Wehrmacht».

Mais tarde, Alexander demonstrou, em Itália, que o factor numérico, por si só, não conduz à vitória. Combateu e ultrapassou Kesselring desde a ponta da bota italiana até à Linha Gótica, num país que favorecia, particularmente, o inimigo.

O declínio dos generais alemães durante as últimas fases da guerra foi ainda mais acentuado; devemos, porém, recordar com toda a lealdade, as desvantagens em que os generais alemães se viram — entalados entre a inferioridade aérea e uma absurda interferência política.



DAVID  
JOALHEIRO

281 - RUA DA PRATA - 283  
LISBOA

5

Apresenta a sua maravilhosa  
coleção de JÓIAS em platina,  
ouro, prata e os melhores relógios

## Emprêsa Insulana de Navegação

Garreiras regulares entre:

**LISBOA, MADEIRA e AÇORES**

**Saídas em 8 de cada mês para:**

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa-Santa Cruz, S. Jorge-Calheta, Lages do Pico e Faial.

**Em 23 de cada mês para:**

Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa-Praia, S. Jorge-Velas. Cais do Pico, Faial, Corvo e Flores, Lagens e Santa Cruz.

AGENTES: em LISBOA:

**Germano Serrão Arnaud**

Carga e Passagens de 3.<sup>a</sup>

Av. 24 de Julho, 2-2.<sup>o</sup>

Telefone 20214

No Pôrto:

**J. T. Pinto de Vasconcelos, L.<sup>d</sup>a**

Na Madeira:

**Blandy Brothers & C.<sup>a</sup> Limitada**

Em Ponta Delgada:

**Bensaúde & C.<sup>a</sup> Limitada**

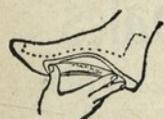
Passagens de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>  
R. Augusta, 152 - Tel. 20216

Chego, finalmente às operações da chamada «Segunda Frente» e à batalha de França que tão desastrosamente terminou para Hitler. Os planos e a condução de todas estas operações foram das mais brilhantes de toda a história da guerra. Os generais aliados cumpriram com pleno êxito o tipo mais arriscado de operações que há na luta. Montgomery obrigou Rommel a sujeitar-se aos seus movimentos e ludibriou-o a cada passo.

Mas foi, possivelmente, na guerra aérea que o estado-maior alemão foi derrotado por completo. Foi elaborando, corajosa e sagazmente, os seus planos, que os chefes aliados alcançaram completa ascendência sobre a «Luftwaffe», em tempos, toda-poderosa.

A criação do exército aerotransportado aliado constitui, por si só, um triunfo dos generais, se nos lembramos de que, em 1939, a Alemanha já tinha um número considerável de tropas aerotransportadas — e a Grã-Bretanha nada possuía ainda.

O estado-maior alemão apresentará muitas desculpas para a derrota da Alemanha. Dará todas as desculpas, excepto a verdadeira. E esta é muito simples: falharam como estrategas, como generais e como combatentes.



**E. KAUFMANN, LDA.**

LISBOA — R. da Prata, 237, 2.º

Agentes e Distribuidores da:

**THE SCHOLL MFG. CO., LTD. LONDON**

Fabricantes de:

Aparelhos ortopédicos e especialidades para conforto dos pés

OS ZINO PADS DO  
SAIS DE BANHO DO  
O PENSO RÁPIDO DO  
PALMILHAS ORTOPÉDICAS DO

**Dr. Scholl**

## QUANDO A AMÉRICA CHEGOU À EUROPA

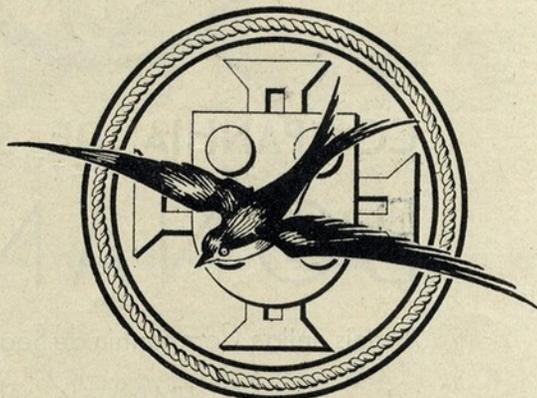
A América chegou à Europa com a sua juventude, o seu optimismo e a sua força esmagadora — a força extraordinária que, unida às potências europeias que combatiam a Alemanha, haviam de destruir o poder nazl. Estes rapazes e estas raparigas, com a sua mocidade e a certeza no futuro, foram os primeiros das forças expedicionárias dos Estados Unidos que chegaram a Londres. Depois, o caudal que se estabeleceu através do Atlântico não parou mais até à vitória final sobre as forças inimigas.

# Dominguez & Lavadinho, Lda.

Séde:

Rua da Assunção, 79 a 85

Telefones: 25201 e 25202



Fábrica:

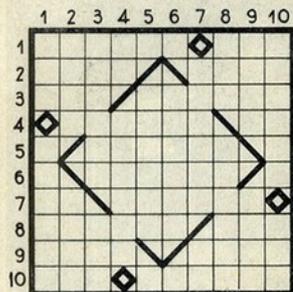
Av. Casal Ribeiro, 18 a 24

Telegramas: Sobrescritos

L I S B O A

**PAPELEIROS ESPECIALIZADOS**

PALAVRAS  
CRUZADAS



HORIZONTAIS

- 1 — Esquerdo. Unidade de medida de pressão atmosférica.
- 2 — Perícia. Vento de Leste.
- 3 — Nocivo. Indígenas de Angola, bons caçadores, que cingem a cabeça com uma tira de pele de búfalo.
- 4 — Mariola. Pronome reflexo.
- 5 — Orvalhada.
- 6 — O NOVO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE.
- 7 — Confiança. Espécie de cochinilha da Austrália.
- 8 — Abriguel. Espaço de tempo.
- 9 — Furna. Lavrar.
- 10 — Pegadeira. Pundonorosa.

VERTICAIS

- 1 — Santo. Circunscrição de Moçambique.
- 2 — Pertenciam. Sons.
- 3 — Antiga família real inglesa. Vasia.
- 4 — Pronome pessoal. O mais corulento de todos os macacos.
- 5 — ACTUAL EMBaixADOR NORTE-AMERICANO EM PORTUGAL.
- 6 — Estimulei.
- 7 — Pôr nós em. Gemido.
- 8 — Rio europeu que desagua no Mar Negro. Privado de água.
- 9 — Anéis. Camareiras.
- 10 — Laço de fita, de insígnia honorífica, que se usa na botocira. Altar.

(Ver a solução na pág. 92)

**COLL TAYLOR, LDA.**

IMPORTAÇÃO  
E EXPORTAÇÃO  
ESPECIALIDADES  
FARMACÊUTICAS

Rua dos Douradores, 29, 1.º  
LISBOA-TEL. 2 1476  
TELEG. DELTA

# Casa do Rádio

Apresentará em breve as primeiras novidades "após guerra" das afamadas máquinas de escrever americanas

**L. C. SMITH  
CORONA**

e RÁDIOS das principais marcas americanas

# Casa do Rádio

RUA DE S. NICOLAU, 113  
LISBOA — TELEF. 2 1578



Rua Augusta, 234-236

**Príncipe  
de  
Gales**

Os Casacos *SPORT*  
e as Camisas

Príncipe de Gales

Têm um corte impecável

Príncipe de Gales

Significa: Elegância e Distinção



COMPANHIA DE SEGUROS  
**BONANÇA**

A mais antiga Companhia de Seguros Portuguesa

FUNDADA EM 1808

Seguros de: INCÊNDIO - MARÍTIMOS - AGRÍCOLAS - ACIDENTES PESSOAIS

Séde em Lisboa: RUA AUREA, 100-1.º

Delegação no Pôrto: RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 47, 1.º

## O Comando de Transportes

SEGUNDO o relatório do General Arnold, os pilotos do Comando de Transportes do Exército dos Estados Unidos estão voando aproximadamente 81.600.000 quilômetros, por mês, o que equivale a sete vezes a volta ao mundo, segundo o equador, em cada período de 24 horas.

Arnold informou que o C. T. E. enviara para o Ultramar, até 1 de Janeiro de 1945, 40.000 aviões. Salientado o desenvolvimento do C. T. E. desde 1942, quando estava percorrendo 7.680.000 quilômetros por mês em missões de transporte pelos seus próprios meios, o General Arnold informou que, em Novembro de 1944, a média mensal do C. T. E. era de 34.995.000 quilômetros. Afirmou que a totalidade da extensão percorrida, tanto no transporte pelos seus próprios meios, como no transporte de mercadorias, tinha sido de 544.000.000 do quilômetros, em 1944.

Arnold disse que em 1944 o C. T. E. tinha conduzido cerca de 560.000 toneladas de passageiros, carga e correio, incluindo ainda 36.000.000 de quilogramas de correio ou mais de 3.500.000.000 de cartas. A rede da linha do C. T. E. totaliza hoje 258.000 quilômetros dos quais não fazem parte do continente norte-americano. «O Atlântico é atravessado todos os 15 minutos por um

# HERPETOL

## PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas



**Vicente Ribeiro & Carvalho**  
da Fonnseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237 — LISBOA

avião que, transportando san-gue integral para feridos, além da sua tripulação e carga regressou com soldados inválidos».

O General Arnold frizou ainda o papel do C. T. E. no transporte de mercadorias da Índia para a China sobre montanhas. Disse que durante um período de 24 horas, se conduziam pelo ar, cerca de 1.125.000 quilogramas de carga «ou um voo em cada dois minutos e meio».

## O avião foguete

FOI em Setembro de 1941 que os laboratórios da Força Aérea dos Estados Unidos e da indústria americana iniciaram as experiências com aviões accionados por motores de jacto. Nunca na América do Norte foi construído um aeroplano sob mais rigoroso segredo. Os operários que construíram as secções das asas e da fuselagem, foram submetidos a um inquérito antes de serem contratados.

O primeiro aparelho que saiu das oficinas foi conduzido para um lago sêco do ocidente dos Estados Unidos e as experiências finais constituíram êxito enorme.

Concluiu-se que a ausência de vibração e de ruído dos motores de explosão normais não causam tanta fadiga ao piloto.

ANUNCIAI NO  
**Mundo Gráfico**

# D. D. D.

REMEDIO PARA A PELE

# POND'S

PRODUTOS DE BELEZA

**Dois produtos ingleses de fama mundial**

REPRESENTANTE NO PAÍS:

**ANTONIO MADUREIRA**

Rua D. João IV, 602 PORTO Telefone, 2141

# AS LUZES voltam a brilhar

Por PHYLLIS LEVELL

## AUSTIN

O CARRO POR QUE LHE CONVRÁ ESPERAR



No momento próprio, novos AUSTIN, melhorados, serão apresentados ao público e só então lhe convirá comprar o seu novo carro — um AUSTIN.

**THE AUSTIN MOTOR COMPANY LTD.**  
Export Department Birmingham, Grã-Bretanha

Distribuidores Gerais em Portugal:

**J. J. GONÇALVES SUCRS.**

80-92, R. RODRIGUES SAMPAIO, LISBOA

130, R. ALEXANDRE BRAGA, PORTO

Chá  
n a m u l i  
O melhor

★  
À venda em todos os  
estabelecimentos do País



**ESTA** noite, brilham luzes por toda a Grã-Bretanha. Brillam nas cidades tomadas de espanto, nas casas em ruínas; irregularmente, em doiradas cintilações, nas janelas onde a maior parte dos vidros foi substituída por cartão. Mas luzes brilham na Grã-Bretanha. Reina a paz na Europa. Desapareceu a escuridão de cinco anos.

As luzes, cintilando na noite, têm um grande significado para nós, em Londres. Durante cinco anos, vivemos na escuridão dos bombardeamentos aéreos — não aterrorizados, mas na expectativa e, muitas vezes, empenhados em árduas tarefas.

Acode-me à lembrança aquela mulher que dizia para a sua amiga, numa bicha para os abastecimentos: «Ouviste o noticiário desta manhã, às 8 horas? A noite passada, mandámos mil bombardeiros para Berlim».

Resposta da outra: — «Isso quer dizer que os alemães vão aparecer esta noite. Tenho que acabar de engomar a roupa mais cedo».

«Não, minha amiga — respondeu a primeira — não têm tempo para isso. Parece-me mais provável que só apareçam amanhã».

Dir-se-lhe que tudo isto se passou há um século.

Quando as luzes voltaram a brilhar, mostrámo-las aos nossos filhos. Vieram todos para as ruas iluminadas, manifestando a nossa alegria. As crianças, contagiadas pelo nosso entusiasmo, alegraram-se também. Muitas nunca tinham visto um candeeiro de rua iluminado. Portanto, era uma novidade para elas; para nós, adultos, significava muito mais — um símbolo do que está para vir. Sei bem que me acreditarão se lhes disser que vi mulheres a chorar — apenas porque viam de novo acêso os candeeiros das ruas.

Uma noite, já lá vai um ano, a porta da minha sala de estar abriu-se de mansinho. Dois pequenitos, minúsculos dentro dos seus roupões — um rapaz de nove e uma menina de quatro anos — surgiram de mãos dadas, ensonados, os cabelos em desalinho.

— «Julgávamos que não tinhas ouvido, mamã. Está uma sereia a tocar já há um bocado. Calçamos os chinelos antes de sairmos do quarto».

Muito daquilo que sofremos durante estes cinco anos foi por causa das crianças. Faltámos-lhes com os brinquedos e as guloseimas que não lhes podíamos dar — as frutas, os gelados, os ovos, a manteiga e os doces. Mas quem sofria éramos nós e não as crianças.

Os seus brinquedos foram a imaginação e alguns pedaços de madeira. E nem sentiam a falta das pequenas gulodices que não conheciam. As aventuras que as esperam a esse respeito!

(Continua na pág. seguinte)

Um dia, naquêlê mês de Setembro de há quatro anos, estava eu no jardim, observando os traços de vapor dos Spitfires e dos aviões alemães, desenhando figuras caprichosas no azul do céu, com as metralhadoras a vomitarem fogo. Sim, todos nós sabíamos que se tratava da arma de vanguarda da invasão. Ao dirigir-me para casa, senti-me, de súbito, envolvida por uma emaranhada rede de cordas, arames e ramos. Resmungando, o meu filho de seis anos, com uma braçadeira onde se lia «Guarda Metropolitana» desembaraçou-me da armadilha que êle próprio tinha construído para os paraquedistas alemães.

Houve, também, boas coisas nestes cinco anos. O trabalho difícil pode ser uma coisa divertida. Descobrimos em nós uma nova benevolência. O perigo destrói a falsa dignidade e a mesquinhez de espírito. Não estamos dispostos a perder o que a êsse respeito alcançamos.

Tudo aquilo que nos fez rir: a loja bombardeada, sem fachada, com êste aviso: «Completamente aberta para negócio»; as mesas de mármore da peixaria com êste letreiro: «Tragam o peixe que nós temos papel para embrulhos em grande quantidade». Nos locais onde havia peixe, o letreiro informava: «Desculpem, mas não temos papel», e nós corríamos à «bicha, pedindo emprestado a estranhos um pedaço de papel. Mas aquela velha senhora que se abrigou conosco no vão de uma porta enquanto uma bomba voadora roncava por sôbre as nossas cabeças, não estava nada divertida quando disse, ferozmente: «Olça só como ela ronca, a... a traquina!»

Uma das pessoas mais agradáveis com quem travei conhecimento é uma mulher que encontrei pela primeira vez numa «bicha» à porta de uma mercearia. Descobrimos que ambas tínhamos uma paixão por cultivar abóboras-menina. A nossa amizade tomou raízes quando lhe dei uma receita minha para fazer doce de abóboras-menina. Na passada primavera, a sua casa foi bombardeada, mas ela mudou-se para o último andar de um armazém semi-incendiado, para assim ficar perto do seu jardim e das suas abóboras. Não teve sorte, porém. A explosão de uma bomba-voadora derrubou as abóboras muito antes de estarem maduras e, acidentalmente, algumas casas.

«Foi Hitler quem me ensinou a fazer geleia de frutas e, depois da guerra, vou continuar a fazê-la», afirmava uma vizinha que eu tenho, esperando qualquer elogio que nunca chegou a ouvir. A muitas de nós, Hitler ensinou a fazer geleia de frutas, tortas de carne a fngir e bôlos sem manteiga. Ensinou-nos mesmo outras coisas muito menos agradáveis.

Um rapazinho de seis anos, ao sair de Londres para a Escócia, durante a «blitz»:

(Continua na pág. seguinte)

# PRONTO

*Distinction*

PRONTO WATCH CO. LTD.  
LE NOIRMONT · SUISSE

## Garage da Beira

TELEFONE 190  
R. DE SANTO ANTÓNIO,  
59 • 72

CASTELO  
BRANCO

ESTACÃO DE SERVIÇO  
PINTURA  
REPARAÇÕES  
INSTRUÇÃO  
AGENTES DA CIDLA  
TRANSPORTES

## F. BRINDLE & C.ª, L.ª DA

CASA FUNDADA EM 1900

Fábrica • Séde:

Rua Pinheiro Manso, 388  
Tel. 15160 — Teleg. «Brindle»  
PORTO

Delegados de:

G. W. THORNTON & SON  
de Manchester

TWEEDALES & SMALLEY  
(1920) LTD. de Castleton

SECÇÃO A — Enrolagens para automóveis abertos e à plataforma para todos os tipos de dentes.

SECÇÃO B — Transmissões modernas. Unões de fricção.

SECÇÃO C — Construção de máquinas a vapor.

SECÇÃO D — Especialidade em reparações de qualquer maquinismo.

SECÇÃO E — Tubagens fundidas em qualquer diâmetro e comprimento, para máquinas a vapor e água e tubos «saillets» para a estufa de aquecimento.

SECÇÃO F — Pressas hidráulicas para tôdas as applicações, bombas centrífugas verticais e horizontais.

SECÇÃO G — Fabricação de teares para qualquer largura, lisos e de caixa, com as rodas de comando frezadas e as chumaceiras de apoio de lubrificação automática. Órgãos completos com pratos de chapa de apoio estampados.

SECÇÃO H — Reparções em vapores (Ship Repairs.)

Plantas e orçamentos grátis

## COMPANHIA DE LINHA

# COATS & CLARK LIMITADA

Fábrica em VILA NOVA DE GAIA

DEPÓSITOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 69-1.º  
L I S B O A  
RUA DUQUE DE LOULÉ, 86-90  
P O R T O

A maior fábrica portuguesa de linha para coser, passar, bordar, etc. As linhas são cuidadosamente fabricadas com matérias primas de primeira qualidade. Os produtos desta fábrica encontram-se à venda em todos os estabelecimentos

Exigir sempre as marcas



ANCORA  
CORRENTE  
ELEFANTE  
BISPO  
e CARTA



Coats & Clark

(Continuação da pág. anterior)

«Não te aflijas, mamã. Quando o papá partir, eu voltarei para olhar por ti».

O tempo passa e com ele a vida. Nova separação. Uma família dividida em três — um irmão e uma irmã crescendo longe um do outro, como se cada um fôsse filho único.

Mas Hitler ensinou-nos a alegria de voltarmos a ser uma família, de novo reunida no nosso lar. A minha casa poucas janelas lhe restam; ficaram apenas duas chaminés e algumas travessuras que em tempos foram tetos de gêsso. A empresa do telhado está quebrada em três sítios e os operários terão de acabar a destruição iniciada pela bomba-voadora. De inverno vai entrar-nos em casa a água da chuva. Haverá frio e correntes de ar. Mas sentimo-nos felizes. Nós, pelo menos, temos um telhado, apesar de rachado, para nos abrigar, cadeiras em que nos podemos sentar e camas onde dormir.

Rodeia-nos de novo o lar — onde se encontram os nossos haveres quasi esquecidos, as panelas e as frigideiras, as escovas e as cadeiras. Tal é o significado da vitória — luzes a brilhar por toda a Grã-Bretanha.

Em breve desaparecerão as «bichas para os abastecimentos, as lutas estereis pelas necessidades domésticas. «Não lhe posso vender uma maquina de picar carne sem que me traga uma licença. E se trouxesse a licença, não levaria a maquina de picar carne, porque não tenho nenhuma para lhe vender».

Talvez em breve o ruído dum auto-carro a arrancar deixe de parecer-se com um toque de sereta. O rapaz dos telegramas a bater à nossa porta sera apenas o rapaz dos telegramas — e nada mais. Talvez que o zumbido dum avião em vôo mergulhante não nos faça recordar aquêles «Junkers» mortalmente atingidos, ardendo no céu, e que parecia virem despenhar-se sobre a nossa casa.

Com o tempo, coçar-se-ão vidros nas janelas. A pequenita de quatro anos que dizia: «Eu nunca comi bananas, mas a mimamã já comeu, verã e comerã bananas. Nas lojas, haverã ovos e cebolas — ganchos para o cabelo máquinas de picar carne e chaleiras».

Mas através das janelas, pela noite, escorre luz sem receio do aviso dos vigias contra os «raids» aéreos. O ruído duma motocicleta é apenas o ruído duma motocicleta e não o ruído duma bomba voadora; o ruído dum trovão é realmente um trovão.

A Grã-Bretanha deixou de estar na linha da «frente». Mas nós sabemos muito bem que a guerra ainda não terminou. Há ainda trabalho para nós — e nós, pessoas felizes que temos outra vez o nosso lar e o nosso marido, estamos ansiosas por fazê-lo.

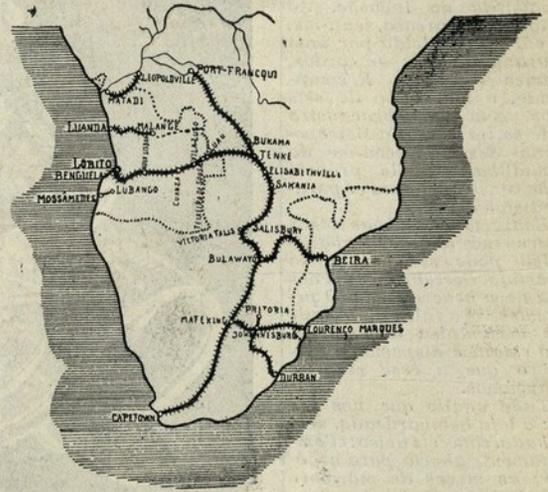
(Continua na pág. seguinte)

# Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

LOBITO-LUAU (Fronteira) — 1347 Kms.

CAPITAL: Esc-Ouro 330.000.000\$00 ou £ 3.000.000

Enderêço telegráfico: LOBI ANGA - Lisboa - Londres - Lobito



O mais curto caminho entre a Europa e a África Central  
Escritórios:

LISBOA — Largo do Quintela, 3, 1.º

LONDRES — Prince House — 95, Gresham St., London E. C. 2.

LOBITO — Caixas Postais N.ºs 32 e 49.

## COMPANHIA DE SEGUROS COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Séde em Lisboa

Rua do Arco do Bandeira, 22

Delegação no Porto

Largo dos Loios, 92-1.º

**SEGUROS EM TODOS OS RAMOS**

Azulay  
& C.ª L.ª  
100, Rua Aurea, 2.º  
LISBOA

Representantes de especialidades Farmacêuticas de Casas Inglêsas e Americanas



PASSAPORTES  
VISTOS  
E PASSAGENS

trate na

Casa Atlântica  
de Viagens

AGENTE OFICIAL:

**Leonel Gomes Coelho**

RUA CAPÊLO, 8

TELEFONE 29471

ALVAREIRA  
Telegramas

Telefone  
2 5 0 4 8

**Alvaro de Castro  
Teixeira**

AGENTE COMERCIAL

Rua da Conceição, 35, 2.º = LISBOA

Único Agente em Portugal da Casa

Tootal Broadhurst Lee C.º Ltd. Manchester

Agente em Lisboa das Casas

Mattos & Quintans L.da — Pôrto

Ramiro Guimarães & F.os »

Peles para Agasalho L.da »

Pinchos Prezman — S. J. da Madeira

(Conclusão da pág. anterior)

## INDIGESTÃO?

*Se demora muito tempo  
A fazer as digestões...  
Com duas pastilhas Rennie  
Acabam-se as aflições!*

Quando a indigestão ataca, a última coisa que lhe apetecerá será conservá-la. É necessário agir com rapidez! E isto que as Rennies fazem.

Dois minutos bastam para que as Rennies neutralizem o excesso de ácido no estômago. Não carecem de água, nem colher, nem demoras. Basta tirar duas Rennies da algibeira ou malinha de mão (são embrulhadas, separadamente, para se poderem levar soltas) metê-las na boca, uma depois da outra e chupá-las como dois rebuçados. Os 15 ingredientes que compõem Rennie, entram logo em acção. A dor afogea.

Sente-se como se lhe tirassem um grande peso de cima. Irá tomar a sua próxima refeição, com o apetite dum gaiato de dois anos.

Compre um pacote de Rennie ainda hoje. Vendem-se em todas as farmácias.



cortinas para o «blackout» — nova medida operada pelo racionamento. Na fábrica, trabalharíamos durante longas horas.

As donas de casa da Grã-Bretanha auxiliaram a travar esta guerra, no ocidente. Nós sabemos, porém, que enquanto existirem aquelas coisas contra as quais temos estado a combater, ainda que seja numa ilha perdida do Pacífico, não estará terminada a tarefa que empreendemos.

Mas o nosso trabalho não será menos árduo, por o céu estar limpo de aviões de guerra — por as luzes brilharem na escuridão da noite.

### Uma bala de matéria plástica

Os engenheiros das Forças Aéreas dos Estados Unidos construíram uma bala de matéria plástica, de calibre trinta, que pode ser usada sem perigo pelos artilheiros anti-aéreos, durante exercícios de treino, pelo facto de se fragmentar quando atinge o alvo.

O uso destes projecteis contribuiu extraordinariamente para desenvolver a precisão dos artilheiros.

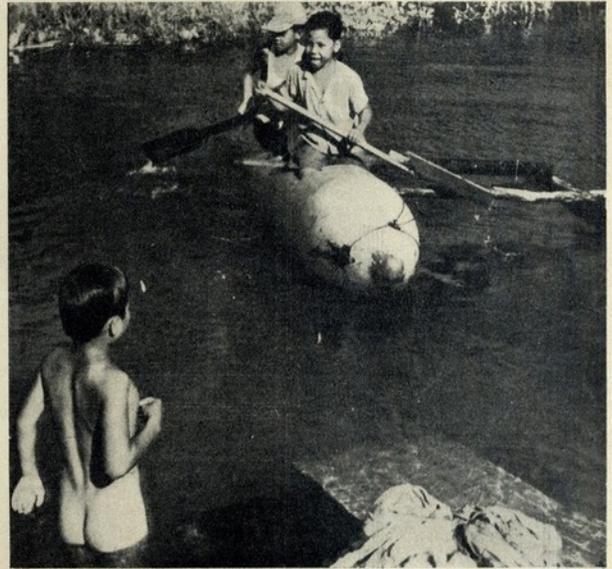
### RÁDIO-TELEFONE para os motoristas

Os rádios telefones utilizados nos campos de batalha vão ser aproveitados na Inglaterra para a reconstrução da paz.

Os seus carros serão montados com esses aparelhos que permitirão aos motoristas obter ligação, a todo o tempo e a longa distância, com qualquer telefone do país.

## MAIS UM JAPONÊS

# ABATIDO

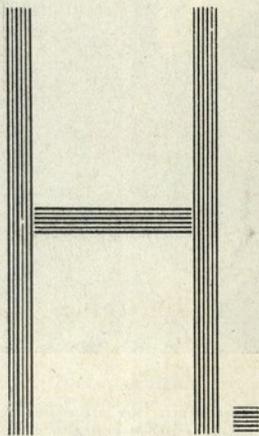


Meis um avião nipónico foi abatido no céu da China heroica. Estes gerotinhos chineses não estiveram com meias medidas. Foram se ao depósito de gasolina suplementar do aparelho destruído e construíram, engenhosamente, este espécie de piroga em que se divertam alegremente. O outro, o que está como veio ao mundo, parece pedir que lhe deixem dar uma voltinha. E é justo que deixem...

# A COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

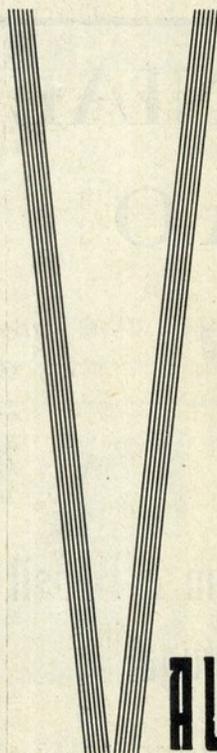
assegurou, durante a guerra na Europa  
as comunicações da metrópole  
com as suas possessões do ultramar  
com os Estados Unidos da América do Norte e com o Brasil  
procurando assim, mais uma vez, servir Portugal  
e contribuir para o abastecimento do país

# O FIM DO MITO ALEMÃO



MÁQUINAS E ACESSÓRIOS  
PARA A INDÚSTRIA

LISBOA



AULTIER & C.<sup>A</sup>

Os alemães são, de facto mestres, da propaganda dos muitos glorificadores da Alemanha. Propagaram o mito da existência da «Herrenvolk» — a raça superior, destinada a governar o mundo de escravos; inventaram um outro: o «Lebensraum» — o direito da «Herrenvolk» o espaço vital, sem consideração pelos outros povos de somenos importância e, por último, acima de todos, o mito dos mitos, da invencibilidade e omnisciência do grande Estado Maior Prussiano, o qual guia a raça superior, através de sucessivas campanhas, conduzindo-a à vitória.

Qual é a verdade, afinal, acerca do tão apregoado Estado Maior Prussiano, o qual, diga-se de passagem, é uma entidade de diminuída importância, desde que Hitler o restabeleceu em 1935, e qual é a verdade, também, sobre a capacidade do povo alemão para a guerra? Desde 1866, quando o mundo viu pela primeira vez o Estado Maior Prussiano em acção, os alemães combateram em quatro guerras de magnitude crescente:

A guerra contra a Áustria, em 1866 — um episódio militar de carácter secundário de que a Prússia saiu vencedora; a guerra Franco-Prussiana — uma acção militar se bem que de maior envergadura, foi no entanto de carácter limitado, ganha também pela Alemanha; a grande guerra de 1914-18 — a primeira guerra «total» de que a Alemanha saiu nitidamente derrotada; e a presente, que, segundo as palavras de Hitler, traçaria o futuro da Alemanha nos próximos 1.000 anos — embora num sentido bastante diferente ao que Hitler tinha em mente.

Assim, as armas alemãs, guiadas pelo famoso Estado Maior Prussiano, ganharam dois pequenos conflitos e perderam duas guerras de grande envergadura. E isto a despeito do facto de que os alemães não pensam noutra coisa que não seja fazer guerras, só falam em guerra, planeiam-nas e preparam-nas, com prejuizo de qualquer outra forma de actividade humana de modo a começá-las bem mais preparados e com vantagens iniciais bem maiores do que os seus vizinhos menos agressivos. A conclusão é, pois, óbvia. Bem longe de serem os mestres que pretendem arvorar-se nas artes da guerra, pelo contrário, revelam-se inaptos executantes.

No decurso do actual conflito, foi-nos dado um flagrante exemplo, em Outubro de 1940. Nessa ocasião, a Grã-Bretanha defrontava-se sózinha contra a Alemanha. Todos sabem que a batalha da Grã-Bretanha, que a R. A. F. travou com a Luftwaffe, durante mais de dois meses, na defesa dos domínios dos ares na Inglaterra meridional, foi ganha pela R. A. F. a despeito da enorme desvantagem numérica em que então se encontrava. E, ao vencer esse memorável encontro, as forças da pequena R. A. F. foram usadas até quasi ao ponto de ruptura. O exército Britânico — salvo nesse verão nas praias de Dunquerque — encontrava-se desprovido de armas modernas e adequadas para uma guerra como a actual. Foi esta, certamente, a oportunidade que Hitler teve para invadir a Grã-Bretanha. Se tivesse ousado arriar um milhão de homens, se tivesse empregado a Luftwaffe, num esforço supremo, até



Pelo TENENTE-GENERAL H. G. MARTIN

Correspondente Militar do «Daily Telegraph», de Londres

ao último avião, talvez à custa de meio milhão de homens afogados ou mortos na batalha, mesmo até mais do que isso, conseguisse terminar a luta a Oeste.

A Grã-Bretanha — a espada apontada ao flanco da Alemanha — o gigantesco «porta-aviões» à prova de afundamento, cujos aviões, em dias vindouros, varreram a Luftwaffe dos céus; a base donde os exércitos aliados partiram para a libertação da Cristandade, justificasse os máis dos sacrifícios. Mas os alemães saberão talvez planejar, mas nunca improvisar e Hitler não ousou arriscar-se.

Assim podemos seguir o caminho tomado por Hitler, às apalpadelas, até que, em Junho de 1941, tomou uma decisão trágicamente errada. No ocidente, deparava-se com uma Grã-Bretanha, inimiga activa e, no entanto, virou-se contra a Rússia. É certo que Hitler considerava o pacto Germano-Soviético como mais um «farrapo de papel», — disse Stalina não tinha ilusões — e que mais tarde ou mais cedo teria que atacar a Rússia. Era apenas uma questão de oportunidade e método de ataque. Quanto ao factor tempo, a Rússia não estava ainda preparada e, assim, Hitler, dispunha, pelo menos, aquêllo ano de graça de 1941 para o usar em seu proveito e vantagem.

Será lógico, por consequência, que concluisse a tarefa que havia iniciado no Mediterrâneo. Ir além da Sísia, apoderar-se dos petróleos do Iraque e do Irão, dominar a zona do Canal de Suez, conquistar o Egipto e o Sudão — tudo isto pareciam objectivos relativamente fáceis de alcançar. Isto expulsaria a Grã-Bretanha da África Setentrional e do Mediterrâneo; ver-se-ia estabelecido no Oceano Índico (a meio caminho do Japão); fechando as rotas marítimas britânicas para a Índia, parcelando o Império Britânico em dois. Em menos de um ano, estaria em condições de atacar a Rússia com redobrada força e acompanhado de novos aliados. Mas não — tinha que atacar a Rússia imediatamente comprometendo os seus exércitos numa guerra em diversas frentes contra uma coligação de que pouco depois fazia parte a América.

Desde então, Hitler viu-se forçado à defensiva em todos os teatros da guerra. A sua estratégia baseava-se na concepção de que para eventualmente ganhar uma decisão no Ocidente, contra os Anglo-Americanos, esperaria que eles tentassem um desembarque na Europa. Tal estratégia, porém, exigiu uma economia de forças em outras partes. Hitler prefere, porém, sacrificar as guarnições em lugares distantes em vez de as retirar enquanto é tempo. Temos observado a constante repetição deste facto, tal como sucedeu na Itália, Finlândia, Noruega, Grécia e Creta. Ao passo que importantes tropas de reserva, susceptíveis de pesarem favoravelmente na balança e de, eventualmente, contribuírem para uma decisão em França, foram desperdiçadas em teatros de guerra secundários; Hitler perdeu, assim, a derradeira batalha decisiva — a batalha decisiva — a batalha da França.

Hitler e o seu Estado Maior começaram esta guerra dispostos de enormes vantagens iniciais: uma nova concepção de guerra baseada num mecanismo construído especialmente para a aplicação de tais concepções. Não obstante, verificou-se que o plano alemão, afinal, falhou, pois que os alemães não se aproveitaram das oportunidades.



O ENCANTO NATURAL DA  
MULHER QUE QUERE CON-  
SERVAR A SUA BELEZA

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS  
DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

Academia Científica  
de Beleza

Av. da Liberdade, 35 - Telefone 2 1866

L I S B O A

Almeida,  
Gomes  
& C.ª L.ª

IMPORTADORES  
E ARMAZENISTAS  
DE PRODUTOS DE  
ALIMENTAÇÃO

Galeria de Paris, 85  
PORTO

Telefone, 1614  
Telegramas: CARMELITA

Ourivesaria  
Portugal

Jóias artísticas.  
Pratas estilizadas  
e modernas. Relojoaria dos melhores autores, e lindos objectos d'ouro

121 ROSSIO 122

Telefone 2 9446



produtos  
fotográficos

REPRESENTANTES

*Garcez, L.<sup>da</sup>*

Todo o material para fotografia  
Trabalhos para amadores

*Rua Garrett, 88*

*LISBOA*

Através de todas as dificuldades da guerra



*i n g e r*

continua a manter e manteve ao dispor do público  
os seus serviços de assistência e reparação  
de máquinas de costura

*Singer Sewing Machines Company*

SEDE: Avenida 24 de Julho, 42 — LISBOA  
*Lojas e Agências em todo o país*

## OS OSSOS TÊM ACIDO CÍTRICO

HÁ muito que se sabe que o ácido cítrico é a causa de uma grande parte da acidez de certas frutas, tais como limões, groselhas, e arandos. Mas, até há pouco, supôs-se ser a sua presença no

corpo animal em quantidades maiores do que meros vestígios limitados aos vários fluidos do corpo.

Recentemente, o dr. F. Dickens, do Laboratório de pesquisas do Cancro de Newcastle-on-Tyne, verificou que a matéria dura dos ossos contém quantidades relativamente grandes — até um por cento — de ácido cítrico, que se presume estar presente na forma de sal de cálcio. Parece que este grande depósito de ácido cítrico poderá prestar serviço ao organismo de duas maneiras diferentes. Os trabalhos do dr. H. A. Krebs, da Universidade de Sheffield, têm demonstrado que os citratos são, muito provavelmente, agentes intermediários na decomposição de açúcares e hidratos de carbono, podendo ser de utilidade ter uma reserva de ácido cítrico que pode utilizar-se afim de fornecer um catalizador essencial para a oxidação deste importante grupo principal de elementos nutritivos. É possível, entretanto, que a função fundamental do citrato dependa da notável facilidade, inerente aos citratos, de dissolver os componentes inorgânicos dos ossos, a saber, o fosfato de cálcio e o carbonato de cálcio. Esses sais dos ossos são praticamente insolúveis na água; porém, com o acréscimo de citrato, tornam-se bastante solúveis. Sabemos, agora, que a substância dura dos ossos está sendo continuamente dissolvida e substituída por sais frescos; há um processo contínuo de rejuvenescimento da substância óssea no homem e nos animais conforme tem sido claramente demonstrado por meio de estu

RELÓGIOS



*a marca de classe*

RECORD DE PRECISÃO DESDE 1931  
OBSERVATÓRIO DE NEUCHÂTEL - SUÍÇA

Modêlos em AÇO,  
PLAQUÉ  
e OURO

À VENDA  
em todas as boas relojoarias  
e ourivesarias

*Liqueur — Cointreau — Angers*

La marque mondiale

A primeira remessa da Paz, a chegar brevemente

Agentes Gerais em Portugal e Colónias:

Gaspar Carmo & Irmão, Suc. L.<sup>da</sup>  
P O R T O

*The Older*

*Johnnie Walker*

*and Better than Ever*

*Whisky*

Agentes no Norte:

Gaspar Carmo & Irmão, Suc. L.<sup>da</sup>  
P O R T O

**T. S. F.**

REPARAÇÕES EM TODA A CLASSE DE RECEPTORES  
por muito difíceis que sejam,  
executam-se na bem conhecida

**Electro - Lisboa, L.<sup>da</sup>**

Basta telefonar e, sem mais incómodos, V. Ex.<sup>ª</sup> receberá  
o seu RÁDIO devidamente afinado

**Orçamentos Grátis**

**246, 248, Rua Augusta — Tel. 20568**

**Mabel**

Calça a Mulher Elegante

**Rua Garrett, 44**

**Telefone 27073 — LISBOA**

dos recentes nos quais se verificou que o fosfato radioactivo, injetado nas veias de coelhos, foi rapidamente depositado nos seus ossos. Portanto, se os sais que constituem a parte dura dos ossos estiverem nesse estado de intercâmbio com os fluídos do sangue, pode presumir-se que o citrato dos ossos será trocado conjuntamente como o fosfato de cálcio e o carbonato de cálcio. Parece muito provável que este citrato possa desempenhar uma parte de considerável utilidade tornando mais solúveis, e, portanto, mais facilmente mobilizáveis, os sais dos ossos que são dest'arte libertados.

Os estudos levados a efeito pelo dr. Dickens têm revelado ainda mais à evidência uma muito íntima associação de cálcio e citrato, no corpo animal. No embrião, muito novo, por exemplo, até uma terça parte da totalidade do cálcio pode estar combinada com o ácido cítrico. Verificou-se que a pele e mesmo o cabelo continham uma boa quantidade de citrato. Os tumores de animais também são ricos nessa substância. Porém, as quantidades provenientes dessas fontes são muito menores do que as que estão presentes nos ossos.

O professor Thunberg, da Universidade de Lund, na Suécia,

tem confirmado a presença do ácido cítrico nos ossos de muitos animais, inclusive peixes, e nos dentes também. A associação no reino animal de ácido cítrico com cálcio é bem ilustrada pelo fato que este ácido estava presente nas cascas de ovos de uma variedade de aves, as quais continham de 0,1 até 0,35 por cento do seu peso de ácido de cítrico.

## **Dachau e Inglaterra**

ÉIS o trecho duma carta escrita pela senhora B. M. Buckle (Cheam, Surrey) ao editor do diário inglês, «The Daily Sketch»:

«Sir: — Por que é que se dá mais atenção aos oficiais alemães do que aos cidadãos ingleses — incluindo mulheres de idade?»

A minha mãe viajava outro dia de Euston a Windermere, munida dum bilhete da primeira. Mal havia ocupado o assento foi avisada por um oficial de que devia abandoná-lo imediatamente visto os carrusgens da primeira classe estarem reservados para os soldados alemães!

Ela não teve outro remédio senão ir ocupar um assento na super-lotada terceira classe onde não havia ninguém que não reclamasse contra tal medida.

Também não ignoro o fornecimento dessas cigarras especiais para o general Rundstedt!

# COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

**A mais antiga e maior empresa  
armadora portuguesa  
nas carreiras de Africa**

Frota da C. N. N.

«SOFALA» . . . . .	12,500 Ton.
«S. TOMÉ» n/m . . . . .	9,100 »
«NIASSA» . . . . .	9,000 »
«ANGOLA» . . . . .	8,800 »
«CUBANGO» . . . . .	8,300 »
«QUANZA» . . . . .	6,500 »
«LOURENÇO MARQUES» . . . . .	6,400 »
«CABO VERDE» . . . . .	6,200 »
«CONGO» . . . . .	5,000 »
«NACALA» . . . . .	2,390 »
«TAGUS» . . . . .	1,600 »
«LUABO» . . . . .	1,385 »
«CHINDE» . . . . .	1,393 »
«INHARRIME» . . . . .	1,000 »
«AMBRIZ» . . . . .	858 »
«SAVE» . . . . .	763 »

Séde:

Rua do Comércio, 85

LISBOA

Sucursal:

Rua do Infante D. Henrique, 73

PORTO

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS  
AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS  
PORTOS DO MUNDO



**BRYAN TAIT**

o mais condecorado

O comandante James Bryan Tait, da Real Força Aérea, distingue-se por ser o homem que mais condecorações ganhou durante a guerra. Possui a Ordem dos Serviços Distintos, com três barras, e a Cruz de Vãos Distintos, com uma barra, que equivale a seis condecorações. Foi o primeiro piloto da aviação inglesa a receber três barras, desde que existe a R. A. F.

Um dos seus primeiros feitos, que atraiu a atenção pública, foi em 1941, quando comandava o avião que ia à cabeça da esquadilha de três bombardeiros que atacou de dia as docas densamente defendidas da base naval de Kiel. Descendo através de nuvens e bem dirigido fogo anti-aéreo, Tait conduziu os seus três aviões sobre o alvo e registou largadas certas de bombas sobre uma importante unidade naval alemã.

Passou mais tarde a comandar a esquadilha n.º 617 que se distinguiu, anteriormente, pelo seu ataque devastador às barragens do Ruhr sob o comando do falecido Guy Gibson. A citação anunciando a segunda barra para a Ordem dos Serviços Distintos de Tait diz: «Este oficial já efectuou muitas surtidas contra alvos em território ocupado pelo inimigo ou na Alemanha. Por várias vezes permaneceu durante longo espaço de tempo na vizinhança da área alvejada contra seria oposição». Ainda não tinham passado dois meses, Tait recebia a barra da Cruz dos Voos Distintos.

«Por três vezes, o comandante Tait conduziu ataques contra o couraçado Tirpitz, sendo o último em 12 de Novembro de 1944, quando aquela unidade alemã estava fundeada em Tromso. A primeira bomba que largou acertou, em cheio, no Tirpitz».

SEIS ANOS DEPOIS

# Porque combatemos

SE houve guerra, que tivesse idealismo, uma expressão de moral superior, uma finalidade transcendente foi, sem dúvida, a que agoniza agora entre os últimos tiros e a derrocada de mitos bárbaros e grosseiros. Provou-se de uma vez para sempre que a força não é uma lei da selva e que acima dos homens, os mais potentes, os mais absolutos no seu poderio, há um conceito de Liberdade, vindo de Deus, que ninguém pode destruir ou diminuir. Quando muito, profanar, mas com o justo castigo, e a prazo, como sucedeu. Dir-se-ia que o planeta foi agora varrido por uma rajada purificadora, que enxuga os pântanos miasmáticos, reanima as flores secas e espezinhadas, e levanta bem alto, no seu vôo glorioso, as bandeiras que, vindas de todos os pontos do mundo, conquistaram o último reduto do inimigo, descobrindo a chaga ignóbil dos campos secretos de concentração.

Há que reconstruir o mundo com as palavras que Roosevelt e Churchill, numa suprema inspiração, ditaram à humanidade, no seu primeiro encontro, a meio do Atlântico, e que mais tarde, o presidente dos Estados Unidos reforçava nas suas quatro famosas e intangíveis liberdades.

Isso é fundamental! Foi mesmo, digamos, o conteúdo supremo desta guerra. Por elas todas as nações, todos os povos, todas as raças se sacrificaram. Durante quasi seis anos de terror, na Europa ocupada, no fundo dos lares mais humildes, entre escombros, nas sombras dos subterrâneos, às grades das prisões, nas cidades interditas, essas palavras resolutas foram como que o refrigério dos dias cruéis e a esperança deste clarão ofuscante e maravilhoso da vitória! A caminho, pois, com esse supremo dom moral, que devemos enraizar, defender e universalizar.

Combateu por isso o aviador da R. A. F. que cegou no céu da pátria defendendo a terra natal!

Combateu por isso o marinheiro que encontrou a morte, quando transportava para as crianças famintas dos países invadidos o pão sagrado de existência! Combateu por isso o tripulante do tank que esmagou e desmantelou todas as muralhas, todos os arames farpados, todos os colmillos de cimento, para salvar mais depressa as vítimas da tirania nazi!

Combateu por isso o soldado que arriscou a vida desembarcando nas praias da Europa, sabendo que dele dependia, por muitos anos, o destino das nações agrilhoadas!

Combateram ainda por isso, na Ásia longínqua, na África inclemente, nos fiordes da Noruega, nas tundras geladas, nas selvas tentaculares e mortíferas do Insulindia, em todos os recantos do planeta, milhões de indivíduos, uns de armas na mão, porque as tinham, outras sem elas, inermes, perseguidos, escondidos, apenas com a sua fé, a sua consciência, a sua coragem moral e a sua esperança inabalável! Venceram os vivos e venceram os mortos!

O soldado que abriu ao camarada, caído a seu lado, uma sepultura anónima, com o gume da baioneta, no meio da fumarada da metralha, não cumpriu, apenas, um acto de carinhosa piedade.

Contraíu uma dívida humana de reconhecimento, porque recebeu das mãos exanimas, o facho ardente, com o encargo tácito de o levar mais longe do que o outro levou — salvando o mundo!

ARTUR PORTELA

## O que foi pelo mundo

Segundo as melhores estatísticas (vide último número da «Broteria») existiam, na Europa, antes de começar a guerra, dez milhões de judeus. O número não era grande num continente densamente habitado. Pois bem, os nazis mataram, na Alemanha e nos países que ocuparam, seis milhões de judeus. A hectombe foi tremenda. E não foi só o morticínio em massa, com toda a sua brutalidade impiedosa, foram o vexame, a sevícia, os maus tratos, o que se fez às mulheres, como se trataram as crianças, os velhos, os doentes, etc, num barbarismo trágico, que envergonha a consciência humana!

## Os criminosos

Não se trata de vingança mas do justo castigo, dos autênticos criminosos. Foram, certamente, escolhidos a dedo, e operavam segundo ordens superiores. Basta ver-lhes as fisionomias bestiais, sádicas, com traços deformados, de uma arrogância feroz. Eram assim os carascos, os guardas e até os médicos dos campos da morte nazi. Homens? Não: monstros!

## Número da Vitória

O «Mundo Gráfico» presta hoje, dentro das suas possibilidades, mas com a fé e a sinceridade de que sempre deu provas, homenagem ao esforço vitorioso das Nações Unidas. Nas capas, publicam-se os retratos de Suas Magestades britânicas, a rainha Elisabeth e do rei Jorge VI, em tricromia, bem como, em páginas especiais, as fotografias do presidente Roosevelt, Winston Churchill, generalissimo Eisenhower e Montgomery.

Além disso, publicamos artigos dos mais representativos nomes da literatura e do jornalismo da Inglaterra e dos Estados Unidos, como, Louis Golding, A. J. Mac Whinnie, Phyllis Levell, crónicas de Carlos Ferrão e Ruy de Sequeira Nazaré.

O professor Abel Salazar, uma das mais discutidas personalidades intelectuais do nosso século, desenhou, especialmente, para este número do *Mundo Gráfico* uma magnífica alegoria.

O nosso número, que totaliza 128 páginas, é vendido ao preço de 10 escudos.

## MUNDO GRAFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

Revista, Quinzenal

Propriedade do Mundo Gráfico, L.º

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estréla, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Lisboa

MONTGOMERY  
o general sempre vitorioso



# PRIMEIRO, A ESQUADRA

por A. J. MCWHINNIE

correspondente naval do «Daily Herald»

**O** capítulo mais empolgante da longa e gloriosa história naval da Grã-Bretanha acaba de ser escrito, um capítulo que se refere a cinco anos da mais acesa luta no mar, e que já mais o mundo presenciou; um capítulo de estóica determinação — quando as esperanças de salvação pareciam haver-se desvanecido —; um capítulo de indômita coragem — quando as possibilidades de sobrevivência bem tênues se apresentavam.

Quem ousará contrariar a justificada e honrosa convicção existente na Grã-Bretanha de que, se a sua marinha tivesse falhado, Hitler estaria hoje instalado, empavonando-se arrogantemente, em tôdas as capitais da Europa? Quem ousará negar que se isso tivesse sucedido êle teria feito a junção com os japoneses? Tão pouco admite dúvida a possibilidade de Hitler a estas horas se encontrar desferrindo golpes às portas do Novo Mundo. Seja-nos permitido lançar as vistas — retrospectivamente — sobre os acontecimentos desenrolados aqui há uns três ou quatro anos atrás, quando o horizonte de guerra se encontrava carregado de nùvens. Se não fôsse a heroica acção da marinha britânica, sôzinha sulcando os mares, após a queda da França, e, sobretudo, quando





Sir Andrew Cunningham, a primeira figura da marinha inglesa nesta guerra, que tão rotundas vitórias alcançou no Mediterrâneo



Os canhões que bloquearam a Alemanha



Um paiol de munições

a Itália numericamente então considerada «senhora do Mediterrâneo», a Inglaterra teria sido invadida.

Com Hitler instalado na Grã-Bretanha, os Aliados ver-se-iam privados das bases imprescindíveis para as operações a Oeste.

A eventual perda das Ilhas Britânicas, como trampolim que foi, da libertação, proporcionaria aos Nazis meios de projectarem os seus ataques até mesmo contra os Estados Unidos, antes que as forças navais deste país e, mais tarde do Canadá, crescessem aos efectivos actuais.

Olhando para o passado, sentimo-nos naturalmente inclinados a considerar a guerra no mar expressa apenas sob a forma de campanha submarina. De facto, a acção dos submarinos alemães constituiu a maior esperança além de supremacia naval e a maior ameaça para as comunicações britânicas, mas este é apenas um dos aspectos da história.

#### A falência do plano alemão

Esse plano alemão da guerra no mar em 1939, tal como foi delineado... no papel:

Com a França fora da contenda e uma Itália beligerante, a Alemanha capacitou-se de que a marinha britânica seria forçada a abandonar o Mediterrâneo. Uma vez dali expulsa, os navios britânicos que pretendessem assegurar a manutenção das comunicações marítimas com o Próximo e Extremo Oriente, teria que se desviar para as rotas de navegação contornando o Cabo de Boa Esperança. Daí resultaria um tal dispêndio de esforços, na já diminuída tonelagem britânica, que poucos elementos restariam para manter livres as comunicações entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, — a mais vital artéria de todas. Aos poucos, mas poderosos couraçados alemães, cruzadores de algibeira e cou-



reduziram à impotência a sua esquadra



raçados, juntamente com os submarinos e hidro-aviões de grande raio de acção, congregar-se-iam numa triplíce campanha de destruição de navegação comercial britânica. Hitler dissera «que todas as eventualidades haviam sido previstas». Por exemplo, no caso de alguns navios conseguirem escapar aos seus submarinos e corsários de superfície, não deixariam de os meter a pique dentro das próprias águas britânicas. Os portos e embarcaduras dos rios, no litoral britânico, encontravam-se para tal efeito, densamente minados com antigos e novos tipos de minas — como de facto sucedeu.

Mais ainda; alguns navios que evitassem tantas dificuldades e perigos estariam à mercê dos bombardeamentos aéreos a que estavam sujeitos os portos, que os incapacitariam de deixar os preciosos carregamentos que transportavam.

Coragem e um espírito de obstinada determinação aliada ao génio científico, facultaram à Marinha Real Britânica e à Marinha Mercante os meios eficazes de frustrarem o genial plano alemão. Desafiaram os submarinos, e os couraçados e cruzadores britânicos procuraram a todo o transe medir-se com os seus adversários alemães. Homens de ciência e técnicos navais britânicos arriscaram as suas vidas para encontrarem antidotos para contrabater as diabólicas minas de novo tipo. Aviadores britânicos, sobrevoando águas muito além do raio de acção normal dos aparelhos terrestres, lançados de navios mercantes, atacaram bombardeiros alemães a meio oceano, conscientes de que mesmo gáhuas as batalhas, eles e os seus aviões seriam sempre presa dos mares uma vez terminada a luta. Os britânicos combatiam para ganhar sempre — combatiam isolados aguardando o momento em



Alistou-se aos dezasseis anos e combateu como um herói

Os marinheiros da Vitória fazem a «toilette» às suas bocas de fogo



A Luftwaffe foi destruída no mar por estes homens de rosto enérgico e de nervos de aço



## MADAME CHANG-KAI-CHEK

a mais notável colaboradora do grande generalíssimo chinês

que poderosos aliados fariam com eles causa comum.

### Enfrentaram todas as provas — grandes e pequenas

Uma das primeiras perdas sofridas pelos alemães foi a do cruzador Graf Spee. A seguir perderam o Bismark no Atlântico do Norte — metido a pique a despeito de Hitler o haver proclamado à prova de afundamento.

Os Almirantes alemães começaram então a perceber que os perigos resultantes de arriscarem os seus poucos navios em operações de guerra de côrso, eram maiores do que eles haviam calculado. Nos manifestos lançados pelos alemães dos seus aviões, sobre os navios britânicos, pretendia-se amedrontar os marítimos britânicos dizendo-lhes que não tinham a menor probabilidade de escapar. Mas, mês a mês, vinham a lume relatos de episódios heróicos praticados por tripulações de pequenas embarcações, atirando-se contra poderosas unidades inimigas. Num deles descreve-se a acção duma minúscula corveta que numa dada ocasião transmitiu para a base o sinal de que «ia atacar um corsário inimigo». O corsário era nada mais nada menos do que o grande cruzador Scharnhorst!

Episódios como estes, ocorridos quando a Grã-Bretanha se encontrava sozinha em campo, constituíram de facto as fundações em que vieram amalgamar-se os esforços das Nações Unidas. Os navios alemães, pouco a pouco, viram-se empurrados para o litoral alemão até que foram completamente escorraçados dos mares. A Alemanha viu-se forçada a desistir da guerra de côrso levada a cabo por navios de superfície. As perdas amontoaram-se e os triunfos reduziram-se. As ilusórias esperanças de esfriamento do entusiasmo dos marítimos britânicos desvaneceram-se. Nem um único navio deixou de se fazer ao mar por falta de tripulantes — mesmo durante os dias mais negros da guerra.

Os historiadores não deixaram de anotar que os vastos recursos dos Estados Unidos mudaram o curso duma guerra começada por Hitler cuja finalidade era a conquista e dominação do mundo. Mas os historiadores também registarão que se a Grã-Bretanha não se tivesse mantido senhora das rotas marítimas, os materiais de guerra dos Estados Unidos nunca haveriam deixado território americano. Sem petróleo transportado em navios tanques, em condições de segurança, através dos mares, os aviões ficariam estacionários nos campos de aviação; sem carburantes e munições os tanques e veículos motorizados de toda a espécie não se moveriam e os canhões manter-se-iam calados.

### O preço foi caro

Através da história, os britânicos sempre ouviram dizer «se o nosso sangue é o preço do Almirantado, meu Deus, bem caro pagámos!

(Continua na página 38)

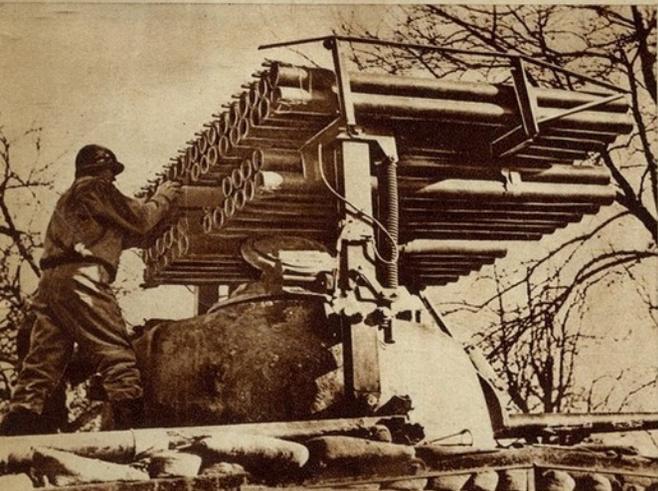
# A ARMA DA OFENSIVA

Foi este formidável tank a grande surpresa desta guerra, a arma que levou os alemães para além do Reno, até a derrota total.

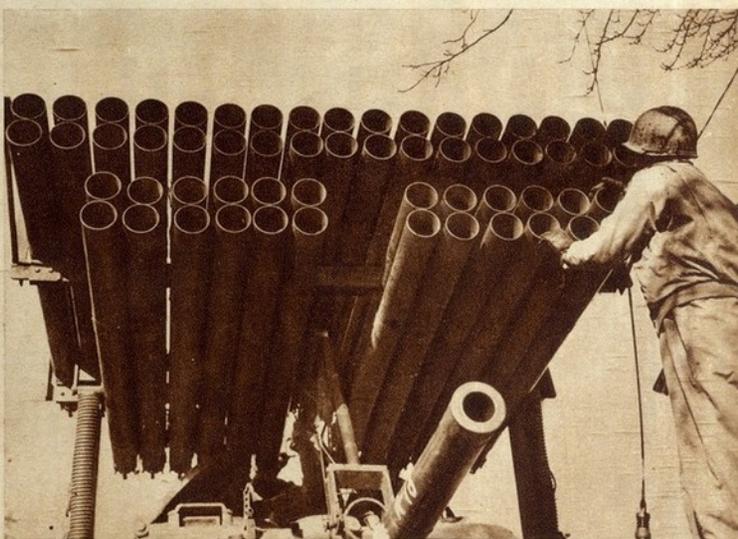
Nenhuma, até então, revelara em terra semelhante poder ofensivo. Havia, é verdade, a experiência da «basuka» — o terror dos tanks alemães — e os projectéis foguetes despejados pelos caças ingleses e americanos que destruíram todas as comunicações nazis. Mas a aplicação do foguete ao tank foi a prova máxima. Nada menos de sessenta tubos lança-foguetes colocados sobre tanks Sherman e disparados electricamente. As imagens desta página são eloquentemente elucidativas do formidável poder ofensivo desta arma que destruiu, implacavelmente, fulminantemente, a resistência alemã na frente ocidental



Soldados americanos carregam com os projectéis foguetes os sessenta tubos de lançamento de um tank Sherman



Esta pronto para fazer fogo. Um simples botão fará que a «peça», superior em poder de destruição aos canhões de maior calibre, dispare



O leitor pode contá-los. São exactamente sessenta. Agora, pelo calibre, imagine a acção desta arma fantástica



Os tanks também foram aplicados para a reparação das estradas destruídas, não impedindo a ininterrupta circulação dos blindados. **Ei-lo** fazendo fogo. O primeiro projectil partiu para as linhas inimigas. Os outros seguir-se-ão quasi simultaneamente





# CIDADE HEROICA

Londres sofreu, heróicamente, a "blitz". Quarteirões inteiros ardiam, mas não por isso o moral da sua população vergou ao poder nazi

**T**ÍPICA do heroísmo individual, a chama que ardia no meio do caos e do horror despejados sobre a Grã-Bretanha, é a história de um polícia. Era um homem pequeno, com cabelo hirtó, de um castanho escuro, e olhos azuis que pareciam estar sempre meio fechados. Tinha calcurreado as ruas de Coventry, havia apenas um ano, quando rebentou a guerra. Quando se tornou conhecida a sua história ninguém quis acreditar que fosse o mesmo polícia tranqüilo, de olhos fatigados que, com tão soberba coragem e expondo-se a um risco terrível, salvara da destruição um depósito de munições, à frente de outros dois homens.

Foi no princípio dos bombardeamentos de Coventry. Choviam bombas altamente explosivas e incendiárias. Inevitavelmente, começaram os incêndios. Aumentavam o calor e o estrondo. As chamas tudo lambiam e iam-se aproximando do depósito de munições, quando o polícia, compreendendo o perigo, acorreu.

Seguido por dois homens, tomou pelo caminho praticável, uma aberta de três metros de largura entre as labaredas alterosas e a barraca de chapa ondulada que já estava a pôr-se ao rubro. Dentro da barraca, o caso ainda se apresentava mais grave. O calor, vindo das paredes interiores, era tão forte, que a roupa dos homens começou a chamuscar-se, no corpo enquanto se moviam dentro do paiol já incendiado a transportar as munições.

O polícia sabia que tudo podia ir pelos ares de um momento para outro e pensou no grande quartelão contíguo de casas de operários, onde grangeara tantas amizades, no seu giro. Encontrou um carro de mão que começou a carregar, desesperadamente, com



A Luftwaffe fazia ataques em massa. Londres ficou em chamas, mas o seu heroísmo iluminou o mundo



Os bairros pobres foram, impiedosamente, flagelados. Milhares de vítimas, milhares de casas destruídas



Uma parada heroica, entre as ruínas de Londres, no tempo em que a Inglaterra se batia sózinlta



Uma vítima das bombas alemãs



A catedral de S. Paulo, símbolo da invencível Inglaterra, que também foi atingida. À roda, todos os quarteirões foram arrasados pelo fogo do inimigo

Rara foi a igreja que escapou à fúria nazi. Corações ao alto, os londrinos não deixavam de trabalhar, forjando as armas da vitória

caixas de munições, auxiliado pelos outros dois homens. Conseguiram pô-las a salvo correndo pela aberta e não foram nem uma nem duas vezes que fizeram esse percurso, mas muitas. Durante meia hora lutaram naquele inferno. Começou a arder-lhes a roupa. Várias vezes tiveram que apagar à palmada o fogo que se lhe pegava aos sobretudos, mas persistiram até terem transportado para lugar seguro todas as munições e afastar por completo o perigo de uma explosão

### Heroísmo de uma rapariga

História de carácter completamente diferente é a de Stella Gray, uma rapariga da N. F. S. (Serviço Nacional contra Incêndios) de Plymouth. Miuda e alrosa, manteve-se sentada no seu posto enquanto a casa era sacudida pelas bombas que caíam. Chovia-lhe em cima o estuque que branqueava o seu uniforme azul mas não obstante, conservou-se diante do telefone a transmitir comunicações urgentes.

(Continua na página 94)



As mulheres inglêsas foram os primeiros soldados de Londres. Uma defesa anti-aérea em acção



Transportando caixas de munições

# MISS E MRS. SMITH



Casamento de uma operária de uma fábrica de material de guerra com um valoroso combatente do mar

Por PHYLLIS BENTLEY

Autora de numerosos romances, internacionalmente conhecidos, entre os quais «Inheritance», «Sleep in Peace» e «Manhold»

AGORA, que a África e a Europa foram libertadas pela derrota da Alemanha de Hitler, e antes que a Ásia seja libertada, por sua vez, pela derrota do Japão, quero chamar a atenção, por um momento, para uma pessoa que, na minha opinião, suportou uma grande parte do peso desta guerra. Aqui a têm: um tanto róta, mas limpa e desenhovalhada, com um olhar calmo e confiante e um sorriso agradável — Miss ou Mrs. Smith, da Grã-Bretanha, a mulher que, nas palavras do sr. Bevin, «determinou o resultado da vitória».

Qual foi o papel desempenhado por Jane Smith nesta guerra? Ora, todos conhecem as estatísticas, como espero. Na Grã-Bretanha, temos pouco mais de dezassete milhões de mulheres e raparigas dos 16 aos 64 anos. Desses dezassete milhões de mulheres, cerca de dez estão ocupadas na lida da casa, incluindo os cuidados com nove milhões de crianças de idade inferior a 14 anos. Pouco mais de sete milhões foram aquilo a que se chama «empregadas remuneradas», isto é, trabalhavam para um salário, nas Forças Armadas, na Defesa Civil e na Indústria. Um milhão de mulheres prestou serviço voluntário nos W. V. S. (Serviços Voluntários Femininos). Três quartos de um milhão estavam inscritas na «Secção das Donas de Casa» para prestarem auxílio durante as incursões aéreas. Cerca de dez mil mulheres pertenciam ao pessoal voluntário do «Citizens' Advice Bureau». Milhares de mulheres prestaram serviços voluntários no campo, na Defesa Civil, como enfermeiras, nos cuidados a dispensar aos evacua-



Nos primeiros dias de guerra. Visitando um posto de artilharia



Se o inimigo invadisasse as ilhas, até as mulheres combateriam



O tank está pronto. Ela escreveu: «Vão e ganhem, rapazes!» E foi assim!

dos e aos aboletados, na conservação de alimentos, na distribuição de leite e no trabalho das cantinas.

### Mulheres de Uniforme

As estatísticas aí ficam. Que nos revelam elas? Olhemos, primeiro, para as raparigas de uniforme. De uma maneira geral, essas eram as raparigas com sorte. Sacrificavam a sua liberdade, mas, com isso, obtinham certas vantagens importantes em tempo de guerra. Não tinham que entrar nas «bichas» à porta dos estabelecimentos ou que lidar com cartões de racionamento e cupões. A sua alimentação era boa, os seus uniformes elegantes; talvez as suas meias fossem um pouco grosseiras e de cor escura, mas, pelo menos, eram resistentes e não davam o trabalho de paciência que com as outras meias tinham as suas irmãs civis. Com os botões bem limpos, levemente pintados, os cabelos caídos até acima das golas, o andar vigoroso, tinham um aspecto saudável e feliz — e eram-no, de facto. Mas estas raparigas aceitavam a disciplina, suportavam fadigas, corriam perigos e cumpriam tarefas monótonas com uma precisão in'alível. Cozinham refeições e dactilografavam as ordens; enchiam os armazéns para o dia D, experimentavam os tanks dentro de água e dobravam os paraquedas. Manobravam as peças anti-aéreas e remendavam os balões; examinavam os torpedos e consertavam os aparelhos de roçagem de minas; orientavam os aviões para uma aterragem segura, registavam os camiões e elas próprias os conduziam; telegrafavam as men-



Ao serviço da Royal Navy



## GENERAL DE GAULLE

a alma da resistência da França

sagens e guardavam segredo constante.

As raparigas dos campos, vestidas de verde e de castanho, ordenavam as vacas e conduziam os tractores, derribavam árvores e cultivavam batatas. Quanto às enfermeiras, não há necessidade de descrever as suas heróicas tarefas; todos nós sabemos quais elas foram e reconhecemos, agradecidos, o seu valor.

### Caras mascaradas e mãos sujas

Vejam, agora, as mulheres que trabalhavam nas fábricas. São as raparigas de fatos-macacos e impermeáveis, cabeças descobertas, levando consigo a maleta com o almoço. As suas caras estão mascaradas e as mãos sujas; têm um ar de cansaço, porque quando chegam a casa, depois de um dia inteiro de trabalho, insistem em fazer as obrigações domésticas antes de irem para a cama. São essas as mulheres que enchiam as granadas e apertavam as espoletas. Era vé-las, calcando sapatos com solas de borracha e fatos de macaco de tecido grosso, nas fábricas de explosivos; lidando, delicadamente, o mortífero pó anarelo com anteparos protectores sobre as mãos. Faziam aparelhos de rádio e lentes fotográficas; imprimiam mapas e pintavam máquinas; manobravam as máquinas de cravar rebites; teciam o pano, as lãs, os algodões; cosiam tanto os balões como a botas. De óculos escuros, recebendo na cara pálidos reflexos vermelhos e verdes, procediam a trabalhos de soldagem; trabalhavam nas asas dos aviões e nos tanks. Manobravam pesados guindastes e concertavam as linhas telefónicas; conduziam barcaças nos canais, carregavam e descarregavam as mercadorias e as bagagens nos caminhos de ferro. Só nos serviços de transporte de passageiros de Londres estavam empregadas mil e duzentas mulheres; por todo o país as mulheres cortavam os bilhetes e conduziam os auto-carros.

### Combateram os incêndios

Havia, além disso, as mulheres da Defesa Civil e dos Serviços de Incêndios. Eram mulheres de uniformes azul-marinho, com capacetes pendentes do ombro. Eram mulheres que, quando soavam as sirelas de alarme, as armas troavam e as bombas caíam, saíam para a rua juntamente com os homens seus camaradas, dominavam as incendiárias, combatiam os incêndios, varriam os vidros estilhaçados, regulavam o trânsito, nomeavam as brigadas de salvamento, conduziam as ambulâncias e prestavam os primeiros socorros aos feridos.

Por detrás de todas estas mulheres e por detrás de todos os homens que faziam os trabalhos mais pesados na indústria de guerra, estava a dona de casa inglesa — dez milhões de mulheres de quem dependiam os lares de 45 milhões de pessoas. Quando penso numa

(Continua na página 84)

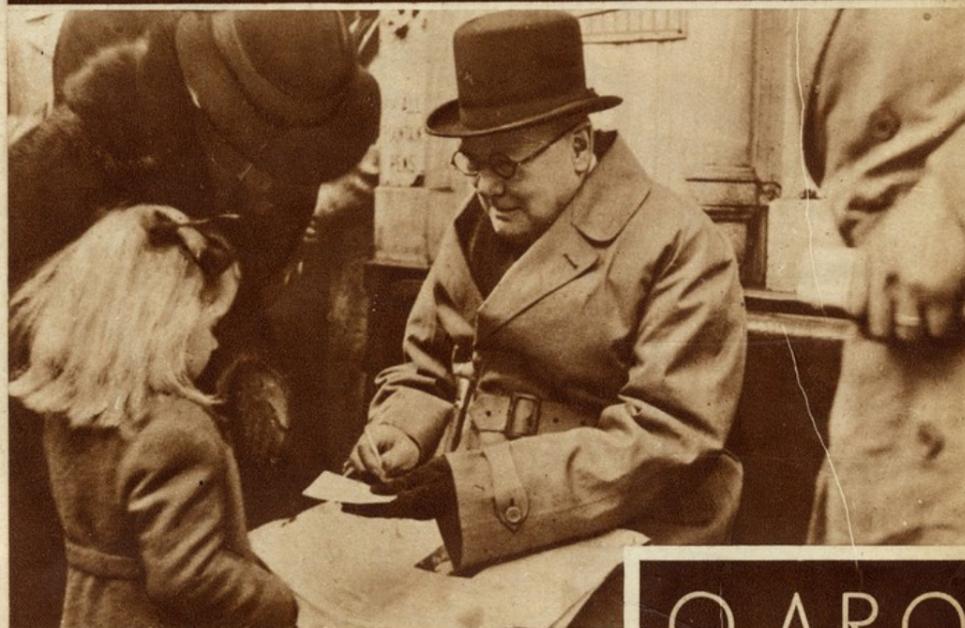
# A MARSELHESA



O desfile da Vitória! Sob o Arco do triunfo flutua, livre e radiante, a tricolor francesa. A cidade foi reconquistada ao inimigo. As tropas anglo-franco-americanas desfilam, entre teorias de estandartes gloriosos, o rodar pesado dos tanks, as salvas de artilharias, e a ebridade entusiástica da multidão. Paris está livre! As figuras imortais do baixo relêvo do Rude, animam-se e caminham, entoando de novo a Marselhesa.



# CHURCHILL



Nos primeiros dias da guerra, Churchill dá um autógrafo a uma pequena admiradora, depois de ter visitado as defesas da costa britânica



O primeiro encontro dos dois grandes Chefes

## O ARQUITECTO DA VITÓRIA

**N**O princípio deste século, a estreia de um político era fácil, sem dúvida, se ele descendia de um Duque de Marlborough e filho de um dos primeiros homens públicos da época. Isso não explica, porém, suficientemente, que, em Outubro de 1911, apenas com 37 anos, Winston Churchill fôsse já primeiro Lord do Almirantado, num período em que observadores perspicazes começavam a admitir a possibilidade de uma guerra com a Alemanha do Kaiser. Em todo o caso, o neto do Duque acabava de desempenhar papel de grande relêvo na batalha contra a Câmara dos Lords, suprimindo-lhe o poder de se opôr à vontade da Câmara dos Comuns.

Hoje, consideramos Churchill, principalmente, um chefe de guerra, tanto mais que êle foi sempre um guerreiro, tanto na guerra como na política. Mas, em 1911, êle era conhecido, principalmente, como presidente da Junta do Comércio que introduziu, com Lloyd George, o primeiro sistema de seguro contra o desemprego e instituiu as pensões na velhice, aos 65 anos, e as pensões às viúvas e aos órfãos. Apesar de tudo, a sua carreira política foi retardada pela perda de uma eleição em Oldham e de outra em North-west Manchester. Churchill perderia, ainda, muitas outras.

### Em busca de aventuras

Apesar dos seus 37 anos, apenas, Churchill começara, pois, a sua carreira política, ocupando, sucessivamente, os cargos de subsecretário das Colônias, presidente de Junta do Comércio, «Home Secretary» e Primeiro Lord do Almirantado. Alistou-se, porém, como subalterno no 4.º de Husards, indo para Cuba, o único ponto do globo onde, nêsse tempo, se podia combater. Já, então, adquirira o hábito de fumar charuto e de dormir a sesta depois do almoço. (Mais tarde, como Primeiro Lord do Almirantado, entendeu que podia muito bem obter mais duas horas de repouso, num dia de trabalho terrivelmente sobrecarregado, dormindo depois de jantar.) Bateu-se, mais tarde,



O Primeiro Ministro com o embaixador da Rússia, Maisky

na fronteira noroeste da Índia e escapou da morte enviada numa bala por um indigena, que lhe passou de raspão pela cabeça.

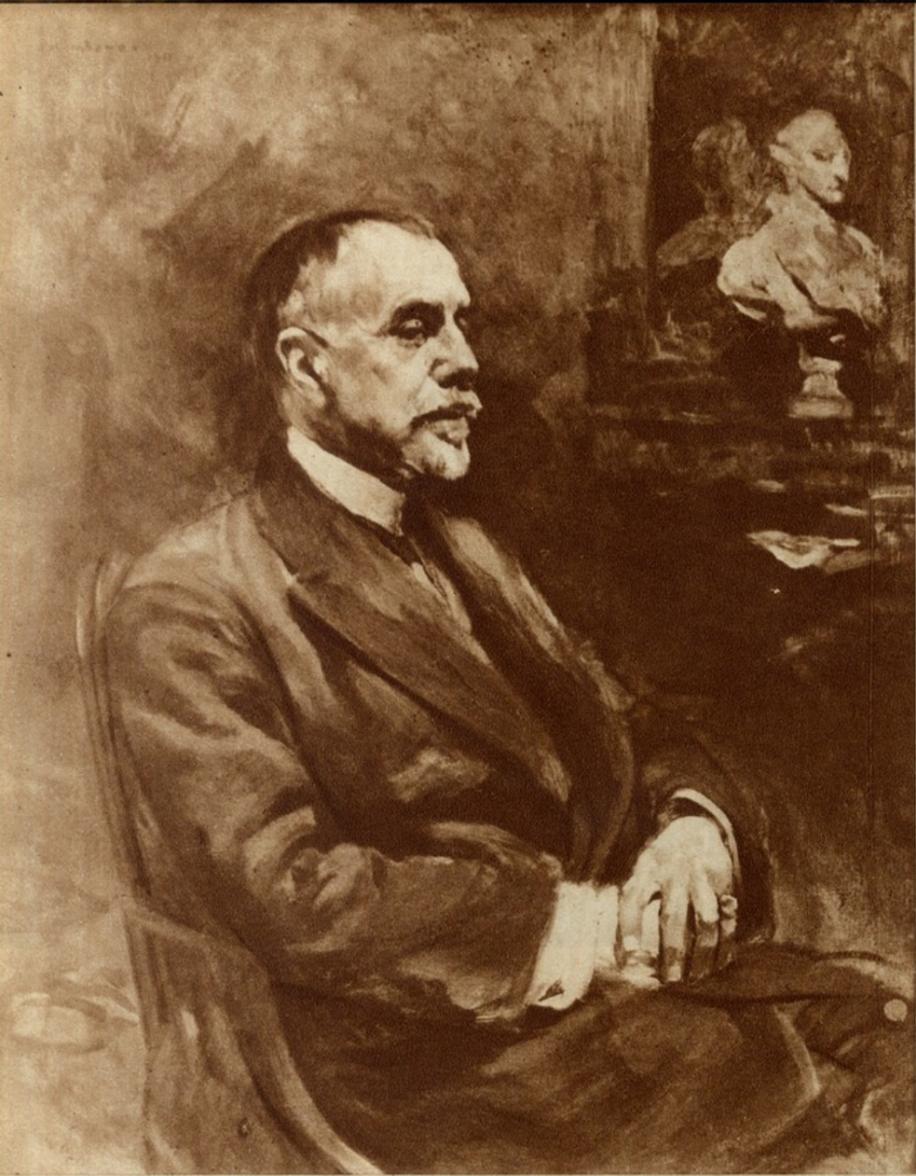
Em artigo recente, um jornal de Londres cita nada menos de 25 casos em que Churchill, durante a sua carreira, escapou da morte. Algumas vezes, foram balas que... só passaram de raspão; outra vez, foi o avião em que voava sobre a Mancha que caiu, por avaria no motor; outra, ainda, saiu ilêso depois de ter sofrido espectacular acidente de taxi em Nova York. Bateu-se sobre as ordens de Lord Kitchiner em Omdurman, na batalha que acabou com Mahdi e os seus derviches

fanáticos; foi para a África do Sul como correspondente de guerra e, de novo, escapou da morte, quando um combóio blindado em que viajava, foi atacado pelos Boers. Foi feito prisioneiro mas evadiu-se, percorrendo os 482 quilômetros que o separavam da África Oriental Portuguesa. Os boers, quando souberam da sua fuga, puzeram a cabeça de Churchill a prêmio, oferecendo, por ela, 25 libras. Voltando à África do Sul bateu-se na Cavalaria Ligeira Sul-Africana. Do seu uniforme fazia parte um chapêu de abas muito largas e muito pitorescas. Aliás, Churchill teve sempre a mania dos

(Continua na página 89)



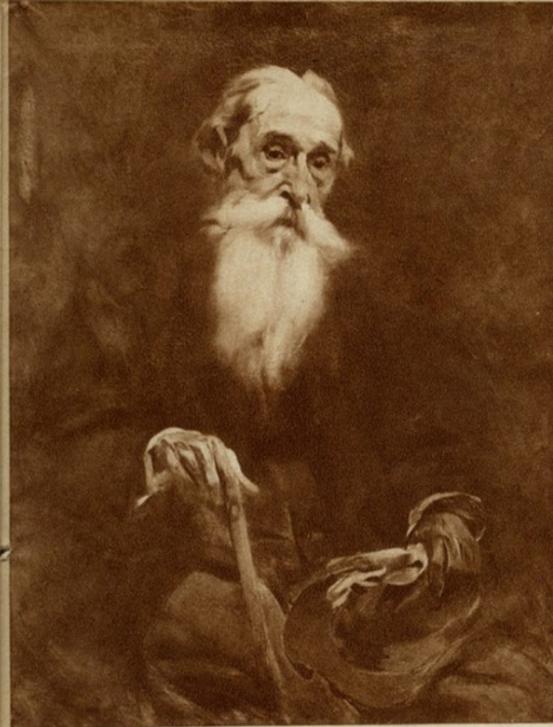
Nos tempos do «sangue, suor e lágrimas» Com os soldados de África, depois da vitória de El Alamein



Telxetra Gomes



Henrique de Vasconcelos



Bulhão Pato



João Rosa



Manuel Gustavo

# O MESTRE DO RETRATO



D. José Pessanha



«Soirée chez lui»

**C**OLUMBANO foi o maior pintor retratista do século XIX. É uma afirmação que não nos parece fácil de destruir. Mesmo em confronto com os grandes pintores estrangeiros da sua época não vemos muitos vultos que, sob esse ponto de vista artístico, o exceda. Sem que pretendamos citar a já tão cansada opinião de «influências velasqueanas» nos seus retratos, devemos somente reconhecer o gênio interpretativo dos seus modelos. Esse caso de influências daria motivo a longas considerações que talvez não se ajustassem perfeitamente a este artigo.

Por isso, pomos de parte as «influenciuzinhas» que, quanto a nós, não passam de *scies* de mau gosto. Columbano foi um pintor de almas; muito mais de que um pintor de modelos; logo, a maneira pictórica das suas telas nada tem de comum com a feição interpretativa de outros pintores-retratistas.

Em tempos — e não sabemos se ainda hoje — usou-se muito dizer que as figuras reflectidas na tela pelo grande pintor, não eram a dos retratados, mas sim estes vistos através do temperamento do extraordinário artista.

Não traduzirá esse facto uma das suas maiores virtudes? A pintura, como a toda a expressão de arte, cabe um poder criador e de análise psicológica. E os artistas nunca se igualaram sempre que dão às suas criações um significado interpretativo pessoalíssimo.

Foi este o caso de Columbano: não reproduziu a exterioridade da forma; foi mais além — «pintou», — se nos é permitido a expressão — almas arrancando ao mundo íntimo e múltiplo do retratado o que neste porventura, existia de misterioso e humano. Daí a sua maneira parecer a muita gente um tanto sombria e brumosa.

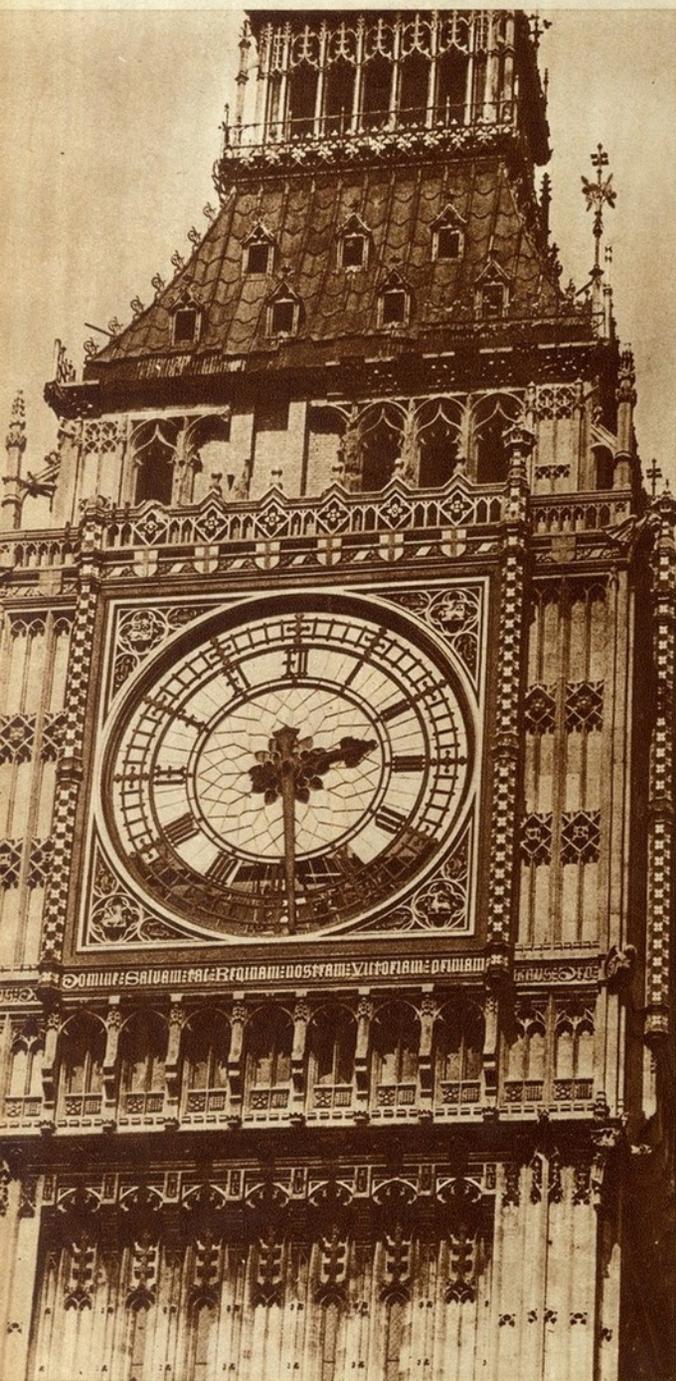
Não devemos, contudo, esquecer que a maior parte dos seus retratos são de indivíduos cuja inteligência e complexidade anímica estavam muito acima, da vulgaridade. Isto representa que um desejo de tornar a sua pintura mais profunda do que bonita, foi a sua grande aspiração.

Columbano, sendo o maior retratista da sua época, que deu vida e profundidade à sua inimitável arte, foi, no entanto um artista nem sempre compreendido por julgadores superficiais. Ora, por essa mesma circuns-



A Dama da luva cinzenta

# ÊLE MARCOU A HORA DA VITÓRIA



Precisamente, quando o Big-Ben dava as três horas da tarde do dia 8 de Maio de 1945, Churchill anunciava ao mundo a rendição incondicional da Alemanha



A maravilhosa arquitetura tudoresa foi, previamente, preparada para esse dia solene. Nessa noite, cobriam-na milhares de lâmpadas eléctricas e, beijada pelos holofotes, recortava-se no céu como uma torre de prata cinzelada

tância, é que ele foi único e enorme. Se assim não fosse a sua obra teria desaparecido com êle. Mas não sucedeu assim:

As suas telas, porque têm alma, são o próprio artista. E as obras de arte, sempre que refletem um temperamento, desafiam os anos e são eternas como as ambições de beleza criadora que perturbam e dignificam os artistas de génio. E a essa estirpe artística pertence Columbano.

Columbano foi o nosso mestre do retrato. Êle não pintava, apenas, fisionomias, com os caracteres exteriores por vezes, tão aparentes, digamos falsificados ou corrigidos por uma expressão de convencionalismo mundano. Pintava almas, arrancava segredos psicológicos, narra o dor íntima ou o orgulho sufocado com um extraordinário poder de penetração. Veja-se, por exemplo, o seu Silva Pinto, de máscara doentia, olhos trágicos, face apergaminhada, como que uma aparição de tal maneira os contornos físicos se perdem e se esbatem. Ê quasi um espectro! E como contraste, o seu Buihãdo Pato, de longas barbas, muito fidalgo castelhano, como que um D. Quixote do século XIX, com a sua attitude arrogante e desplícite, como que seguro da sua imortalidade. Outro ainda, que foi representado, admirá-

velmente: Teixeira Gomes. Repare-se na sua serenidade, vincada de sobrançeria intelectual, o homem finamente, espiritual, que se senta à vontade numa cadeira, como se estivesse num salão de Mayfair, conversando com um embaixador. Cada um dos modelos de Columbano é uma interpretação humana do qual muitas vezes êles descordariam enganando-se com a verdade do seu próprio eu. Pintou a geração de 1890, a grande geração, legando à posteridade uma galeria. Com a realidade êle cria atmosferas de sonho, zonas de mistério, e os seus negros, os seus verdes surdos, as suas terras de sena, como adquirem novos cambiantes, novos índices de tonalidade. Refletem-se na sombra, como se fundem nela, mas guardando a riqueza da sua essência plástica. Morreu há dias, a viúva do grande mestre, o seu modelo predilecto, a figura delicada que segura a «Chávena de Chá», de tão íntima e recolhida beleza, e de muitos outros quadros para os quais ela «pousou», musa incansável desse artista raro e subtil, cujo génio puro é a maior glória da pintura portuguesa depois de Nuno Gonçalves. Luz vigilante da obra e do nome de Columbano, a excelsa senhora, deixou, por herança, ao Estado, os quadros que guardava de seu marido.

# A PRIMEIRA VITIMA



NO DIA 1 DE SETEMBRO  
AS HOSTES NAZIS IN-  
VADIRAM A POLÓNIA

# GRECIA IMORTAL



Atenas evocou, recentemente, a memória do grande Byron, que coroou de louros da mais eloqüente poesia dramática a história e a epopeia helênicas. Junto do seu monumento uma jovem ateniense recita o imortal poema «Maid of Athens», perante milhares de alunas das escolas, mocidade fremente, no qual revive a beleza, o pensamento e o heroísmo da grande nação civilizadora. As bandeiras grega e inglesa, cingem o pedestal da estátua do poeta, confundindo as suas côres e os seus destinos



# «NUNCA TANTOS DEVERAM TANTO A TÃO POUÇOS»

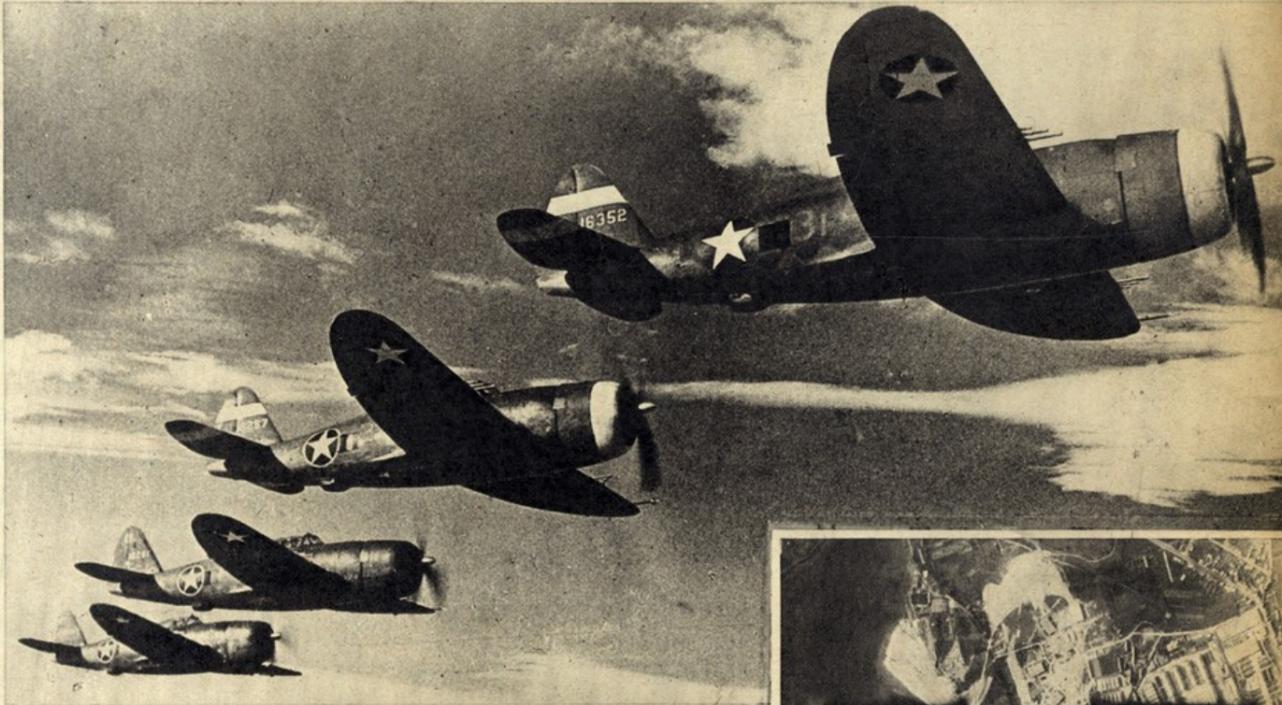
por Ruy de Sequeira  
Nazaré

10 de Maio de 1940 —  
¿ Porque não bombar-  
dear civis? São ou não  
são nossos inimigos?  
Quem somos nós para  
decidir o que devemos  
ou não fazer? O Fuhrer  
é o único juiz!

**GOTTFRIED LESKE,**  
sargento-aviador  
nazi.

CANADÁ, 10 de Novembro  
de 1940. Ao cair daquela  
noite, num recanto da terra  
loira, em New-Foundland,  
quando na Europa se extin-  
guam as derradeiras luzes das  
cidades, e Londres não era  
mais que um pulmão incandes-  
cente intoxicado pela blitz,  
uma pequena banda de música  
soprava um vento bom: —  
«There's always be an En-  
gland». (Haverá sempre uma  
Inglaterra). Nessa mansão  
de silêncio em expectativa,  
a canção espargia sôfias de  
esperança entre quantos a  
escutavam, e às alturas er-  
guiam o olhar, reclamado pela  
sinfonia primeira do primeiro  
Hudson que da América de-  
mandava as brumosas terras  
da Albion. Ai estava o segun-  
do parágrafo da resposta aos  
nazis como Gottfried Leske,  
que, na monocromática ce-  
gueira das retinas dos chefes,  
só revelavam frases deste teor:  
«Bombardeamos novamente  
Bruxelas e Antuérpia. As pes-  
soas tentavam escapar, aban-  
donando as residências. Nós,  
porém, em vôo razo, podíamos  
pers-guil-las de perio. Algu-  
mas fugiam de bicicleta. Pro-  
curavam abrigar-se nas valas  
mas de nada lhes servia tal  
recurso. Por vezes metralha-  
vamos também uma ovelha ou  
uma vaca».

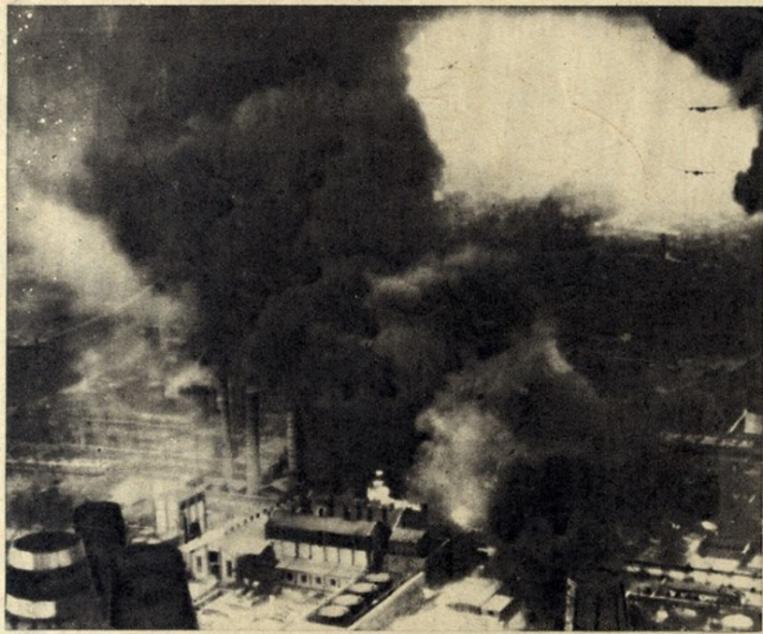
Não lhes bastava na terra o  
Lebensraum a esses prussia-  
nos cujo espírito insaciável de  
conquista a tal ponto treslou-  
cado que até ao céu incom-  
mensurável foi buscar o seu  
espaço vital, estendendo os ten-  
táculos de uma «Luftwaffe»  
diabólica, atirando-se sobre os  
telhados de Londres como o pa-  
pão nocturno que as mães, nas  
canções de embalar, tão doce-  
(Continua na página 98)



As estrélas da bandeira americana converteram-se em asas vitoriosas



As bombas inglesas caem sobre os arsenais e as fábricas do inimigo



As Fortalezas Voadoras destroem os poços petrolíferos da Romenia, que abasteciam os alemães

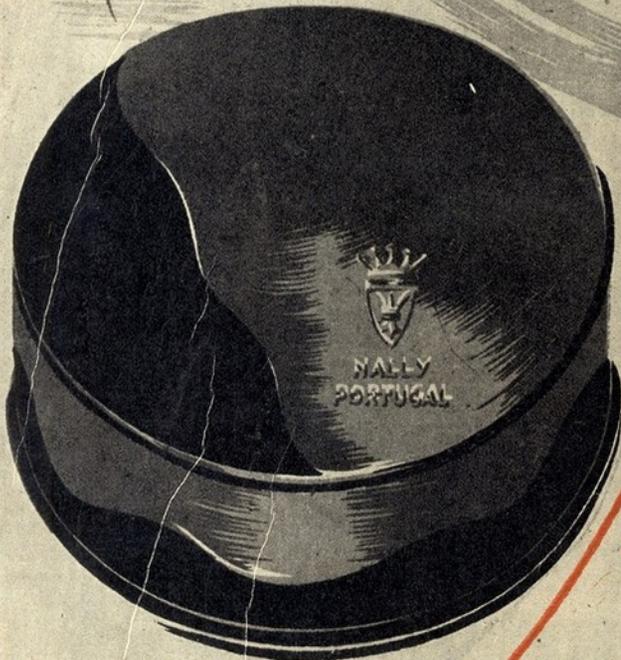


Os «Strirlings» e os «Lancasters» britânicos foram as armas da vitória





**PÓ D'ARROZ**



*nally*

**ADERENTE • LEVE • PERFEITO**

por JEAN MARTIN

UMA manhã de 1944, na avenida de Saint-Michel, em Paris. Nesse Paris revestido dum esplendor fúnebre e impressionante, que domina o inimigo e os traidores. O Sena corre entre os seus cais tristes, os jardins suaves donde as estátuas desapareceram. A perspectiva admirável dos Campos Elíseos ao Arco do Triunfo já não é um espaço cheio de vida: transformou-se num cenário sem alma. As fachadas nobres, à francesa, estão manchadas pelas côres alemãs. E esta multidão, apenas esta multidão obscuro, verde e cinzenta dos homens e das mulheres da Wehrmacht, e estas expressões de satisfação dos burgueses bem comidos do mercado negro, os risos demasiado estridentes de algumas mulheres, os teatros chelos, o passeio monótono do domingo, as silhuetas esquivas dos párias que ostentam uma estrêla amarela — tudo

(Continua na página 105)



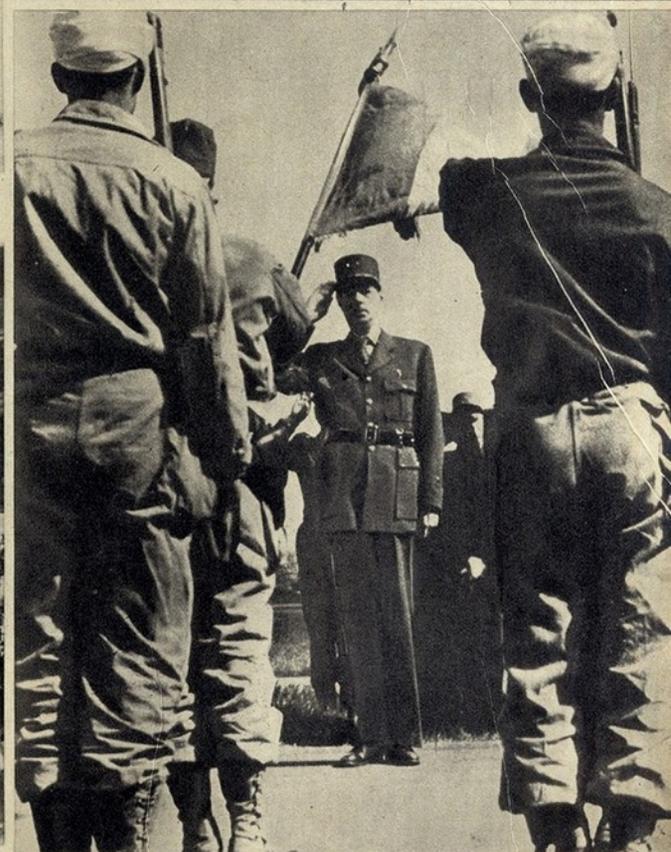
O general De Gaulle atravessa o Reno



Paris aclama a segunda divisão blindada francesa

Ao som da Marselhesa e de rufar dos tambores, a infantaria do Corpo Expedicionário Francês desfila pelas ruas de Roma

# A ALMA DE PARIS



A continência à bandeira gloriosa

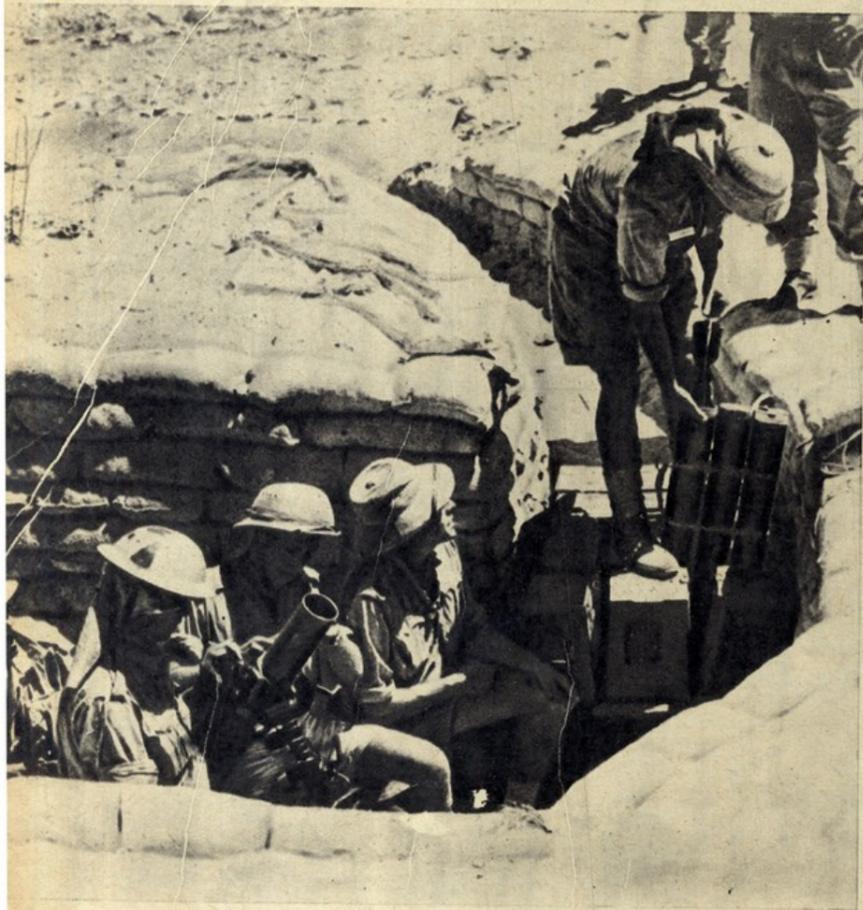
# O MARECHAL SMUTS



As tropas sul-africanas contribuíram, poderosamente, para a vitória de Montgomery na Líbia. Tanks inimigos incendiados pela sua acção



O major General Dan Pienaar, comandante de todas as forças sul-africanas que se bateram no Norte de África



As tropas da África do Sul, na primeira linha do deserto norte-africano



As forças de Rommel foram aniquiladas

A F. A. S. A. (Fôrça Aére Sul-Africana) foi constituída em 20 de Agosto de 1920. Em 1922 compunha-se de 270 oficiais e praças, incluindo o quartel-general e suas esquadilhas. Ao rebentar a guerra, a F. A. S. A. forma 1.500 oficiais e praças. A carência de equipamento aéreo era tal que os aviões da South African Airways tiveram que ser requisitados para serviço de patrulha da costa. Não tardou, porém, que fossem chegando aviões do ultramar.

Em 1941, o pessoal da F. A. S. A. compunha-se de 2.000 oficiais e 25.000 sargentos e praças incluindo 3.000 mulheres. Em Junho de 1943, os efectivos elevavam-se a 37.500.

Em Novembro de 1943, anunciava-se que a União tinha resolvido crescer a Fôrça Aérea de seis novas unidades, elevando-se a 20 esquadras.

Em Março de 1942 lutavam cerca de 700 aviadores sul-africanos na R. A. F. e perto de 100 decorações incluindo a Vitória Cross (Cruz da Rainha Vitória) já lhes tinham sido conferidas. Perderam a vida na batalha da Grã-Bretanha doze aviadores sul-africanos.

Foram sul-africanos dois dos mais afamados aviadores desta guerra, o comandante de Grupo Capitão A. G. Malon, D. S. O. e barra, D. F. C. e barra, Croix de Guerre, que até Junho de 1941 já tinha derrubado 35 aviões inimigos, e o falecido Comandante de Wing Netleton, Vic. que comandou e dirigiu o famoso ataque diurno de Lancasters a Augsburg, em Abril de 1942.

## Treino aéreo na África do Sul

No princípio da guerra a União Sul Africana previu que ia precisar de todos os seus aviadores na África do Sul e não participou na organização do Plano de Treino aéreo da Comuni-

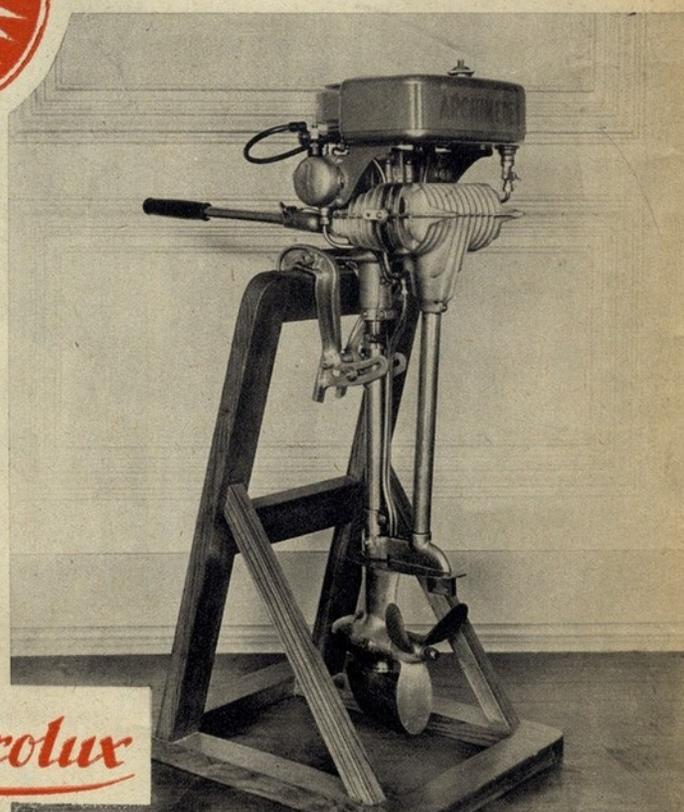
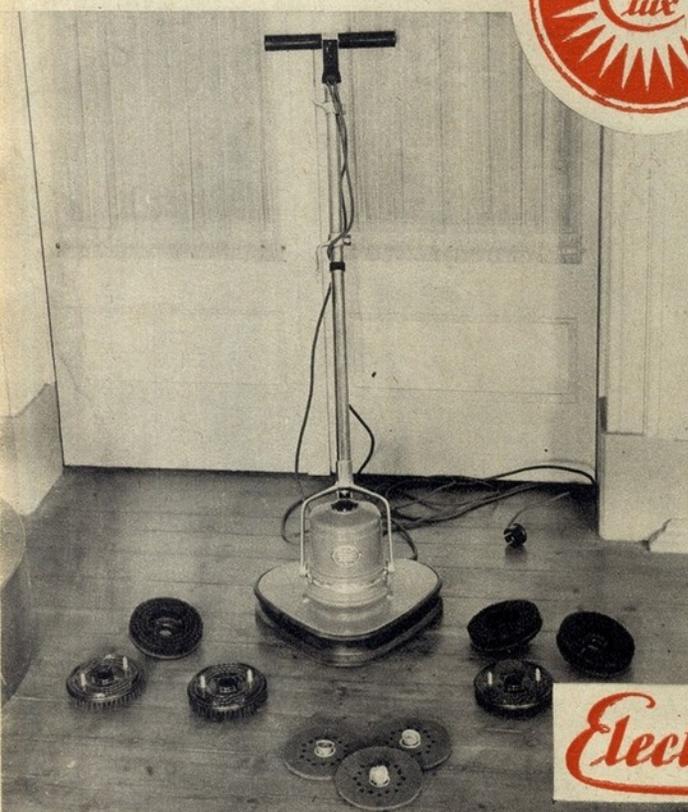
(Continua na página 97)



Sul-africanos e americanos, depois de terem desmantelado a linha Gótica, na Itália



Smuts, marechal do Império



**ESTA MARCA GARANTE QUE O MATERIAL É DO MELHOR QUE A INDÚSTRIA SUECA PODE FORNECER**

Peça catálogos e condições de venda ou uma demonstração gratuita em sua casa

**ELECTROLUX      LIMITADA**

LISBOA

Avenida da Liberdade, 141

Telef. 2 8246

PORTO

Praça da Liberdade, 128

Telef. 2 033

8.7.45  
**A VITÓRIA DESVENDA OS HORRORES  
DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO ALEMÃES**



Desenho feito expressamente para o número especial do «Mundo Gráfico» pelo grande mestre da pintura portuguesa Abel Salazar

# O GRANDE PRESIDENTE



POR HENRY  
STEELE COMMAGER

**A** GORA, que as acérbas discussões sobre a política do «New Deal» se encontram sufocadas pelo clamor da guerra, torna-se possível avalliar o seu alcance à luz de algumas perspectivas históricas. Igualmente, no momento em que já não apresenta dúvidas o desfecho desta guerra que irá determinar o futuro da democracia e do papel da América nos assuntos mundiais, surge a possibilidade de se interpretar algo do significado da política externa, ou programa, dos períodos do mandato de Roosevelt. Os objectivos dessas políticas—interna e externa—foram, por quatro vezes, apolados por grandes maiorias populares, e de tal modo foram traduzidas em factos reais e em factos reais e irrevogáveis que a sua discussão se torna quasi irrelevante. Deveria ser possível determinar-se, se não em última instância, pelo menos com um certo grau de precisão, o lugar ocupado por Roosevelt na História americana.

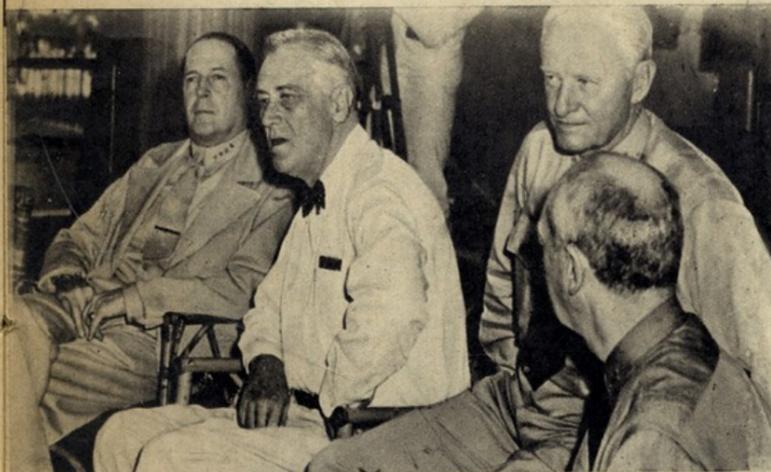
Que esse lugar ainda se encontra toldado por certa controvérsia e irritação, não se pode negar. Todavia, estas fazem também parte do quadro e possuem o seu próprio significado. Os mandatos de Washington, Jefferson, Lincoln, Wilson foram também caracterizados pela controvérsia e pela irritação; só as administrações de governantes medíocres como Monroe, Arthur e Harrison, ficaram memoráveis pela tranquillidade que as revestiu.

Nada possui isso de notável, nem tão pouco diminui de qualquer forma o significado da obra e da contribuição prestada pelo Presidente Roosevelt. O pêndulo da História americana oscila da direita para a esquerda, porém não se nota qualquer forte descontinuidade no nosso desenvolvimento histórico; e apenas há que acreditar o Presidente Roosevelt por haver trabalhado dentro da estrutura da História e da tradição americanas.

Quais são, então, as obras principais e contribuições permanentes prestadas por Roosevelt durante os três primeiros mandatos? Antes de mais nada, vem talvez a restauração da confiança própria, a revificação do espírito nacional, a reafirmação da fé na democracia. Torna-se inútil discutir se estes factores foram conseguidos por Roosevelt ou se, antes, surgiram como resultado de forças poderosas—tal como é inútil discutir se Jackson se rela-



Roosevelt visitando um campo de aviação no Sul dos Estados Unidos



Em Julho de 1944, Roosevelt conferenciava, em Hawai, com o general Mac Arthur e os almirantes Nimitz e Leahy, antes da grande ofensiva contra o Japão



O Primeiro Ministro inglês Winston Churchill e o Presidente Roosevelt, durante uma das conferências realizadas nos Estados Unidos, para a condução da guerra



Roosevelt avô. No dia de Natal, ele reunia sempre, em sua casa, todos os seus netos

Um momento histórico. Franklin D. Roosevelt e eleito, pela terceira vez, Presidente dos Estados Unidos



Roosevelt no Brasil, com o Presidente Getúlio Vargas, onde foi entusiasticamente recebido



Roosevelt recebe, na Casa Branca, os delegados americanos à Conferência de S. Francisco, alguns dias antes da sua morte



O sorriso vitorioso do grande democrata. A seu lado, seu filho James, quando da propaganda eleitoral de 1944

cionou com a dignificação do homem do povo, ou Lincoln com a abolição da escravatura, ou ainda o Presidente Roosevelt com a reforma. Todos estes factos se encontram indiscutivelmente ligados às administrações destes estadistas e é segura profecia afirmar-se que a Franklin Roosevelt estará ligado ao renascimento da fé na democracia, após uma longa década de materialismo e de cinismo.

«A única coisa de que devemos ter medo», declarou Roosevelt ao assumir a presidência, «é do próprio medo... Encaramos os dias difíceis que se nos apresentam com a ardorosa coragem que nos dá a unidade nacional; com a clara consciência de buscarmos valores morais antigos e preciosos; com a satisfação imaculada, própria do cumprimento firme do dever.» E durante os seus doze anos na

Presidência, Roosevelt nunca perdeu a confiança no «futuro da democracia essencial», ou na capacidade do povo americano de levantar qualquer repto, fazer frente a qualquer crise, fosse ela interna ou externa. Os que passaram pela época sombria de 1933, recordar-se-ão da fuga à depressão.

Roosevelt caiu sobre ela com energia e desassombro. O Corpo de Conservação Civil viu as suas fileiras ocupadas por mais de três milhões de rapazes que plantaram desassete milhões de acres de novas florestas, construíram mais de seis milhões de diques para evitar a erosão do solo, combateram incêndios em florestas e as doenças de plantas e animais. Para impedir a erosão, o Governo organizou um programa cooperativo que teve o apoio de mais da quarta parte dos lavradores do país e abrangeu 270 milhões de acres de terra, lançou os preceitos para a construção de uma série de enormes represas e reservatórios, e projectou a criação de extensas cinturas de abrigo de árvores, nos planaltos.

A «Resettlement Administration» deslocou das terras marginais os lavradores e meteu ombros à utilização delas. A obra mais importante deste género foi, porém, a administração do Vale do Tennessee (TVA), laboratório gigantesco para a reconstrução regional.

Igualmente, importante foi a obra do «New Deal» no campo da reabilitação humana. Havendo assumido a presidência numa altura em que o desemprego havia talvez atingido catorze milhões de pessoas e em que todas as iniciativas particulares para o debelar haviam fracassado, era talvez

(Continua na pág. 63)



**Caravela,** o fósforo  
que o público prefere, por-  
que é um fósforo bom. Dis-  
tribuído sem restrições por  
todo o país pela Sociedade  
Nacional de Fósforos

## O grande presidente

(Continuação da página 81)

inevitável o facto de Roosevelt patrocinar um vasto programa de auxílio governamental. Mais importante do que o simples auxílio foi a aceitação do princípio da responsabilidade do Estado para o bem estar e a segurança da sua população — relativamente a emprego, saúde e bem-estar.

Que esse princípio fôsse agressivamente e acerbamente atacado, parece agora difícil de acreditar: o seu estabelecimento dever erguer-se como uma das medidas supremas do «New Deal». Iniciando-se com a legislação de emergência para auxílio, o programa de Roosevelt veio, no final, a abranger todo o campo de segurança social — assistência aos desempregados, pensões de velhice, auxílio a mulheres e crianças, e medidas de saúde pública. Entrou também nos domínios da agricultura e do trabalho, empreendeu programas de reabilitação rural, o estabelecimento do horário máximo e dos salários mínimos, a proibição de trabalho de crianças. Sob o «New Deal» a nobre palavra «commonwealth» foi atribuído o sentido mais real do que nunca na nossa História.

Que, para Roosevelt, a preservação da democracia se encontrava estreitamente associada com este programa de segurança e económica, não podem restar dúvidas. Roosevelt havia assimilado bem a moral da recente História europeia, a qual se baseia em que, dando-lhes a escolher entre a liberdade e o pão, os homens são, embora com pena, tentados a escolher o pão. A missão da democracia, tal como ele a concebeu, foi a de assegurar ambos: pão e liberdade. Numa «conversa à lareira», em 1938, declarou:

«A democracia desapareceu em vários outros grandes países, não porque dela não gostasse o povo, mas porque este se cansava do desemprego e da falta de segurança, de ver famintos os seus filhos, enquanto se sentava desamparado em face da confusão e fraqueza do Governo, devidas à falta de uma adequada direcção. Finalmente, desesperado, resolveu sacrificar a liberdade, na esperança de encontrar algo de comer. Nós, na América, sabemos que as nossas instituições democráticas podem ser preservadas e postas em funcionamento. Porém, para as preservar de demonstrar que a prática do Governo democrático é igual à tarefa da protecção da segurança do povo. O povo da América manifesta-se unânime na sua resolução de defender a qualquer preço as suas liberdades; e o primeiro aspecto daquela defesa é a protecção da segurança económica.»

No campo político, a obra de «New Deal» foi igualmente notável. Primeiro, devemos notar a firme tendência em direcção ao fortalecimento do Governo e à expansão das suas actividades. Até agora, nenhum método se revelou ainda para tratar dos problemas da eco-

(Continua na página 102)

# A RESISTENCIA DA HOLANDA

**A**PESAR de Hitler ter solenemente afirmado à Holanda, que respeitaria a sua integridade territorial, em 1940, as pesadas botas dos nazis invadiram-na numa fúria devastadora. Rotterdam ficou reduzido a escombros sob violentos e repetidos ataques aéreos. Paraquedistas desceram dos céus, envergando trajes civis, os portos eram atacados, as estradas cortadas. O exército holandês bateu-se com dano, nos polders, nas cidades destruídas, por detrás dos diques, fazendo prodígios de heroísmo. A rei-



S. M. a Rainha Guilhermina da Holanda



A tripulação de um submarino neerlandês que, operando no Pacífico afundou numerosos transportes nipónicos

nha de Holanda acolheu-se à hospitaleira Inglaterra e a sua nobilíssima marinha reuniu-se à Royal Navy. Mais tarde a esquadra neerlandesa devia cobrir-se de glória, no Pacífico, em Macassar.

Hoje, a rainha Guilhermina voltou à sua pátria amada e, no Extremo Oriente, não tarda que o japonês sucumba aos golpes das Nações Aliadas, largando todas as terras usurpadas.



Os seus marinheiros bateram-se bem!



As forças aéreas holandesas que lutam no Extremo Oriente

# A CHINA MARTIRIZADA



Um soldado chinês que se bateu na Europa ao lado das Nações Unidas



Chang-Kai-Chek, o general invencível



A famosa esquadilha de caça americano denominada «Os tubarões», que tem infligido à aviação japonesa sangrentas perdas



Um vento de glória desfralda as bandeiras da grande nação chinesa



Milhões de crianças chinesas viram os seus lares destruídos pelas bombas dos aviões nipônicos

**L**IBERTAR a China e derrotar o Japão é agora o objectivo directo, iminente dos Estados Unidos e da Inglaterra. Bem o merece o grande e culto povo do Celeste Império que, por todos os meios tem lutado contra o cruel invasor, por vezes, em verdadeiras epopeias de heroísmo. Muito antes da guerra europeia, já a China combatia, primeiro nas cidades do litoral, sob terríveis bombardeamentos aéreos, depois nas planícies do Yang-Tse-Kiang, mais tarde nas montanhas de Chung-King. Com escassas armas, sem aviação, nem material pesado, Chang-Kai-Chek, o general invencível, tem batalhado incessantemente, lançando ofensivas fulminantes sobre as forças nipónicas, sangrando-as abundantemente.

A China martirizada chora hoje milhões de vítimas. Mulheres, crianças, gente inermes do campo, tem sido vítima da fúria japonesa. Mas ela há-de vencer. Reintegrar-se nas suas antigas fronteiras e ser, por direito próprio, que lhe dá a sua milenária e nobre civilização, a inteligência das suas elites, o valor da sua mocidade, a primeira potência da Ásia. O Japão bloqueado e despojado das suas conquistas, terá de se render incondicionalmente.

# ORAÇÃO À BELEZA

FOTO SILVA NOGUEIRA



# O ESTATUÁRIO DA MULHER



• No cântico da pedra, mais uma mulher nasceu, numa madrugada de luz, entre esfinges de misteriosa beleza



«Castidade», uma obra prima de Leopoldo de Almeida



«Rapariga Moderna», que pertence ao Museu de Arte Contemporânea



O sorriso de Afrodite



A venus decepada



A maquette tortura do «Escravo»

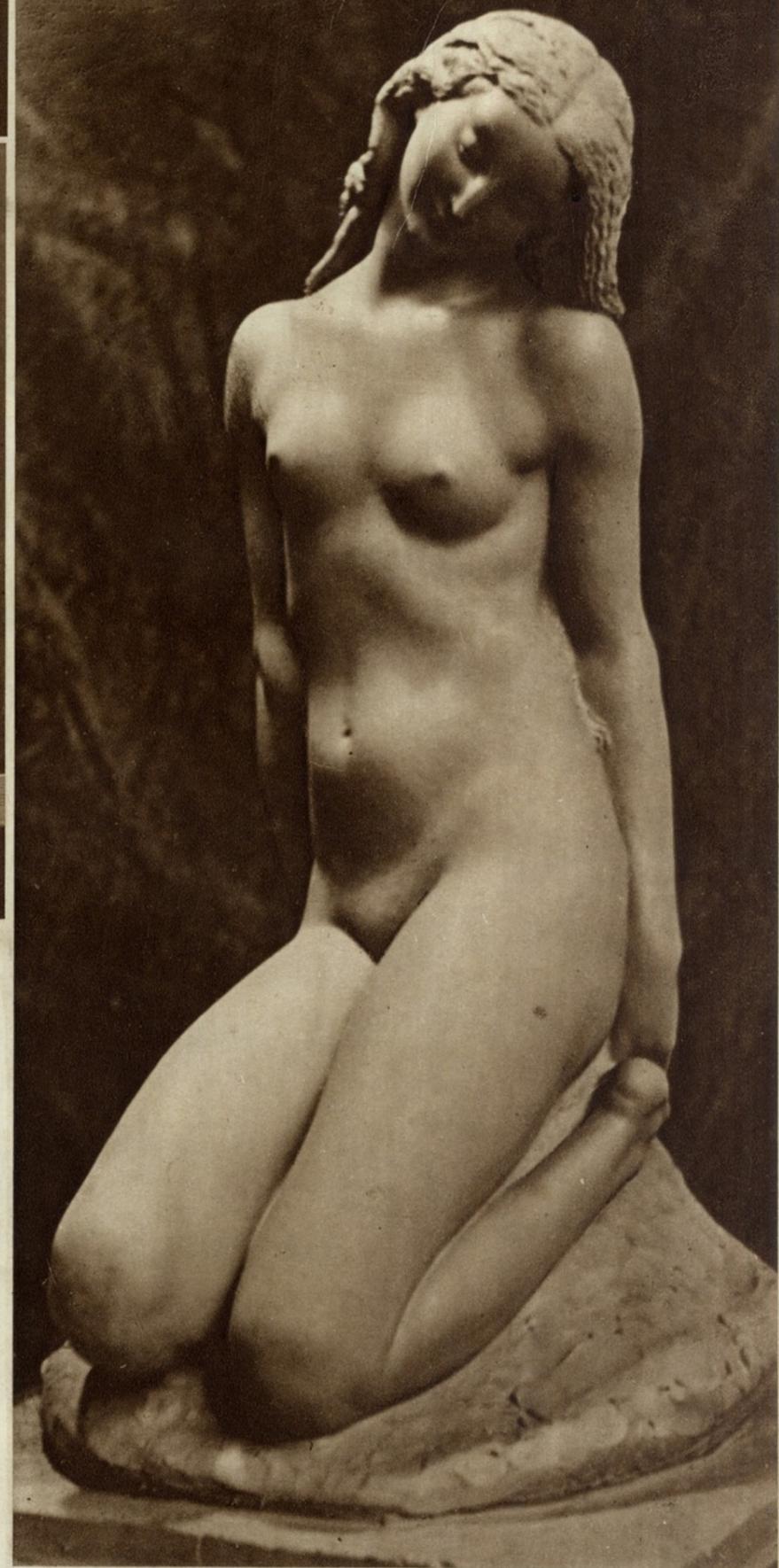
A beleza predestinou-o artista! Ele não descobriu uma vocação; foi ela que o empolgou nas suas mãos e lhe deu as asas para todos os sonhos. Como que lhe disse, imperativamente: descobre em cada mármore um corpo de estátua e uma alma de mulher. Leopoldo de Almeida talvez não saiba disso. Há profundidades só vagamente, se entrevêm, como atrás duma nuvem noturna, o diamante perdido duma estrela.

Hoje, o grande mestre de escultura, no seu atelier, onde a luz é uma carícia doirada, criou um mundo de beleza humana. A cada bloco de mármore arrancou um corpo nú de Eva. Uns dormiam, outros sorriem, outros ainda triunfaram de matéria, na glória e no esplendor dos ritmos nupciais. Se não fôsse ele seriam sempre formas sepultadas, graças jacentes, palpitações subterrâneas de uma carne que queria ascender até a eternidade do mármore, num anseio supremo de vida e de perfeição.

Agora são muitas, uma multidão de claridades, que o envolvem, disputando-lhe a existência real. — Criaste-nos! Somos humanidade!

Mais do que isso, amor, paixão, volúpia até, e também castidade, piedade — tôdas mulheres, irmãs de pureza, mesmo as impuras, como flores rosas e pequeninas do mesmo tronco de amendoeira, que mal se distingue — neve e sangue. Leopoldo de Almeida olhou-as em êxtase. Suplicante, a sua sede de Tântalo não se esgota em tanto alabastro — nú e cálido, amorosamente. Cingem-no braços de lira das Galateas puberes; há música a escorrer naqueles dorsos de deusas pagãs, e lábios de oferenda que se impregnam de beijos. Vivem!

É uma taça de prazer e de amargura aquele labor vitorioso. Que importa, se a sua estezia plástica renova a arte e faz cantar, divinizar o mármore!



O ritmo supremo da forma



○ Presidente Truman com sua esposa e sua filha, Maria Margarida



Truman, quando falou ao Senado, depois da morte de Roosevelt



No seu gabinete de trabalho, na Casa Branca



O novo Presidente gosta de tocar piano. E, quantos o têm ouvido declararam que é um amador de rara virtuosidade

# TRUMAN CONTRA O JAPÃO

**N**A proclamação que dirigiu ao povo americano no dia 8 de Maio de 1945 — dia da Vitória na Europa — o Presidente Harry S. Truman delineou um esboço dos deveres e responsabilidades que ainda se erguem ante os Estados Unidos, o que, em poucas palavras, define a sua decisão de prosseguir na cooperação com os aliados, a oeste, e na luta incessante, a leste, até que o Japão seja levado a render-se sem condições.

Com esta declaração, o Presidente Truman voltou a confirmar o compromisso assumido de prosseguir até ao fim os objectivos que

guiaram o seu grande predecessor, Franklin D. Roosevelt. Mal assumiu o cargo, após a repentina morte de Roosevelt, o Presidente Truman anunciou o seu propósito de ver realizado a Conferência das Nações Unidas, em S. Francisco, tal como havia sido anteriormente estabelecido, manifestando assim o seu apoio à criação de um organismo destinado a promover a futura cooperação internacional, enquanto ainda as forças do mal estão a ser lançadas por terra.

Eis o que declarou o Presidente Truman na sua proclamação da Vitória:

«A nossa vitória está apenas meio alcançada. O ocidente está livre, mas o oriente continua ainda subjugado pela perversa tirania japonesa. Só quando se tiver rendido incondicionalmente a derradeira divisão japonesa, e só então, poderemos dizer que está terminada a nossa missão na luta. Temos que trabalhar na cura das feridas de um mundo vergado pelo sofrimento — na construção de uma paz duradoura, paz firmada nos ideais da justiça e do direito. E uma paz assim, só a poderemos alcançar pelo trabalho árduo, penoso e consciencioso — pelo entendimento e cooperação com os nossos aliados, na paz como foi na guerra. A missão que temos à frente não é menos importante, menos urgente, menos difícil do que a tarefa que, felizmente, está agora concluída.»

O interesse do Presidente Truman pela guerra no Pacífico patenteou-se também numa conferência da Imprensa concedida em 8 de Maio, na qual mencionou o que a rendição incondicional significaria para os militaristas japoneses e para o povo nipónico. Nessa ocasião, afirmou:

«O povo japonês sentiu já o peso dos nossos ataques terrestres, aéreos

e navais. Desde que os seus chefes e as suas forças armadas persistam na continuação da guerra, aumentarão com firmeza o poder e a intensidade dos nossos golpes, levando a mais negra destruição à indústria de guerra japonesa, à sua navegação, a tudo o que alimenta a sua actividade militar.

«Quanto mais tempo a guerra se prolongar, maiores serão os sofrimentos e fadigas que o povo japonês terá que suportar em vão. Os nossos golpes não cessarão até que as forças militares e navais nipónicas deponham as armas, rendendo-se sem condições.»

Estas afirmações revelam os objectivos do novo Presidente da América. Se bem que ocupando esse elevado cargo há bem pouco mais que um mês, o Presidente Truman meteu francamente ombros às responsabilidades de guiar a nação americana.

Pouco depois de abraçar o cargo e antes da completa derrota das forças alemãs, ante os exércitos aliados, o Presidente Truman manifestou a sua decisão de prosseguir na esteira da política adoptada por Roosevelt e pediu a todos os membros do gabinete do seu grande predecessor que se conservassem nos seus lugares.

Relativamente à guerra na Europa e no Extremo Oriente, declarou: «Proseguiremos a guerra em ambas as frentes — a leste e a oeste — com todo o nosso vigor, até à conclusão vitoriosa.»

Esta declaração do novo presidente ofereceu ao povo dos Estados Unidos e de todos os países do mundo, a garantia de que serão continuados os ideais e a política manifestados por Roosevelt.

O Presidente Truman encontrava-se preparado para as responsabilidades que lhe surgiram no decorrer de uma longa carreira ao serviço do público do seu país, durante a qual foi magistrado no Estado de Missouri onde nasceu, Senador e vice-presidente dos Estados Unidos.

Acompanhando a história típica americana da oportunidade, Truman nasceu em 8 de Maio de 1884, numa modesta fazenda do Missouri. Até à primeira Guerra Mundial alterou a sua actividade de empregado bancário com os trabalhos agrícolas na herdade de seu pai.

A sua ficha militar é completa. Havendo servido como soldado na Guerra Nacional de Missouri, partiu para França quando a América entrou no

(Continua na página 112)



Truman, seguindo o exemplo de Roosevelt, recebe os jornalistas com muita frequência, na Casa Branca. Ei-lo numa das últimas vezes que fez declarações à Imprensa



Truman é um entusiástico amador da caça. Com ele, está nesta fotografia o senador Ryan, seu companheiro em muitas excursões venatórias

# ODIA



Acabou a guerra!



No Dia V. Churchill, no meio da multidão em delírio faz o famoso sinal que ele celebrou



A Família Real, numa das janelas de Buckingham Palace, agradece as aclamações da população que está sob o seus olhos

# DA VITÓRIA

LONDRES, esta hora é tua! Pertence-te. Foste tu que a fizeste soar no quadrante da história. Sem ti, a tua alma heróica — leão rugindo e batendo-se sozinho! — não teria chegado este dia imenso, que não se mede por horas, porque é imortal na sua glória e na sua grandeza.

Londres, canta! Londres enlouquece! Estremece o bronze vitorioso das estátuas. Nelson, Wellington, Pitt — e Churchill! Aclamam-no! Foi esse homem que soube sorrir ao desespero e à esperança, à metralha e às estrélas, quem, ao pé da figura simbólica do Rei, deve erguer o teu pavilhão!

O dia confunde-se com a noite, e de ambos sobem cânticos de alegria. Tapetes de multidão imensa. E carne viva que não se pode cortar. Tudo caminha, tudo dança, tudo canta! Estremece o solo. E' o trovão deste júbilo frenético. Incêndios de alegria despedaçam a noite, recortada de holofotes. Uma cúpula de bronze, ouro e púrpura, envolve a cidade grandiosa. Cenário de bandeiras, todas as cores, todos os países, todos os que se bateram. Um rumor oceânico marulha na urbe magnífica. É a multidão que caminha. Assedia o Buckingham Palace. Milhões de bocas gritam, esfaimadas de ansiedade.

— O Rei! O Rei!

A farda de marinheiro esbelto, e varonil a rainha, branca, a sorrir, aos lados, as princesas, florindo de graça, e no meio dos quatro, o velho Churchill. Eles e a multidão; Londres e o Mundo; a Vitória ardente e embriagante e o destino cumprido na maior guerra de todos os tempos.

Londres ganhaste a Vitória! Londres, no teu Westminster de glória, os heróis ressuscitaram, neste dia o maior do teu povo, da tua eternidade!

Queriam-te baquear! Ficaste de pé! Na tua ilha normanda, desafiaste o implacável. Afrontaste a morte. Venceste! Soubeste vencer! Que importa agora que a tua boca saiba a beijos? Que os braços sejam abraços entre o amor e a glória? Que a luz dos astros sintile e se desfaça em miríades de papéis ao vento? Que haja um hino em cada boca, e que todas as bocas, todos os corações, todas as almas arrebatadas, ecoem mais altas e temerosas do que o mar, o — mar do teu destino invencível!



O tapete da multidão cobre por completo Trafalgar Square



Londres heroica festeja a vitória, a sua vitória, a vitória do povo!



A catedral de São Paulo, na noite de 8 de Maio. A sua cúpula parece uma tiara de diamantes. Ao longe já não são os clarões dos sinistros incêndios dessembrados pela Luftwaffe, mas das fogueiras alegres e rutilantes da vitória

← Tóda a noite se cantou e dançou nas ruas da cidade!



# AS RENDIÇÕES INCONDICIONAIS

por Carlos Ferrão



O famoso comissário do Reich, na Holanda, Seyas Inquart, é preso em Hamburgo pelos fuzileiros da marinha inglesa, depois de ter fugido daquele país num comboio de abastecimentos

O momento solene. As Nações Unidas afirmaram que a rendição seria incondicional, e assim foi. Sentados, da esquerda para a direita o general Morgan (Grã-Bretanha); o general Sevez (França); almirante Burroughs (Inglaterra); general Smith (Estados Unidos); coronel Zijovitch e general Suslopapov (Rússia); general Spaatz (Estados Unidos); marechal do ar Robb (Grã-Bretanha); general Bubl (Estados Unidos). Em frente, os alemães, almirante von Friedeburg, general Jodl e o interprete Equerry

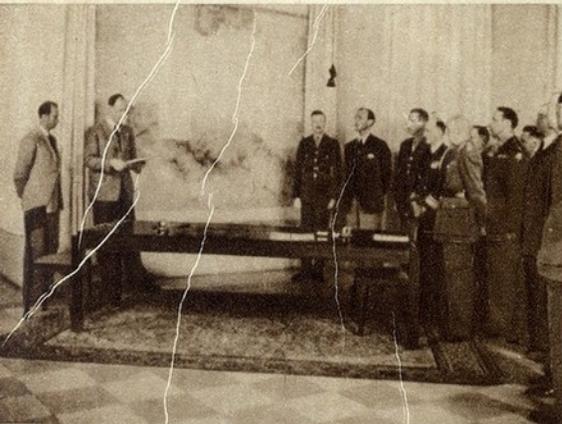
A guerra terminou na Europa. Após seis anos e oito meses de combates, cessaram as hostilidades. Os canhões deixaram de troar. Os homens deixaram cair as armas com que se haviam defrontado durante a luta mais violenta e prolongada que a História regista. A Alemanha, vencida, aceitou a rendição incondicional que os seus adversários lhe ofereceram.

A primeira lição a colher da guerra e da vitória diz respeito aos vencidos. A sua responsabilidade na eclosão do conflito encontra-se inscrita, com uma eloquência irrefutável, nas páginas da História. Não é possível diminuir o seu significado nem desfigurar o seu verdadeiro sentido. Pela segunda vez, em

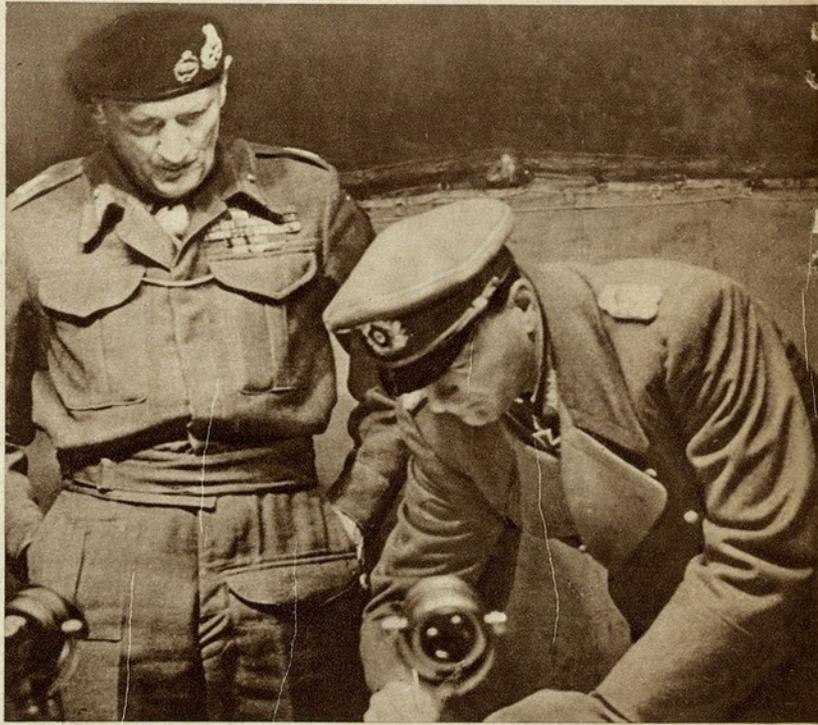
(Continua na página 109)



A rendição dos alemães a Montgomery. O marechal inglês lendo aos delegados do exército inimigo os termos da rendição



O exército alemão do norte de Itália rendeu-se. À esquerda, dois dos seus delegados, em trajos civis, lêem as condições. À direita, generais das forças aliadas

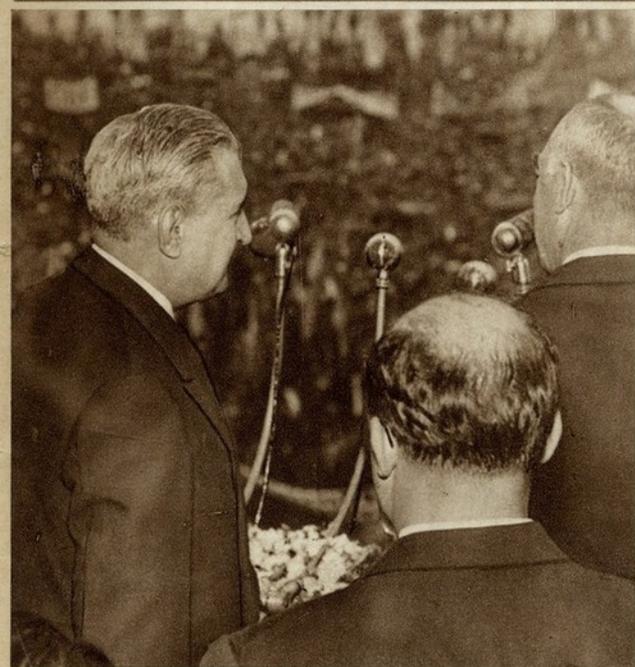


O delegado alemão assinando a rendição das forças nazis na presença do marechal Montgomery

# A MANIFESTAÇÃO AOS PRESIDENTES



O sr. dr. Oliveira Salazar com o Chefe do Estado, quando da manifestação ao sr. general Carmona, no Palácio de Belém



O sr. Presidente do Conselho quando assomou à janela do Ministério das Finanças para receber as aclamações da multidão



Um aspecto da multidão no Terreiro do Paço, aclamando o Chefe do Governo



## **PHILIPS TRABALHA PARA UM MUNDO MELHOR**

Os homens de ciência ao serviço dos bem apetrechados laboratórios da Philips, trabalharam durante mais de meio século no conseguimento de novos processos e inventos no campo da electricidade e sempre em benefício da Humanidade.

Logo após a invasão da Europa, os homens de ciência, os engenheiros, os técnicos da Philips, prosseguiram na sua tarefa ainda com maior afã.

Na Inglaterra, nos Estados Unidos e em outros Países Livres, os recursos da Philips foram postos ao Serviço da Vitória das Nações Aliadas.

Ao mesmo tempo que servia o Mundo na Guerra, Philips aprestou-se para o servir na Paz.

A contribuição da Philips para o progresso da ciência continua sendo valiosa. Em lâmpadas e aparelhagem de iluminação, em rádio e em televisão, em rádio-medicina e em equipamentos industriais, Philips logrou atingir um elevado grau de aperfeiçoamento.

Assim que a Paz reine na Terra, o Mundo disfrutará das invenções e descobertas obtidas pela



# **PHILIPS**



EISENHOWER  
o cérebro da vitória

Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Lisboa

# BELSEN

As quatro imagens que publicamos sobre os campos de concentração de Belsen, pertencem à série dos documentários que foram exibidos nos cinemas de Lisboa



Senta-se. Já não caminhará mais

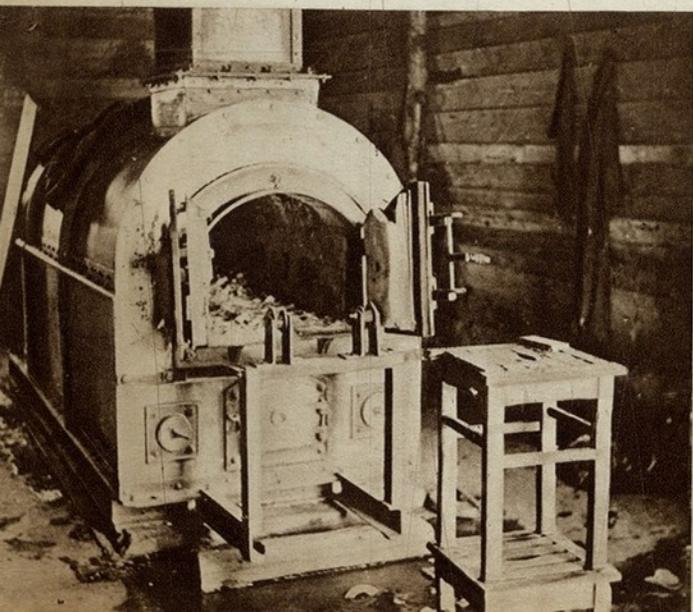


A extrema miséria física



OS internados do grande campo de concentração de Belsen foram socorridos pelas tropas do 2.º Exército Britânico. Foram ali encontrados cerca de 60.000 civis, a maior parte sofrendo de tifo, febre tifoide e disenteria e morrendo às centenas por dia, apesar dos desesperados esforços dos serviços médicos para ali enviados com a maior urgência. O campo tinha sido declarado zona neutral antes da chegada das tropas britânicas e o Governo Militar Aliado viu-se na necessidade de chegar ali o mais depressa possível para ir deparar com cenas indescritíveis: 60.000 pessoas morrendo de fome e sem água, havia mais de seis dias. O campo estava cheio de mortos e moribundos e depois de uma inspeção mais demorada, veio a descobrir-se que, em barra-

(Continua na página 113)



O interior de um dos «blocos», onde os corpos se confundiam numa terrível promiscuidade

← O forno crematório

# A GUERRA A LESTE



O exército nazi, como o de Napoleão, sofreu, na Rússia, uma esmagadora derrota. Não só os homens, mas os elementos desencadearam-se contra ele. Uma viatura alemã atolada na lama



O exército do marechal Paulus, constituído por trzentos mil homens, que atacava Estalinegrado, foi aprisionado. Aquele oficial depois de capturado



O avanço na estepe converteu-se numa derrocada. O exército que chegara até Moscovo, foi depois batido ao longo de duas mil milhas, até Berlim



A tragédia da neve. Um soldado alemão é socorrido por um camarada



Neve, frio, morte e desolação

← Os abastecimentos não chegavam à frente. Ficavam pelo caminho, atascados nos lamaçais

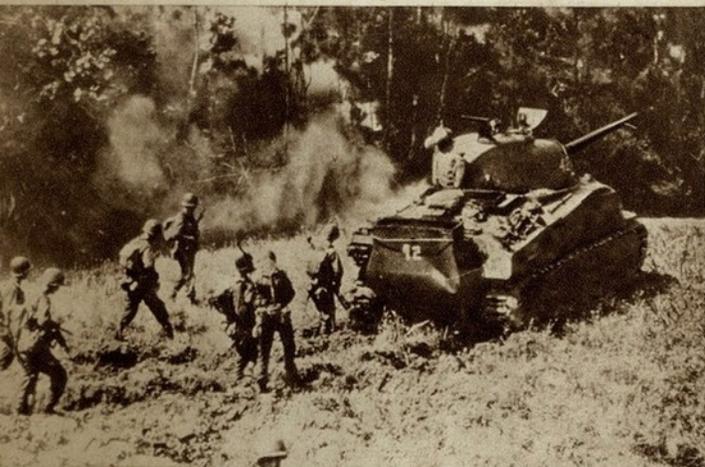
# BOMBAS SÔBRE TÔQUIO



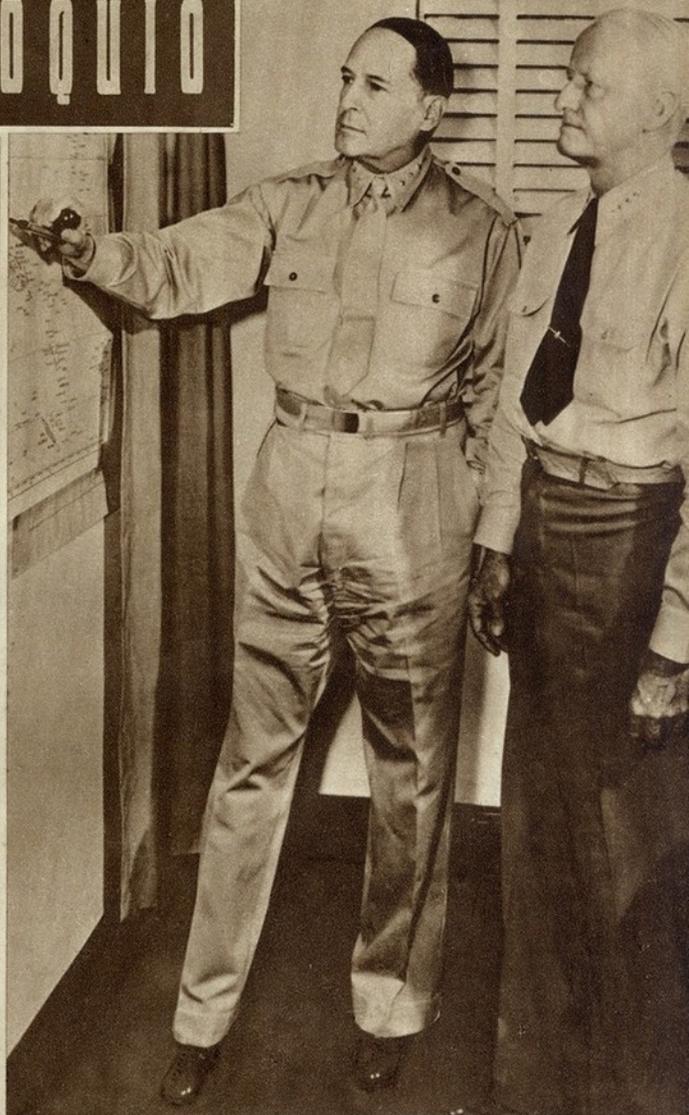
As super-fortalezas americanas dominam, agora, o Japão. Nagoya, Tôquio e outros centros vitais do inimigo tem sido poderosamente atacados. O Japão já fez propostas de paz mas, como a Alemanha, terá que se render incondicionalmente



Onde as tropas americanas desembarcam, o cruel inimigo amarelo é sempre vencido e desalojado. Okinawa, a última conquista yankee, é a porta aberta sôbre o Japão



O avanço dos americanos em Okinawa. Uma coluna, através da selva, abre caminho para os montes onde o inimigo se refugiou



Os dois grandes chefes americanos da guerra no Pacífico, Mac Artur, o herói, das Filipinas e Nimitz que, em todos os recontros, bateu a esquadra nipônica



Quando do desembarque yankee em Okinawa, as forças aéreo-navais esmagaram o inimigo com o seu fogo concentrado

# BERLIM



Grandes massas de soldados alemães desfilavam através das ruas da capital do Reich, para se entregarem às forças das Nações Unidas



Como um piloto da R. A. F. fotografou a colunata de Brandenburgo, no topo da Unter den Linden



Quarteirões inteiros ardem furiosamente



Um aspecto de Berlim, depois da luta

O fim da guerra, que é como quem diz, o fim implacável do nazismo na Europa, foi Berlim. Quando a primeira granada dos canhões que envolviam a capital do Reich caiu dentro das ruas da cidade, estava decidido o termo das hostilidades. Sim: ninguém acreditaria que, conquistada a capital, os comunicados do Grande Quartel General nos viessem dizer, como sempre acontecera desde o princípio da retirada geral, em tôdas as frentes, que Berlim não tinha importância estratégica e fôra abandonada segundo a concepção da tática elástica do comando supremo. Desta vez, já não havia lugar para elas... taticidades de expressão.

Da violência da luta, disseram eloqüentemente as notícias publicadas dia a dia até à rendição total e incondicional. Mas, melhor ainda, dizem os documentos que fixamos nesta página.



**Ponto essencial da moda**

**— A COR —**

Não se pode afirmar de uma forma dogmática: — usa-se esta cor! — porque se usam muitas.

No entanto, sempre a preferência dos que mandam nestas coisas, corre para um lado ou outro.

Vejamos, pois, quais são os tons escolhidos para este verão.

**Azul**

É o primeiro da lista. Azul escuro em casaco, acompanhando estampados em azul e branco, azul e rosa, azul e azul, azul e gris.

Azul — a cor do céu, no verão ardente.

**Vermelho**

Com menos insistência do que até hoje; no entanto



*O veludo ainda se usa, num corpo elegante e com este modelo Harper's Bazaar, de Londres*

**PÁGINA FEMININA**

de **AURORA JARDIM**

**Gaby**

**COUTURIER**

RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.  
TELEFONE 4 3735 — LISBOA



PRESENTATIONS  
DE MODELES DE  
PRIMTEMPS ET ÉTÉ

ROBES  
MANTEAUX  
TAILLEURS

to ainda aparece em pormenores vários. E também os seus parentes próximos: cereja, ciclame, morango, rosa, fúcsia, tomate, lacre.

**Beige**

Está em plena rivalidade com o cinzento, principalmente o tom areia com o qual se fazem leves casacos de manga raglan e com meio fôrro apenas.

**Castanho**

O avermelhado tem sucesso, tanto em fatos de linho ou algodão, como em fundo de harmoniosos estampados em branco. É a cor das peles bronzeadas juntamente com azul claro.

**Preto**

Nunca perde o seu domínio nos vestidos de tarde e nas saias compridas ou pelo tornozelo que acompanham preciosas blusas de musselina clara, em tons pastellizados.

**Como será a silhueta feminina depois da guerra?**

Esta informação vem de Londres. Como a mulher trabalhou, honrosamente, durante a guerra, em mestres a que não estava ha-

(Conclue na página seguinte)



*O calor já dispensa as peles, mas vá pensando nesta, leitora, tão suntuosamente branca. Também do Harper's Bazaar*

Uma meia feita  
Outra feita  
Se as não comprar nesta casa  
Muito terá que coser

**MEIA DE VIDRO**

Rua Augusta, 158  
LISBOA

bituada, a sua silhueta modificou-se: alargaram as ancas e os ombros e os pés cresceram.

Algumas casas da moda informam que as medidas subiram um ponto: a *taille 44* está *45* e daí para cima.

Quanto às meias, subiram meio ponto a medida usual.

Já não serão precisas ombreiras postiças porque o levantamento de pesos e o manuseamento de máquinas desenvolveram extraordinariamente, os ombros — quasi uma polegada.

Antes da guerra, tinham um olho na balança e outro na esguia estrêla cinematográfica, aspirando à média 32 polegadas de busto e 3/4 de anca.

Hoje, a numeração é esta: 36 e 38.

Outro facto que se vai dar: fartas de usar o hermético e sóbrio uniforme lançar-se-ão no uso de tudo que é frufutante e brilha e tem originalidade. Não haverá rendas, *fanfreluches* e jóias que chegem para o seu afã de regressarem ao que é feminino, estonteador.



Veja a sobriedade deste vestido. Uma cor ridente de primavera, e uma linha simples

CASA  
*Quey*  
Special Stockings  
Out-Sizes  
MAISON  
FRANÇAISE

**QUEY**

RUA SERPA PINTO, 18



**Ajourns**  
**Botões**  
**Bordados**  
**Tinturaria**

Grande novidade em blusas,  
adornos e vestidinhos de bebé  
A. MARQUES

*Salão dos Plissados*

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 64 E C. DO CARMO. 64  
TELEFONE 2 1724



LONDRES

DUBLIN  
VIENNA  
ZAGREB  
CLUJ  
VARSOVIA  
PRAGA  
SOFIA  
BUDAPEST  
BERLIN  
KOPENHAVN  
AMSTERDAM  
BRUXELAS

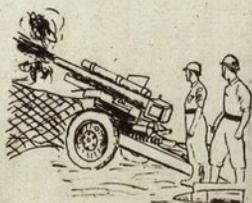


PARIS

OSLO  
STOCKHOLM  
HELSINKUA  
GENEVE  
ARGEL  
TUNIS  
CASABLANCA  
TANGER  
MADRID

Com as relações  
**CORTADAS**

Continuon a  
organisação Mundial  
L'OREAL  
a favorecer Portugal.  
IMÉDIA  
(tinta para cabelo)  
COLORAL  
(matizador para cabelo)  
OREAL BLANC  
(descolorante platinado)



CAIRO  
ISTAMBUL  
BEIRUT  
TORINO  
ATENAS  
SHANGHAI  
PONDICHERY  
BOMBAY  
BATAVIA  
SIDNEY  
JOHANNESBURG  
BENGUELA

**MELHOR O FARÁ NA PAZ**



LISBOA

GUAYAQUIL  
MEDELLIN  
HABANA  
MEXICO  
NEW-YORK  
MONTREAL  
FUNCHAL  
LIMA  
SANTIAGO  
CAVENNE  
BAHIA  
MONTEVIDEO  
S. PAULO  
B. AIRES



RIO DE JANEIRO

## LIVROS DA QUINZENA

### “Eça de Queirós, o seu drama e a sua obra”

COM o título que encima esta nota escreveu o sr. Antero Vieira de Lemos um ensaio crítico acerca do grande romancista de «Os Maias».

Eça de Queirós, não obstante ter sido um escritor do «estúpido século XIX», no dito que nos veio de fora e fez moda entre nós em algamas aparentes camadas intelectuais, está a ser actualizado por críticos e estudiosos. Prova este facto que, seja qual for a época em que haja nascido um artista de talento, a sua obra liberta-se de mesquinhas citações cronológicas. Assim nós pensamos. O que não quer dizer que o facto se generalize a todos os impertinentes coleccionadores de datas.

E tanto isto nos parece aceitável que um escritor como Eça — do tão malnada século XIX — é mais actual do que o mais moderníssimo romancista. Não apenas pela sua arte mas, também, pelos exemplos que o seu espirito nos legou na sátira correctiva a costumes que, aliás, ainda persistem nestes progressivos dias de pretensa renovação literária.

Por isso, todas as obras que ultimamente têm aparecido tendentes a esclarecer a obra do romancista e a lançar luz sobre o homem e a analisar os intuitos sociais contidos nos seus livros merecem a atenção de todas as pessoas que aos problemas da arte e do pensamento dedicam algumas horas meditativas.

Entre os livros recentemente publicados, «Eça de Queirós, o seu drama e a sua obra», do sr. Antero Vieira de Lemos, constitui mais um valioso estudo para a compreensão da personalidade do romancista.

Quando a obra de um grande escritor é, em tantos casos, o reflexo da sua própria vida, não são demais os elementos que sobre uma e outra os comentaristas nas possam dar.

O sr. Antero Vieira de Lemos contribuiu deste modo com o seu livro, e de forma digna de louvores, para o entendimento do homem e do escritor.

### O fim da tragédia

O mundo parece ter despertado do horrível pesadelo que durante quasi seis annos o esmagou e ensurdeceu.

A visão, porém, de esse quadro de dor, de lágrimas e de ruínas teima ainda em persistir em muitas almas combalidas de angústia.

Contudo a missão do homem e também a obra do tempo farão pouco a pouco esquecer no caminhar esperançoso do por vir, as pungências passadas.

Chegou à Europa um sópro forte de vida e da ansiedade livre do homem.

Sonho? Ilusão malograda?  
Que sabemos nós!

Desconhecemos no entanto, a razão porque neste momento nos veio à memória um dito enstrado de Eduardo Garrido proferido acerca da Sorte Grande!

Talvez os individuos dedicados a colleccionar graças de almanaque se lembrem d'êles.

# ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

## História antiga

COMO Zolá e o autor do «Elogio da loucura» e tantos outros escritores, Le mos de Nápoles, cronista brilhante e tradutor de «Quo Vadis?», livro que foi a fascinação da mocidade de alguns annos, passados, foi também revisor de gazetas.

A sua ironia, a sua integridade moral, o respeito que sempre teve pelos principios e até a indifferença que os cretinos alcandorados lhe mereciam, não o recomendavam muito perante espontâneas revelações arranjistas.

Depois, o Nápoles não era propenso a blandiciosos elogios e, menos ainda, a curvaturas de espinha. Todavia, os seus antigos camaradas admiravam-no e queriam-lhe como a um irmão mais velho e mais sabedor.

Ora, já lá vão muitos annos num esquinçado periódico onde o jornalista trabalhava como revisor, succedeu um dia qualquer pessoa de importância na gazeta chamar o Nápoles e observar-lhe em tom de vaga reprimenda:

— Ó Nápoles, você deixou passar no artigo de X desconfortes asneiras.

— Não podia deixar de o fazer — esclareceu o Nápoles.

— Como? — tornou o admoestador surpreendido.

— Eu explico — advertiu o Nápoles com aquele seu simpático e tranqüillo modo de filósofo conformado com as injustiças da vida. Se eu suprimisse todas as asneiras que ficaria o artigo?

— Sim! Que ficaria? Faça favor de me dizer! E, como a resposta tardasse, o Nápoles concluiu:

Apenas isto: algumas virgulas fora do seu lugar. Já vê...

## “PAZ”

COMO certas futilidades, a poesia, parece-nos, também vai adoptando a sua moda. Há quem considere velhas as ideas, desusados os sentimentos e desprezíveis as angustiosas confissões humanas, só porque o imaginar do homem não é traduzido em inalteráveis maneiras formais em voça e quasi impostas. Como se a eternidade do pensamento pudesse ser substituída pela efemeridade da formal



Poesia há que confundem a claridade da poesia com o entretimento mais ou menos charadístico de v. rsejer. De quando em quando, estrênuos versajadores apregõem as virtudes panaceicas de confusas formas modernas. Se quem assim o faz tem ou não razão, não nos cabe aqui demonstrar. Até porque a intervenção do espirito é desnecessária em tão exaltada moda. O tempo é o esclarecedor de duvidosos casos. Dai a subverter no pó o que merecer esquecimento. Pois, cremos, não é a obediência a caprichos formais que ideas e sentimentos transparecem mais

deslumbroadamente. Estas descuidosas linhas c. iram da nossa pena após a leitura de um admirável livro da inspiração de um poeta que consideramos dos maiores dos nossos dias.

Chama-se o livro «Paz», e é seu autor Amorim de Carvalho. «Paz» é o clamor eterno do homem, um grito de esperança, uma dolorosa ansiedade de amor infinito e de bondade inacessível. É, snfim, o supremo sonho da vida reflectido no mistério da poesia.

Que bem nos sabe afirmar que Amorim de Carvalho é um altíssimo poeta. E este enorme criador de beleza não faz parte de grupelhos modernistas, designação muito em moda que vai criando foros de colectividade!

Mais, muito mais do que estas resumidas prosas poderiam traduzir, afirma-o a obra de Amorim de Carvalho desde o seu livro «Destinos», até este recente volume «Paz».



O soldado inglês do deserto que derrotou Rommel

## O génio original

NADA é mais ilógico do que a lógica dos nomes. Quasi sempre estabelecem a antinomia entre os seus possuidores e os seus actos.

Ligar qualidades a determinado individuo só porque ele é detentor de nome ou de apelido que sugerem talentos ou actos nobilitantes, é um costume que vem do berço.

Todos os padrinhos, na pia baptismal ou na repartição do Registo civil, atribuem aos bebés nomes que reflectirão, no futuro, virtudes comparáveis às dos seus homónimos.

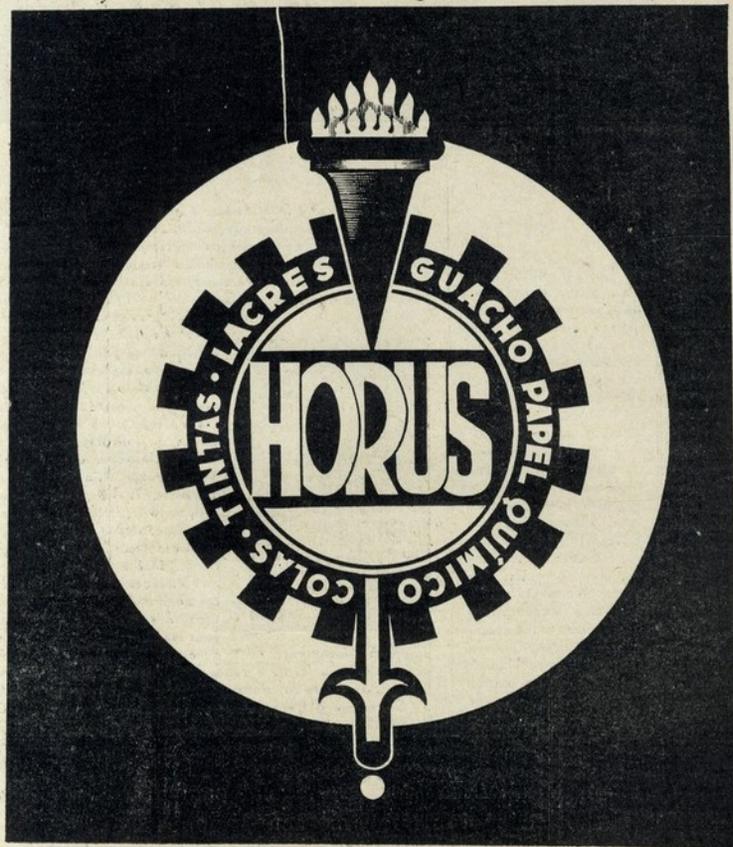
Por isso, não são raros os recém-nascidos que, por vontade dos padrinhos, não venham mais tarde a ser Hugos, Musets, Newtons, Rubens embora o pai seja Silva e a mãe, por exemplo Lopes.

Essa desculpável ternura manifestada por madrinhas e padrinhos, nada teria de prejudicial para ninguém e o facto não passaria de um hábito ao gosto de pessa as ligeiramente vaidosas mas bem intencionadas.

O pior é quando os pimpolhos se fazem gente e começam a acreditar que são Hugos, e Musets, e Newtons, e a pôr-se nos bicos dos pés, não se lembrando que não passam de Silvas, Lopes ou de qualquer coisa ainda mais aborrecida.

Que seria do reino dos céus te não fossem as pessoas pobres de espirito que o povoam para lhe dar grandezas?..

A M A R C A D A  
V I T Ó R I A



Tintas para escrever, carimbo e desenho. Colas para escritório e pastosas para fotografias, lacres para todos os fins e em todas as côres. Papel químico e rolos para máquinas de somar, caixas registadoras, relógios de ponto, etc.

*OS PRODUTOS «HORUS» VENDEM-SE E DIVULGAM-SE EM TODO O IMPÉRIO*

H O R U S  
UM NOME COM NOME

MOISÉS & REIS, L.<sup>DA</sup>  
L I S B O A

F Á B R I C A S :

9, TR. DAS AGUAS BOAS, 11 — TELEFONE 58-497 — 22, R. FÁBRICA DA PÓLVORA, 22-A

## Primeiro, a esquadra

(Continuação da página 36)

As perdas navais britânicas no decurso desta guerra, constituem testemunho eloquente deste velho ditado que equivale a dizer que a vitória só se alcança à custa de grandes sacrifícios de navios.

As perdas ascendem a uns 600 navios de guerra, sem falar nos milhares de heróicos marinheiros que perderam as vidas. As cifras totais, extraídas de dados oficiais, são as seguintes: couraçados, 5; cruzadores 7; contra-torpedeiros, 128; submarinos, 67; navios mercantes armados, 14; corvetas e fragatas, 29; avisos, 12; caça minas de esquadras, 30; traineiras, 175; barcas a vapor, 17; lança-minas, 4; iates, 11; canhoneiras, 6; veleiros, 3; monitores, um; e navios auxiliares diversos, 34.

Não obstante tais perdas a Grã-Bretanha nunca abandonou o firme convencimento de que a guerra seria um dia levada ao próprio solo da Alemanha. Fizeram-se preparativos na Grã-Bretanha desde o dias sombrios, na expectativa de que o prato da balança se inclinasse a seu favor e que chegado fosse o dia de ver os nazis em debandada. Monitores armados com poderosos canhões de 15 polegadas, tal como os que foram utilizados no bombardeamento das guarnições alemãs na Normandia, começaram a ser construídos na mesma ocasião em que os alemães concentravam nas costas do litoral da França a armada com que se preparavam para invadir a Grã-Bretanha. E não foram só estes, mas muitos outros tipos de navios, especialmente os destinados a operações de desembarque, para a libertação do Continente, cuja construção se começou ainda quando Hitler alinhou no outro lado do canal as barcas alemãs de Reno e os batelões holandeses destinados à invasão das Ilhas Britânicas.

No começo de 1944, a Grã-Bretanha não só havia dominado a ameaça submarina, reduzido a impotência a marinha de superfície alemã, varrido dos mares a sua navegação de comércio e isolado a Alemanha do resto do

# A prestações

## Relógios

de boas marcas

## Jóias

de fino gosto

10 meses de prazo para os pagamentos

Visite V. Ex.<sup>a</sup> a nossa casa uma das mais antigas neste género

Oficina de reparações  
RELOJOARIA  
e OUIVESARIA

Júlio J. Santos  
(Viúva)

Rua da Madalena, 46  
TELEFONE 29704

Mundo, como havia, mais ainda, construído para cima de 50 tipos diversos de embarcações de invasão, muitas das quais construídas em estaleiros no interior do país.

Manter livre o uso dos mares para os povos amantes da paz, enquanto outros se dispunham atacá-la, tal foi um dos grandes papéis desempenhado pela Gr-Bretanha na guerra, ao mesmo tempo que se preparou para ripostar a todos os golpes. Enquanto assim procedia, juntamente com as outras potências das Nações Unidas, não deixou de se precaver, devidamente, para se empregar a fundo na derrota a infligir ao Japão.

Tais são as últimas palavras com que fecha o glorioso capítulo da história naval britânica, que acaba de ser escrito.

# Autêntica Vitória!!!



## O Quiosque Tivoli

fundado em 1 de Dezembro de 1934

bateu o "record" da venda de prémios grandes, distribuindo até hoje, só em prémios grandes

### 36.134.250\$00



## Dunhill

O melhor  
Cigarro  
Americano

Importadores  
exclusivos

Roque Pinto,  
Lda

Rua do Amparo,  
94 - 1º - LISBOA

(Continuação da pág. 42)



## EM VÉSPERAS DE MELHORES DIAS



Serão certamente melhores do que hoje os dias em que tornará a haver tudo quanto agora falta e que tanto tem dificultado a existência. Hão-de chegar êsses dias e tudo leva a crer que serão os transportes rápidos um dos sectores da actividade humana em que se notarão maiores progressos.

Nêsse sentido trabalham dia e noite os laboratórios da Socony-Vacuum para aperfeiçoar ainda mais a já superior qualidade dos seus conhecidos lubrificantes e combustíveis.

# SOCONY-VACUUM

COMBUSTÍVEIS LÍQUIDOS E LUBRIFICANTES PARA TODOS OS FINS.



dona de casa inglesa em tempo de guerra vejo uma mulher com uma preocupação silenciosa, estampada no rosto, dirigindo-se para uma casa com vidros das janelas substituídos por cartões, levando na mão a caderneta do racionamento e o saco de rês de abarrotar. O saco é pesado, mas o único processo de ter em compras em tempo de guerra, na Grã-Bretanha, é levá-las para casa connôco. Mrs. Smith vai preocupada com um cálculo infundável de pontos e cópões, equilibrando tudo aquilo de que o seu marido, os seus filhos e o filho da sua nora precisam. (Se os vidros das suas janelas não foram substituídos por cartão, é que ela vive numa zona de refúgio e tem a seu cargo duas crianças refugiadas).

Alimentá-las com rações invariáveis significa cálculos sem fim e bichas intermináveis. Trazê-las vestidas require consórcios constantes nas suas roupas: o empregado da lavanderia há várias semanas que não aparece, e ela não sabe se o estabelecimento foi bombardeado e perdeu algumas camisas preciosas ou apenas esteve mais atarefado com uma zona batida pelas bombas-voadoras. Em casa, não tem, claro está, ninguém que a ajude e tem de prestar a maior atenção aos combús-

tíveis e à água quente. Há várias espécies de desperdícios a separar, e aí temos nós Mrs. Smith atarefada com as economias, o seu trabalho na cantina, o seu serviço de vigia contra incêndios — e remendar, remendar, remendar sempre. Por vezes, quasi se sente, realmente, muito atarefada! Mas se pensam que ela tem uma triste opinião a respeito de tudo isto, estão enganados. Esta guerra tem de ser ganha e Mrs. Smith apenas lamenta não poder fazer mais para ajudar a vencê-la.

*E depois da última vitória?*

O que esperam estas mulheres para depois da guerra, quando todos os inimigos forem derrotados e libertados todos os continentes.

As mulheres casadas, de certa idade, querem os seus maridos, os filhos, as filhas e os netos numa casa segura de uma segura cidade — uma casa com um telhado apropriado, portas que se fechem, as janelas com vidros. Se, ao menos, ela pudessê reuni-los a todos, livres, vivendo uma vida decente, ordenada e calma, sem bombas, sem extinção de luzes e sem cartões de racionamento, não pediria muito mais. Mas a vida tem de ser calma e decente; não deve haver mais guerras nem depressões económicas e as crianças devem ter uma boa escola e um bom lar.

As mulheres casadas, mais novas, são muito mais ambiciosas. A antiga ambição, aquêlê desejo de se mostrar melhor do que as vizinhas, ardeu nas labaredas da guerra — apenas persiste o forte desejo de um mundo melhor para tôda a gente e, especialmente, para os seus filhos. Elas tomarão parte, de alma e coração, nas tarefas da reconstrução.

A rapariga com o namorado nas fileiras anseia pelo seu regresso para caarem o mais depressa possível. Não recela os trabalhos duros, as fadigas ou mesmo perigo, porque está habituada a tudo — mas não tolerará uma vida arrastada e cheia de tédio. Quere uma vida plena, enérgica e ocupada em que a sua contribuição continue a ser tão valiosa e importante.

*Disposta a partilhar*

A rapariga que não está noiva anseia pelo seu lar de antes da guerra mas, ao mesmo tempo, quere uma vida ocupada e enérgica; quere partilhar inteiramente em tôdas as fases do mundo do pós-guerra.

Partilhar — eis a palavra de ordem. Durante a guerra, a mulher britânica partilhou com os seus concidadãos as rações e as bombas, as longas horas junto das máquinas e às secretárias, os trabalhos e as cãsêiras, as responsabilidades e os perigos; da mesma forma ela quere partilhar o

PAPELARIA

# Saitam

B A T A L H A

Apresenta

RÁDIOS DA AFAMADA MARCA «CENTRUM». MATERIAL DE ESCRITÓRIO E ESCOLAR. SORTIDOS COMPLETOS DE ARTIGOS DE PAPELARIA, LIVRARIA, PERFUMARIA, JORNALIS, REVISTAS, TABACOS, LOTARIA, VALORES SELADOS E FIGURINOS. MÁQUINAS DE ESCRIVER, SOMAR E CALCULAR. CAIXAS REGISTRADORAS. CANETAS E LAPISEIRAS, Pelikan E Montblanc, E MUITOS OUTROS ARTIGOS

Agência de vendas do MUNDO GRAFICO

Sempre as últimas NOVIDADES

# Sena Sugar Estates, Ltd.

local açucareira que se iniciou com a fábrica da Mopeia que em 1907 produziu 650 ton de açúcar, ponto de partida para a grande organização da indústria que viria a desempenhar tão importante papel no progresso desta Colónia.

Por várias vicissitudes passou esta indústria a que estiveram ligadas a Companhia do Açúcar de Moçambique, a Sociedade Açucareira da África Oriental Portuguesa, de influência francesa, e a Sena Sugar Factory, Empresa constituída por aquêle, já então acompanhado de seus filhos Charles e George. As três fábricas então existentes uma outra se juntou em 1922, no Luabo, margem esquerda do Zambeze, que entrou em laboração em 1924, grupo este hoje pertença da Sena Sugar Estates em que afinal vieram a fundir-se tôdas estas iniciativas.



O Marechal de Campo, Sir Philip Chetwode, Presidente do Comité Executivo da Cruz Vermelha Britânica, recebe as duas ambulâncias que lhe foram oferecidas pelo pessoal da Sena Sugar, estando presentes a esta solenidade, da esquerda para a direita, sua esposa, o nosso Embaixador, Sr. Duque de Palmela e Sir Francis Lindley, antigo Embaixador e actualmente dirigente d'aquella instituição

Reconhecendo a obra ingente deste organismo industrial que representa, como oficialmente foi classificado o mais salutar exemplo de colaboração entre o capital estrangeiro e o trabalho nacional, o Governo Português agradeceu John Peter Hornung com a Comenda da Ordem de Cristo e seu filho e continuador, o Coronel Charles Hornung com a Comenda do Mérito Industrial que lhe foi outorgada, pelo Ilustre Presidente da República quando da sua visita oficial àquella Província.

Emprega esta Empresa mais de 15.000 indígenas, dedicando-se ainda à cultura do algodão que produz já mais de 500 ton. à criação do gado bovino que conta mais de 3.5000 cabeças destinadas ao trabalho e produção de laticínios para alimentação do pessoal, e ainda à copra e ao sal.

Do capital desta Sociedade 156.055 contos estão invertidos no Zambeze, dos quais 114.457 em bens móveis e imóveis, despendendo anualmente à volta de 7.780 contos em ordenado ao pessoal europeu e equiparado, 7.760 em salários e gratificações aos indígenas com o seu re-utamento 2,300, para mantimentos para êle 5.300 e 1.100 em assistência.

Juntam-se a estas os quantitativos que representam para as Companhias Nacionais de Navegação os transportes do açúcar e das mercadorias exportadas para Moçambique destinadas à Sena Sugar e aos milhares de pessoas nela assalariadas, não é difícil de compreender quanto esta Empresa contribue para o progresso e desenvolvimento da Província, alargada ainda a sua acção às actividades da Refinaria Colonial em Lisboa.

Tem esta por fim refinar as ramas do açúcar vindas de Moçambique, contando cerca de quatrocentos empregados para os quais instalou um vasto refeitório, organizou um serviço completo de assistência médica com facultativo e medicamentos gratuitos para os operários e suas famílias, e uma Caixa de Previdência.

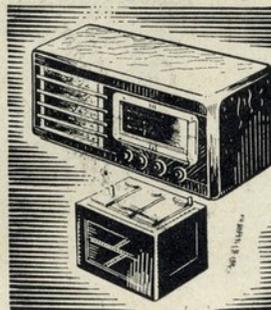
Os corpos dirigentes da Refinaria Colonial são presentemente constituídos pelos srs. Vasco Sampaio Castelo Branco, D. António Correia de Sá (Visconde de Asseca) e Dr. Armindo Monteiro.

trabalho e os divertimentos, as responsabilidades e os privilégios, no mundo do após-guerra que está para vir. O seu trabalho, fosse êle um emprego retribuído ou de produção, ou ainda os cuidados de família, foi valioso em tempo guerra; ela quer que o seu trabalho continue a ser significativo e valioso em tempo de paz. Desde que a Grã-Bretanha sacrificou os seus investimentos no estrangeiro e o seu comércio externo para ganhar a guerra, o povo britânico terá de trabalhar duramente para reconquistar o seu comércio; deverá

atingir um elevado nível se quiser melhorar (e quem é que não quer?) o padrão de vida anterior à guerra. O trabalho das mulheres britânicas será tão necessário como o dos homens. Não haverá necessidade de invejar os empregos uns dos outros; podem partilhar, lado a lado, na tarefa da produção.

A mulher britânica mostra-se orgulhosa dos homens seus compatriotas e estes têm tôdas as razões para se mostrarem orgulhosos dela. Foi ela quem determinou o resultado da vitória.

## Rádiatelefonía



Apparellhos receptores de todos os tipos. acessórios e reparações garantidas. oficina p.<sup>a</sup> todos os trabalhos radioelectricos

## Electricidade

Geradores eléctricos de vários sistemas. baterias para todos os fins - iluminação eléctrica nas casas de campo em zonas desprovidas de redes



casa especializada



# ELECTRÓNIA, Lda

PORTO \* RUA DE SANTO ANTONIO, 71-TELEF. 5800

## O A T I N E



Os célebres cremes ingleses (OATINE CREAM, OATINE SNOW E OATINE POWDER BASE) de fama Mundial, que restauram e mantêm o encanto juvenil da pele

▲  
Perfumes  
Sabonetes  
Pó d'Arroz  
Lavender Water  
Creme de BARBA

A' venda nas casas da especialidade

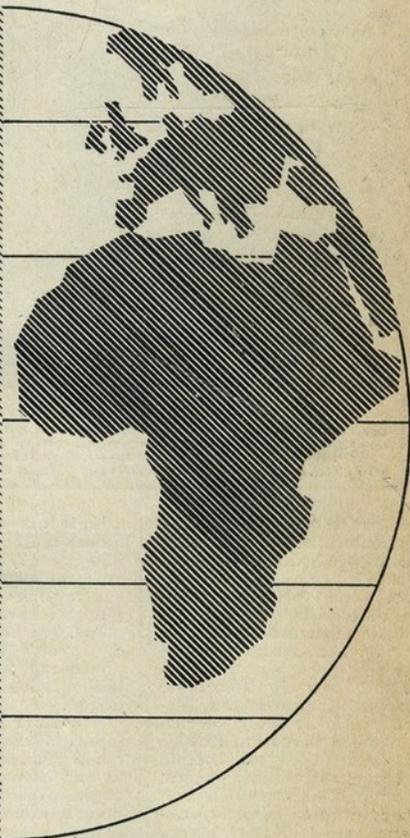
# Kodak

FABRICA E DISTRIBUI  
EM TODO O MUNDO

APARELHOS  
PELÍCULAS  
PAPÉIS E  
ACESSÓRIOS

P A R A

FOTOGRAFIA  
CINEMATOGRAFIA  
RADIOGRAFIA  
FOTO-TÉCNICA  
FOTO-MEDICINA  
EM TÔDAS AS  
SUAS APLICAÇÕES



KODAK LTD. • R. GARRETT • LISBOA

# MENSAGEM

de RUY DE SEQUEIRA NAZARÉ

\*

## ESPERA

(A' MULHER, VENTRE DA VIDA)

Espera por mim — e eu não voltarei em vão —  
nunca deixes de esperar.

Espera, desde os rubros dias de verão  
aos nevões que no inverno caem sem parar.  
Espera, enquanto o Outono verte sôbre

[a beleza

da terra a sua tristeza.

Espera, enquanto o próximo descre, vergado,  
das lições do passado.

Espera, quando as cartas não vão ter contigo;  
espera, mesmo que não me espere um só

[amigo!

Espera por mim, voltarei p'rá ti, p'ra terra!  
Não, não lhes dêes ouvidos

à voz de: «Paciência! Como outros, na  
caíu entre caídos!»

[guerra,

Não quebras a ilusão à mãe e ao noivo filho!  
Que importa que me julguém cadáver, no

[trilho

que da vida conduz à morte?! — ou à

[glória? —

Deixa-os co'os amigos brindar-me à

[memória.

Sim...

Tristes junto do lume,  
olhares de queixume...

Espera, e só tu não brindarás por mim!

Espera, voltarei desafiando a morte  
e os outros, ao saberem, dirão: «Mas que

[sorte!]

E os que não confiaram na luta renhida  
sabeão que só tu reconduziste à vida  
êste soldado razo da sã liberdade,  
ânsia da humanidade.

Lutei contra o destino, e direi, oh meu bem,  
simplesmente: Soubeste esperar como

[ninguém!

\*

A DISTINTA ACTRIZ INGLÊSA EDWINA MAY  
COMPÔS A SEGUINTE RÉPLICA LÍRICA:

Sê feliz em qualquer meridiano,  
esquece-te do horror quotidiano.  
Vislumbro o amanhecer brilhante e próspero  
que nos reunirá p'ra sempre — espero!

Quando revires na haste de uma flôr  
brotar novo rebento — o seu amor —  
lembra-te que não desespero: espero!

Versão livre transmitida pela B. B. C.  
de Londres no seu programa para  
Portugal e Colónias

OS SOLDADOS DAS NA-  
ÇÕES UNIDAS CANTARAM  
UMA CANÇÃO QUE SE  
TORNOU UM CAPÍTULO DA  
EPOPEIA DESTA GUERRA

## TOGETHERNESS

(A'S NOIVAS DOS COMBATENTES)

Madrugada.

Pela janela aberta o sol, em leque,  
espalha mil carícias de uma saudação.

Beijam-se as tuas pestanas,  
abre-se a tua bôca em coração...

E em fremências de noivas espartanas,  
tua alma murmura sômente:

— Ah! Se êle me aparecesse! —

Para logo, negro de ciúme,  
te responder o branco marfim do pente,  
sorrindo ao teu cabelo:

Querida, o teu mal é apenas  
[«TOGETHERNESS»!]

Meio-dia.

Sentes à mesa um lugar deserto...

A tua bôca, em entreparêntesis,  
se ensimesma pela bôca que anseia perto.

Haja convidados ou parentes,  
dizem-te os brincos, lado a lado,

— ciclando como que uma parece —  
Querida, o teu mal é o bem-amado...  
[«TOGETHERNESS»!]

Meia-noite.

Fizeste de um dedo um lápis de cristal  
e uníste dezenas de estrêlas...

Assim traçaste na noite tropical  
o nome da constelação

que de instante a instante lhe revelas.  
Vês no luar um grande ponto final:

— Mais uma ilusão que parece! —  
«Ah! Se fosses um leito conjugal,  
Voava para ti sem TOGETHERNESS».

Enião,

a meia-noite,

o meio-dia,

e as coisas

segredaram:

Bem-amada,

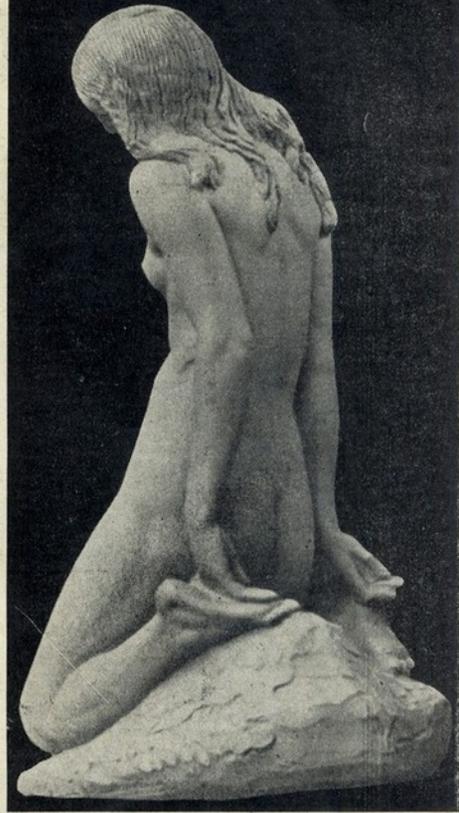
acalma o teu coração!

O teu amor não te esquece!

Não vês na madrugada o clarão

das mil e uma noites sem

[TOGETHERNESS?!]



Escultura de Leopoldo de Almeida

\*

## QUANDO O SONO DESCE

(BALADA DE UM FILHO AUSENTE)

Quando o sono desce  
sôbre os olhos meus,  
meu peito enlanguesce  
sem invocar Deus.

Quando o sono desce,  
manso, à madrugada,  
minha bôca cresce,  
saúdosa, enrugada.

Quando o sono desce  
em rondas quiméricas,  
pestanas em prece,  
crio asas feéricas.

.....  
Meu peito enlanguesce,  
crio asas feéricas,  
minha bôca cresce  
em rondas quiméricas...  
.....  
Em rondas quiméricas...

\*



# CASABLANCA

com

*Humphrey* BOGART

*Ingrid* BERGMAN

*Paul* HENREID

Claude Rains

Conrad Veidt

Magistral realização de

MICHAEL CURTIZ

Produção



Exclusivo



O filme máximo da época que alcançou o primeiro prémio da ACADEMIA AMERICANA

É um filme de EDDIE CANTOR!

**TEMP MELHORES**

Um brinde que a RKO oferece ao público do mundo inteiro em homenagem aos 35 anos de vida artística de EDDIE CANTOR

*Eddie CANTOR* *George MURPHY* *Joan DAVIS*  
*Nancy KELLY* *Constance MOORE*

com Don Douglas - dirigido por Edwin L. Marin  
 Dúzias e dúzias de raparigas.

UMA LUXUOSÍSSIMA PRODUÇÃO DE EDDIE CANTOR

RKO RADIO FILMS

Próximo acontecimento!

O melhor espectáculo para festejar a VITÓRIA

## VITÓRIA NA EUROPA!

Vitória da "20TH CENTURY-FOX"!



A temporada 1944/1945 ficará para sempre, gravada na memória dos cinéfilos.

Primeiro, porque assinala o fim de uma luta sangrenta de quasi seis anos em que os Aliados finalmente triunfaram. Depois, porque marca a vitória integral da 20th Century-Fox no mercado cinematográfico português com uma série de êxitos esmagadores, que mais uma vez vieram confirmar a divisa pela qual se rege:

«Espectáculos artísticos para o público e comerciais para os Emprezaários»

Dentre esses êxitos destacam-se:

**A Canção de Bernadette**

O filme-milagre do nosso tempo, um espectáculo duma beleza e de uma sublimidade incomparáveis!

**A Paixão de Jane Eyre**

A melhor história de amor num filme grandioso!

**Guadalcanal**

Um palpitante drama de heroísmo!

**Sinfonia de Estrelas**

e **Serenata Boémia**

Dois verdadeiros festins de música, alegria, bailes e canções com a azeitada portuguesa do Brasil. CARMEN MIRANDA.

chapéus esquisitos e, um dos seus mais queridos exemplares é aquêle que lhe ofereceram os jornalistas quando visitou Ottawa, em 1942.

Assim é que, com 37 anos, Churchill já tinha ocupado quatro altos postos no Governo da Grã-Bretanha, já se batera em cinco campanhas e encontrara tempo para escrever a biografia de seu pai, Lord Randolph Churchill, em dois volumes, uma reportagem sobre a campanha de Kitchener, no Egipto, também em dois volumes, um livro mais pequeno sobre a batalha na fronteira Noroeste da Índia e um romance. Acêrca dêsse romance, Churchill disse mais tarde: Aconselhei sempre os meus amigos a que nunca o lêssem. Para um homem com pouco mais de trinta anos, Churchill já fizera muitas coisas e devia o seu êxito não só ao seu talento, mas também à sua extraordinária capacidade de trabalho.

Portanto, quatro anos mais tarde, em Novembro de 1915, Churchill, então major no Oxfordshire Yeomanry, não ocupava qualquer posto no Governo e pensava que tinha acabado a sua carreira politica.

Nas primeiras semanas criticas da Grande Guerra de 1914-18, quando os alemães foram detidos diante de Paris, Churchill suportou a enérgica decisão de enviar para França o Exército Inglês. A esquadra, disse êle aos seus colegas de Gabinete, acceitaria a responsabilidade de defender a Grã-Bretanha da invasão. A decisão justificou-se. Quando

Anvers esteve ameaçado, Churchill enviou uma divisão da Marinha Real para defender o porto. Três dias de importância vital foram ganhos e os historiadores estão de acôrdo em que êles foram suficientes para salvar os portos da Mancha. Churchill criara o Serviço Aéreo da Marinha Real e quando a primeira Grande Guerra rebentou a Marinha de Guerra britânica era a única que tinha verdadeiramente desenvolvido a arte de ataque aéreo com torpedos. Graças à sua energia no Almirantado durante os três anos que precederam a declaração de guerra, a «Esquadra estava pronta».

Depois do xeque dos Dardanelos, pelo qual Churchill como primeiro Lord do Almirantado, tomou inteira responsabilidade — apesar dêsse xeque ter resultado mais de um êrro de execução do que de falsa concepção — e voltou para o Exército como major, indo para França. Aí tornou a escapar da morte: o seu abrigo foi pelos ares no momento preciso em que êle o abandonava, para ir atender um official de Estado Maior.

Mais tarde, ainda durante a guerra, Churchill entrou, de novo para o Governo, para ocupar a pasta das Munições, um departamento que, nessa época tinha menor importância do que o Almirantado. Quando chegou o dia do Armistício, as suas esperanças politicas eram menores do que oito anos antes. Mas havia um trabalho importante para êle. A desmobillização era espinhoso problema que urgia resolver e Churchill foi transferido para o Ministério da Guerra. Mais tarde, foi para o das Colónias onde, em 1905, desempenhara importante papel, como subsecretário, reconciliando os Boers com os Britânicos.

Churchill não era, nem nunca tinha sido «um homem de partido». Prezava suficientemente as suas idéias, para desprezar as idéias feitas dos outros. Êle encontrava-se mais perto dos Conservadores do que dos Liberais e, depois de tomar lugar no Parlamento como Independente, voltou ao partido Conservador. Assim, voltou ao Gabinete ministerial com o posto de seu pai, o de «Chancellor of the Exchequer». E, como seu pai, attingiu, na escala politica, o posto que antecede o de Primeiro Ministro, pois é o Chancellor que sucede ao Primeiro Ministro, quando êste se demite.

**Êle previne o mundo contra Hitler**

Portanto, parecia que Winston Churchill, como antes seu pai, não attingiria o alto da escala. Em 1929, os Conservadores foram batidos nas eleições e sucedidos por um governo Trabalhista; quando, porém,

Cá e lá...

O jovial John Curtin, Primeiro Ministro da Austrália, contou há dias, durante um almoço, a seguinte história: O filho de certa senhora inglesa decidiu embarcar para a Austrália.

— Bom Deus! — disse a senhora. — Isso não é o lugar para onde iam os condenados?

Passaram alguns anos. Um dia, a velha senhora resolveu ir visitar o seu filho, então já casado e em plena prosperidade. E tão entusiasmada ficou com a nora que convidou a ir passar alguns dias a Inglaterra.

— Como? — replicou a rapariga. — Eu para Inglaterra? Não era daí que vinham os condenados?

(De «Natal Mercury».)

Seja prático e económico

viaje na

**C. P.**

Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 732

Fábricas

de

CONSERVAS

em MOLHOS

e de SALAZONES

PINHAIS

& C.ª, L.ª da

AVENIDA MENÉRES, 700  
MATOZINHOS

Tele { gramas: CONSERVAS  
fone. 42 M. - P. B. X.

CONSERVAS de Sardi-

nhas, Atum, Bonito, Ca-

vala, Chicharro, File-

tes de Anchovas,

etc, Salga e

Prensados

velo o reverso, formou-se uma nova coligação, mas Churchill não fez parte dela. Com efeito, êle estava fora das graças do Governô, devido a várias questões: a Índia, a política do armamento e, sobretudo, os negócios estrangeiros. Porque, Churchill foi um dos primeiros a compreender a ameaça para a Grã-Bretanha, a Europa e o Mundo que representava o rearmamento da Alemanha nazl. Êle sabia que Hitler e Goering estavam prestes a construir uma colossal aviação sabia que a R. A. F. da Inglaterra não tinha o desenvolvimento suficiente para fazer face ao perigo. Churchill viu que a guerra só poderia ser evitada se a Grã-Bretanha estivesse forte e se os países ameaçados pela Alemanha constituíssem uma Grande Aliança. A segurança colectiva parecia, para Churchill, a única resposta à técnica de Hitler de «um por um». E, quando em 1935, Mussolini enviou os seus soldados para a Abissínia, êle advertiu o ditador Italiano de que estava em vias de «empenhar a fortuna». Em 1940 e 1941, centenas de milhar de soldados italianos encontravam-se a caminho dos campos de prisioneiros de guerra e provaram que Churchill tinha razão.

Churchill era o porta-voz dos ingleses que viam o perigo na Alemanha e, quando, em 3 de Setembro de 1939, a guerra que êle tinha previsto, eclodiu, êle proferiu no seu primeiro discurso de guerra radiodifundido, as palavras proféticas: «Através da efervescência causada pela confusão e incerteza, nós podemos ver nitidamente a comunhão de interesses que existe entre a Inglaterra a França e a Rússia. Dezoito meses depois, provou-se que êle tinha, ainda, razão.

### A hora mais bela

Os alemães invadiram a Noruega e, a Marinha, sem a indispensável protecção aérea, não conseguiu impedir o golpe germânico.

Da opinião pública, ressaía nitidamente que o único homem capaz de dirigir os destinos da Inglaterra era Winston Churchill. E, na noite de 10 de Maio, quando o mundo recebia as notícias da invasão da Bélgica, da Holanda e da França, pela Rádio, o Rei Jorge VI confiou a Churchill o encargo de formar o novo Governô britânico. «Quero dizer à Câmara o que já disse aqueles que formam o novo Governô: apenas vos posso oferecer trabalho, sangue, suor e lágrimas». Duras palavras e palavras muito diferentes de segurança cômoda que o povo inglês tinha escutado de outras bôcas.

Isolada do grosso das tropas francesas, a Fôrça Expedicionária Britânica bateu em retirada até Dunquerque e Churchill disse: «BATER-NOS-EMOS NOS MARES E NOS OCEANOS; BATER-NOS-EMOS COM MAIOR CONFIANÇA E UMA FORÇA SEMPRE MAIOR, NOS ARES; DEFENDEREMOS A NOSSA

ILHA, CUSTE O QUE CUSTAR; BATER-NOS-EMOS NAS PRAIAS; BATER-NOS-EMOS NOS PONTOS DE DESEMBARQUE; BATER-NOS-EMOS NAS COLINAS; NUNCA NOS RENDEREMOS!»

A França caiu e a Grã-Bretanha ficou só. Mas Churchill não perdeu a confiança nem na França nem no poder da Inglaterra para prosseguir a luta sôzinha. «Comportemo-nos de maneira que, se o Império Britânico viveu durante mil anos, os homens possam dizer, agora: esta foi a sua mais bela horas.

Durante um ano a Grã-Bretanha e o seu Império lutaram sôs, dirigidos por Churchill. Em seguida, Hitler atacou a Rússia e o Japão atacou Pearl Harbour. O defensor solitário da Liberdade, o Império Britânico, tornou-se o centro de uma grande coligação e Churchill iniciou as suas viagens, coordenando a estratégia da Grande Aliança que, se tivesse chegado a tempo, salvaria, porventura, a paz. Os Aliados passaram da defensiva à ofensiva e, em 11 de Novembro de 1944, Churchill, no seu 70.º aniversário, estava em Paris, proclamando, uma vez mais, a sua fé na França. Porque êle bem dissera, nos dias mais negros da França: «Nada mudará os nossos sentimentos e as nossas convicções de que a França reviverá de novo».

Ao fim de 44 anos de vida política, Churchill, aos 70 anos, atingia o ponto mais alto da sua carreira.

## BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado . . . . . 80.000.000\$00

Fundos de reserva . . . . . 80.000.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119//LISBOA

### Dependências urbanas

Alcantara/ Poço do Bispo/ Conde Barão/ Alm. Reis e Benfica

### Filiais e Agências

PORTO. COÍMBRA. BRAGA. FARO. COVILHÃ. TORRES VEDRAS. S. JOÃO DA MADEIRA. SANTARÉM. TORRES NOVAS. GOUVEIA. TORTOZENDO. MANGUALDE. FIGUEIRÓ DOS VINHOS. ESTORIL. ABRANTES. MOURA. OLHÃO. MATOZINHOS. ESPINHO. GUARDA. MONTIJO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS



CONTINUA A SER A *Paramount*

A MARCA DAS ESTRÉLAS E DOS ÊXITOS

A marca que teve  
SETE PREMÍOS  
num filme apenas:  
**O BOM PASTOR**

e que tem os melhores prémios do mundo que são os triunfos obtidos em tôda a parte pelas suas notáveis produções

GRANDE  
RESTAURANTE

Rosa  
Araujo

PRIMOROSO  
SERVIÇO  
DE COSINHA  
E DE BAR

Selecta Frequência



Rua S. Nicolau, 48

Telef. 2 6092



# PHILCO

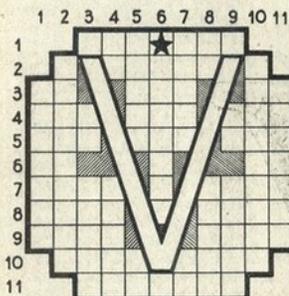
DE FAMA MUNDIAL EM QUALIDADE

RADIOS PARA CASA • RADIOGRAMOFONES • RADIOS PARA AUTOMOVEIS  
FRIGORÍFICOS • ACONDICIONADORES DE AR • FOGÕES ELÉCTRICOS

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL

**ARNALDO TRINDADE & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>**  
RUA FORMOSA, 307 - PÔRTO

## PALAVRAS CRUZADAS



Problema n.º 2

*Doroteo*

*Flecha*

COMERCIANTE



PELES, LÃS, CERAS  
E FRUTAS SÊCAS



ARMAZENISTAS DE:

PELES, DE LÃ,  
CABELO, COELHO,  
E ESPECIALIDADES



FABRICANTES  
DE CORTUMES  
FABRICA EM BALEIZÃO



ARMAZENS:

L. de Manuel Ribeiro

ESCRITÓRIO:

Rua de Mei tole, 71-r/c.



TELEFONE 173  
BEJA

Solução do problema de  
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS:

- 1 — Sestro. Bar. 2 — Arte. Euro. 3 —  
Mau. Bangos. 4 — Magano. Se.  
5 — Rorida. 6 — TRUMAN. 7 —  
Fé. Icéria. 8 — Acolhi. Dia. 9 —  
Loca. Arar. 10 — Asa. Brissa.

VERTICAIS:

- 1 — Sam. Sofala. 2 — Éram. Ecos.  
3 — Stuart. Oca. 4 — Te. Gorila.  
5 — BARUCH. 6 — Animei. 7 —  
Enodar. Ai. 8 — Burg. Anidro.  
9 — Aros. Aias. 10 — Roseta. Ara.

HORIZONTAIS:

- 1 — Aqui está — Aquilo que nos  
encobre o conhecimento de  
alguma coisa. 2 — Notícias.  
3 — preposição e artigo — Mui-  
tos — Existe. 4 — Rio da Si-  
béria, afluente do Obi — Pre-  
do — Rio da Rússia que desa-  
gua no Mar Negro. 5 — Ini-  
ciais que designam uma grande  
nação aliada — Ribeira do  
distrito de Portalegre — Cólera.  
6 — Pôpa — Símbolo químico  
do cromo. 7 — Pássaros — En-  
contre. 8 — Vigie — Filósofo  
inglês da escola experimental,  
autor da «Lógica» e da «Ciên-  
cia da Educação». 9 — Icem  
— Margem. 10 — Cidade da  
Rússia, à beira do Volga —  
Substância que tingi de azul.  
11 — Solução antiaséptica.

VERTICAIS

- 1 — Tolerava. 2 — O GRANDE  
OBREIRO DA LIBERDA-  
DE DOS POVOS, CUJA  
IMAGEM PERDURARÁ  
NOS CORAÇÕES DOS  
HOMENS LIVRES DE TO-  
DO O MUNDO. 3 — Canha-  
mo da Índia — Sobe. 4 — Pré-  
fixo de negação — Semente.  
5 — Adições — Brinca. 6 —  
PALAVRA QUE FOI O  
GRITO DE ENTUSIASMO  
DO POVO NO DIA «VE».  
7 — Mérito — Prefixo latino  
que designa direcção. 8 — Per-  
tences — Adiantamento. 9 —  
Duas vezes — Pó indiano, de  
várias especiarias, para tempe-  
rar comida. 10 — O ARQUI-  
TECTO DA VITÓRIA. 11  
— Ismaelita.

(Ver solução na pág. 115)

Drink  
**Red Hackle**  
Scotland's Best Whisky

AWARDED FIRST PRIZE IN OPEN COMPETITION. BREWERS EXHIBITION, LONDON.

AGENTE EXCLUSIVO J. NUNES DA SILVA

Rua do Corpo Santo n.º 16-1.º

Telefone 2 5498

LISBOA

**Banco FONSECAS,**  
**Santos & Viana**

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE Ltd.

FUNDO DE RESERVA.... Esc. 81.600.000\$00

CAPITAL..... Esc. 55.400.000\$00

Rua do Comércio, 132

LISBOA



UM SABONETE TIPO INGLEZ FEITO EM PORTUGAL  
FABRICA SANTA CLARA

BOTÕES



MARCA REGISTADA

São os melhores

Oferecidos durante a guerra à BRITISH RED CROSS

VIEIRA &  
LABRINCHA, L.<sup>DA</sup>

ARMADORES DE NAVIOS

S

TRAVESSA DO CORPO  
SANTO N.º 21-1.º

S

Tele } fone 2 6409  
gramas Victu

LISBOA

OS  
P E R F U M E S  
E  
C R E M E S

SUPER



PERFUMARIA  
NACIONAL

L I S B O A  
B A R C E L O N A

*Montegil*



A O S E R V I Ç O D A  
B E L E Z A D A M U L H E R

Fabricação de F. LUZ E SILVA  
RUA DA MADALENA, 66, 1.º — TEL. 23171  
L I S B O A

PEÇA ESTES PRODUTOS  
NAS CASAS ESPECIALIZADAS

# MECANO-ELECTRICA, L.<sup>DA</sup>

LISBOA — RUA DA BOA VISTA, 88-94 — Téléphone 22300

MÉCANIQUE ET ELECTRICITÉ  
en toutes leurs applications.

*Nous tenons à la disposition de notre clientèle notre service  
Technique e notre personnel spécialisé  
pour toute fourniture et installation*

DE

MOTEURS À EXPLOSION — À TOUS COMBUSTIBLES  
POMPES POUR TOUS LIQUIDES, DÉBITS E PROFONDEURS  
GROUPES MOTO-POMPE ET ÉLECTRO-POMPE  
FROID — CHALEUR — VENTILATION  
CENTRALES ÉLECTRIQUES  
TRANSFORMATEURS TOUTES TENSIONS  
ALTERNATEURS TRIPHASÉ ET MONOPHASÉ  
MOTEURS ÉLECTRIQUES ALTERNATIFS ET CONTINUS  
APPAREILLAGES DIVERS

NE TRAITÉZ PAS SANS NOUS CONSULTER:  
un renseignement ne coûte rien.

*Nos dias tão desejados da Paz*

*O seu lar não terá completa felicidade, se não possuir um receptor*

**Paillard**



*Assim é o som das rádios*

**PAILLARD**

A MARCA DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

DISTRIBUIDORES

*David J. Lopes, L.<sup>da</sup>*

RUA DA PRATA, 266, 1.<sup>o</sup> — LISBOA

## CIDADE HEROICA

(Continuação da pág. 39)

Intensifica-se o bombardeamento. A outra rapariga que trabalha com Stella foi ferida e ela ficou só! O seu trabalho era de importância vital pois as comunicações tinham de manter-se enquanto fosse humanamente possível. Incendiou-se a estação e, na sala em chamas, Stella continuou a receber e a transmitir mensagens até emudecer o telefone. Só então e justamente a tempo atravessou as chamas que emolduravam a porta, correndo para a rua onde desabavam prédios.

Muito embora tivesse a carar e os cabelos chamuscados Stella foi em auxílio dos que lutavam contra dúzias de bombas incendiárias. Trabalhou com eles até desmornar-se um grande prédio na rua vizinha e chegar recado de que se encontrava muita gente debaixo dos escombros. Juntamente com outros para lá correu Stella e começou a remover o entulho à procura de uma abertura. Stella era franzina e quando se encontrou uma fenda, conseguiu abrir caminho por ela abaixo, arrastando-se, com a maior dificuldade, polegada a polegada, até ouvir um grito débil que a avisou de que havia gente com vida. Gritou para os companheiros dando a boa nova. Estas empregaram toda a sua energia em escorar os escombros à força de braço. Então fixando-se solidamente con-

tra uma trave, procurou desesperadamente abrir um buraco para o sítio, onde aquela gente estava soterrada. Um dos homens ainda tinha força para a auxiliar do outro lado e graças aos esforços conjugados de ambos conseguiram uma passagem. Enquanto trabalhava sentiu deslocar-se o entulho que ficava por cima e compreendeu que se mexesse e afrouxasse a pressão que exercia contra a trave tudo se desmornaria. Insistiu portanto por que o homem saísse rastejando enquanto ela se mantinha hirta fazendo apenas mover os braços e ajudou-o, não obstante, a retirar pelo buraco as duas mulheres que o acompanhavam. Nenhum deles estava gravemente ferido e puderam todos sair rastejando pelo túnel. Stella pediu-lhes tranquilamente que que mandassem auxílio para a retirar da sua posição crítica. Conseguiram pôr-se a salvo mas antes de ser possível fazer chegar-lhe o auxílio pedido uma nova bomba fez destruir tudo em cima dela. Quando a encontraram estava morta.

### CORAGEM DE UM ESTAFETA

Eis a história de Peter Brown, marçano de 15 anos de uma mercearia de Glasgow. Sendo o mais novo de uma família numerosa que na sua totalidade estava ocupada nos ser-

viços da defesa, Peter alistou-se no corpo de estafetas.

Juntamente com centenas de outros rapazes, Peter aprendeu o que dêle se esperava no caso dos bombardeamentos inimigos transtornarem as comunicações, e não tardou a entrar em acção.

Estava uma noite de serviço no posto da A. R. P. (Prevenção contra Ataques Aéreos) quando bombardeiros inimigos começaram um ataque severo, Zumbiam os telefones e o posto estava cheio de gente uniformizada, num afan intenso.

Caíam bombas em muitos pontos da cidades e as brigadas de socorro estavam a ser enviados com toda a rapidez possível para as aéreas atingidas. Chegou, então, um telefonema dizendo que um grande abrigo subterrâneo fôra atingido directamente. Antes do telefonista poder transmitir a comunicação as linhas foram cortadas e o aparelho emudeceu.

Peter partiu de bicicleta e, no escuro, à procura de uma brigada de socorro que êle deveria conduzir ao abrigo desmornado. Ruas que êle conhecia bem estavam esburacados pelas bombas. De um cano de gás rôto erguia-se alta labareda no meio do caminho. Peter teve que tomar por ruas e travessas a maior parte das quais obstruídas. Iluminavam-lhe o caminho os clarões das peças, das bombas e dos incêndios. Choviam à sua volta estilhaços de granadas e shrapnel mas continuou a pedalar. Passou por uma rua de prédios de habitação que acabava de ser atingida. Ouíam-se gritos lancinantes e êle começou a sentir-se incomodado. A sua própria casa ficava apenas a uma escassa centenas de metros por trás da rua mas procurou não pensar nisso. Parecia-lhe que pedalaria havia horas mas não devia passar de alguns minutos, até que ouviu o assobio de uma bomba que caía. Uma explosão e Peter foi arrancado da sua bicicleta e atirado contra o muro de um prédio.

Atordado, com um golpe profundo num braço, Peter desvençillhou-se do entulho e procurou a sua bicicleta. Encontrou-a a uns metros de distância no meio da rua, transformada numa massa de tubagem torcida. A campainha ainda estava inteira e pendia ainda, tristemente, segura apenas por um parafuso. Peter desapertou-a automaticamente e meteu-a na algebeira.

Plingava-lhe dos dedos o sangue que corria da ferida no braço. Tinha as pernas doridas e contusas. Mas lembrou-se, subitamente, de que lhe competia encontrar socorro para aquela gente soterrada no abrigo e desatou a correr.

Passou pela extremidade da sua rua. Havia um montão de lixo no sitio onde a sua casa deveria ter-se erguido mas não era êsse o seu caminho e por isso continuou. Corria ainda quando encontrou uma brigada móvel daí a uns minutos e transmitiu-lhes a comunicação antes de desmaiar por efeito da hemorragia.

# AHLERS, LINDLEY, L. DA

R. Bernardino Costa, 13-2.º-3.º

Telegramas RALERS—LISBOA

Telefone 20320-20329

L i s b o a

Representantes e Importadores de:

**Drogas, produtos químicos  
e maquinaria  
para tôdas as indústrias**

**TINTAS e PAPÉIS**



Chapeus de  
categoria

LEVÍSSIMOS

Chapelaria

**Elite**

151, Rua Augusta, 153

LISBOA—TEL. 22030

## União Resineira Portuguesa

(CONSÓRCIO RESINEIRO  
DE PORTUGAL) S. A. R. L.

Capital realizado  
5.500.000\$00

Destilação da  
gema de pinheiro  
bravo pelo vácuo

Colofanias, breus claros  
e escuros, aguaraz e essência de  
terebentina, produtos integral-  
mente utilizáveis, classificados  
segundo as escalas francesa e  
americana

Fábricas em Pombal  
e Ermezinde

Rua dos Panqueiros, 30

TELEFONES { 28188 28189  
Estado 324

End. Teleg: SEROF

LISBOA

## Nunes dos Santos & C.ª

Direcção geral e Sede — Rua do Carmo 2 — Lisboa

19 FILIAIS

19 FABRICAS E OFICINAS

**Porto**  
Praça da Universidade  
**Coimbra**  
Rua Ferreira Borges  
**Abrantes**  
Praça Rodrigues Soares  
**Arganil**  
R. Oliveira Matos - P. Simões Dias  
**Aveiro**  
Praça do Comércio  
**Barril d'Alva**  
Largo do Chiado  
**Beja**  
P. Moraes Sarmento - R. s de Outubro  
**Braga**  
Rua dos Chãos  
**Caldas da Rainha**  
P. da República - R. General Queiroz  
**Covilhã**  
Rua Dr. Miguel Bombarda  
**Évora**  
Praça do Geraldo  
**Faro**  
Rua Conselheiro Bivar  
**Figueira da Foz**  
Cais da Alfândega  
**Guarda**  
Rua do Comércio  
**Portalegre**  
Rua do Comércio  
**Santarém**  
Rua Sá da Bandeira  
**Setúbal**  
Praça do Bocage  
**Tórces Novas**  
R. s D'Outubro - T. Correio Velho  
**Viseu**  
Rua dos Combatentes - Rua da Paz

**G  
R  
A  
N  
D  
E  
S  
A  
R  
M  
A  
Z  
Ê  
N  
S  
D  
O  
C  
H  
I  
A  
D  
O**

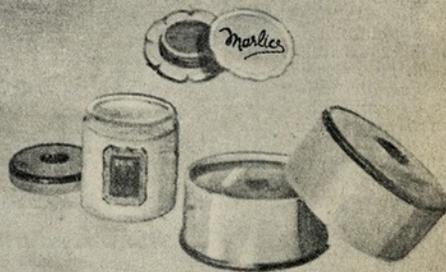
Fábrica de Tecidos de Sêda  
Fábrica de Tecidos de Lã  
Fábrica de Lanificios  
Fábrica de Tecidos de Algodão  
Fábrica de Fitas de Algodão e Seda  
Fábrica de Malhas  
Fábrica de Meias e Peúgas  
Fábrica de Luvas e Gravatas  
Fábrica de Chapéus e Sombrinhas  
Fábrica de Espartilhos  
Fábrica de Malas  
Fábrica de Camisaria  
Fábrica de Brinquedos  
Fábrica de Móveis  
Oficina de Estofador e Decorador  
Oficina de Alfaiataria  
Oficina de Confecções de Senhora  
Oficina de Rouparia  
Oficina de Calçado

**VENDAS POR ATACADO**  
Vendas a retalho ao público nas suas  
**85 SECÇÕES de Lisboa e nas 19 FILIAIS**  
**DOS GRANDES ARMAZÊNS DO CHIADO**

*Marlice*

PARIS

*Pó d'arrox  
Rouges  
Cremes de belera*



**ESTIMULAM E MANTÊM A SUAVIDADE DA CUTIS**

À venda nas melhores perfumarias

Concessionários e Distribuidores: *Sociedade Portuguesa de Perfumaria, Lda*

Fábrica:

Escritório e Depósito:

RUA RODRIGO DA FONSECA, 87-B—Telefone 45410 RUA RODRIGUES SAMPAIO, 59 — Telefone 40880

## O Marechal Smuts

(Continuação da página 57)

dade das Nações Britânicas que funcionava no Canadá mas intensificou o seu próprio plano de treino no seu território. O governo da África do Sul ofereceu-se para treinar pessoal da R. A. F. para o Governo Britânico. Dos centros de treino estabelecidos em Waterkloof, Bloenfontein, Durban, Kimberley, Potchetroom, Cidade do Cabo e noutros pontos, grande número de tripulações seguiu para os aeródromos, então em construção no Kenya mesmo antes da declaração de guerra da Itália.

Em Outubro de 1940, uma missão aérea do Reino Unido chefiada pelo marechal chefe do Ar Sir Robert Brook-Popham seguiu para a África do Sul para discutir acordos para a participação da União no B. O. A. T. P. (Plano Britânico para o Treino Aéreo no Ultramar). Isto erigiu a expansão para o dobro da existente capacidade de treino e previu o treino de homens de outras partes da Comunidade e bem assim das Nações Unidas, além dos aviadores sul-africanos. Calculou-se, no momento em que funcionasse em pleno rendimento, poderiam completar anualmente a aprendizagem 4.000 pilotos, 3.600 observadores aéreos e 500 artilheiros aéreos, além de numerosos, pessoal de terra.

Até Fevereiro de 1944, treinaram 16.000 tripulações aéreas, incluindo mais de 5.000 pilotos, quasi outros tantos observadores, com treino especial de navegação aérea, cerca de 2.000 navegadores aéreos, 2.000 bombardeiros e 2.000 artilheiros aéreos. Em Março de 1944 funcionavam na União Sul-Africana, 33 escolas, com uma lotação para 30.000 aviadores.

As despesas do Plano de Treino Aéreo Sul-Africano são compartilhadas pelos governos que nele participam na proporção das respectivas quotas de homens em treino — um terço para a África do Sul e dois terços para o Reino Unido. Também lá estão numerosos belgas do Congo Belga. O Reino Unido forneceu os aparelhos de treino e o pessoal perito, enquanto a União Sul-Africana fornecia as campos e suportava as despesas correntes. Cada um destes países é responsável pelo vencimento do pessoal respectivo.

### Exitos das operações da F. A. S. A.

Não é dos menos importantes entre as nossas forças na Itália, a dos nossos aviadores. Temos na Itália e algures no Mediterrâneo uma força aérea mais do que equivalente a uma divisão de tropas terrestres...

E' com orgulho que assinamos que é, em grande parte, da responsabilidade dos aviadores da África do Sul a defesa e patrulha das margens do Mediterrâneo desde Alexandria até Argel, da costa do

## Duplicadores

# GESTETNER

para Circulares, Desenhos, fotografuras e toda a classe de impressão. Modelos 26, Resma, Blindado 66 e Eléctricos 66<sup>E</sup>.

**A. Gestetner L. da**

Rua da Conceição, 125

LISBOA

Telef. 22628-Teleg. Gestetner

## Leitaria e Pastelaria

# BRAANCAMP

*A. Martins Insua & C.<sup>o</sup>*

**Casa especializada e recomendada**

*Pastelaria, Leitaria, Manteigas, Queijos, Frutas, Chocolates, Vinhos finos, Charcuterie*

Rua Braancamp, 26-28

LISBOA

Telefone 42711

Atlântico, desde a África Ocidental até à Cidade do Cabo, e da Costa do Mar Indico, desde o Cabo da Boa Esperança até o Mar Vermelho. Além disto, temos na Itália muitas esquadras que representam uma parte importante da Força Aérea Tática ao dispor do Comando aliado nesse teatro de operações.

Esta é a medida do esforço aéreo da África do Sul na Guerra. E sob certos pontos de vista este esforço constitue, talvez, a nossa mais alta contribuição nesta guerra.

**Feld-Marechal Smuts**  
16-VIII-944

# A LUSALITE

Saúda a vitória da Nações Unidas  
prestando homenagem à memória  
dos que morreram por  
um MUNDO MELHOR



Desejamos dar aqui público testemunho da nossa gratidão ao Ministério da Guerra Económica do Governo Inglês e aos seus representantes na Embaixada Britânica em Lisboa, que tanta compreensão mostraram pelos nossos problemas e necessidades, sempre nos facilitando a aquisição de todo o amianto e outros abastecimentos essenciais para a laboração da nossa fábrica e conseqüente produção dos artigos LUSALITE.

Sem tal compreensivo e desinteressado auxílio não nos teria sido possível servir o País como fizemos durante todo o período de guerra.



Na paz que agora se avizinha  
a LUSALITE continuará a seguir  
a linha de conduta que traçou

**BEM SERVIR**  
com produtos de qualidade

Na PAZ  
como na GUERRA  

---

---

**segure na**

**ULTRAMARINA**

A Companhia portuguesa  
de maiores reservas livres

**Em todos os ramos contra todos os riscos**

Delegações e Agências  
em todo o País e Império Colonial  
**R. da Prata, 108-1.º**

**Nunca tantos deveram tanto a tão poucos**

(Continuação da página 53)

mente rejeitam para os seus filhos meninos. Que os cutros, os mais velhos — os de dezóito — lá estavam no ar com as jubas imponentes de leões rugindo, castigando um inimigo rapace, criando asas com as penas dos sucumbidos — para depois, de madrugada em madrugada, serem acolhidos por uma Europa de olheiras, escravizada, como águias de edénicos rosais do pensamento livre. E a R. A. F. em meia dúzia de noites tornou-se um astro amigo, um disco de luminosa fê!

Cada homem da R. A. F. era bem um mensageiro que acelerava o sangue nas veias dos oprimidos, retardando anquilosões mordidas pelas correntes dos opressores. Cada peito de um jovem de R. A. F. abriu-se numa ânfora de bravura, uma bravura generosa porque repulsou no sacrifício voluntário — que é o sacrifício de quem ergue uma tonelada com a vontade de quem pega num grama, sem a apólice da gratidão dos socorridos ou dos juizes com taras na mão. E os povos, sempre os verdadeiros fulcros da justiça, não negaram na aurora do dia D, palmas e hossanas a êsses heróis de tôdas as noites e de todos os dias!

Tão cruciantes eram as saudades pela liberdade que bem-

diziam aqueles cavaleiros alados, lado a lado das asas com estrélas. Tal era a sêde da verdade que não se importavam que ela se erguesse onde caíam bombas de morte, calcinando lares. Tudo sofriam por alguma coisa. E essa realização custou vidas, destilou suores e amontuou vigílias de sábios e ignorantes. A realização dessa alguma coisa acorrem nações quasi sub-continentes: o Canadá, Estados Unidos, Rússia, Africa do Sul, Índia, Austrália, Nova-Zelândia...

Quem esquece a ponte aérea de abastecimentos sobre os dois hemisférios, revolucionando as rotas do tráfego aéreo dos tempos da paz? Quem desconhece o esforço de homens de liberdade vertical, como Bennett, Page e Ross, pioneiros dos vôos dos Hudsons, Gubas, Catalinas, Lockheedes, Venturas, Bostons e Liberators sobre os gêos eternos da Groenlândia e as escaldantes areias do Sahará? Montgomery precisa de 6.000.000 de cartuchos? Acorrem êsses gigantes do espaço a realizar um El-Alamein.

E aquêlê obscuro motorista que, uniformizado como o filho do milionário, trocou o volante do carro pelo do avião? E mais os rádio-telegrafistas — quem os esquece a todos?

PAPELARIA  
CARLOS

DE

CARLOS FERREIRA, L.<sup>DA</sup>

RUA AUREA, 36  
LISBOA  
TELEFONE 20244

  
**VARIADISSIMO  
SORTIDO DE  
ARTIGOS PARA  
ESCRITÓRIO**  


# Leão d'Ouro

O  
salão  
onde

## O PÔRTO

TOMA  
CAFÉ

— que estão para os pilotos como nervos para o coração? E os estenógrafos da aviação que disputam cá em baixo a velocidade dos ares? E os meteorologistas a quem cabe o veto para os vôos arrojados? — Uma série interminável de pequenas grandes coisas...

A todos e por todos a R. A. F. correspondeu em tudo! desde os flordes da Noruega aos rochedos de Gibraltar.

Quem, como os nazis, se retratavam ao perguntar, em 10 de Dezembro de 1940, «por que é que eles nos odeiam?» — terá nos próprios pilotos nazis a resposta: «Birmingham foi pior. Quanto mais a destruímos tanto melhor para nós. Centenas de Messerschmidts estão a caminho para lançar os seus ovos nesta cidade infernal!» E inebriados com as vitórias cantavam em cântico:

*«Os polacos já são cinzas  
e dos outros não temos medo,  
sossobram as democracias  
com o esfarrapar das solas  
[Judaicas.*

E as democracias, prestes a serem as viúvas da Liberdade, murmuraram serenas:

Senhor,

*reconduzi-os um por um  
para o seu lar, protegei-os  
ai onde mil embarcações  
tolhem o coração aos ho-  
mens nos espaços! Con-  
cedei-lhes, Senhor, tudo o  
que fôr carinho e, final-*

*mente, após a guerra a  
paz eterna, numa amiza-  
de forte, perene, fraternal!*

Quando os exércitos aliados, já vertebralizados, numa gigantesca arremetida estabeleceram a cabeça de ponte de Remagen e atravessaram em massa a última barreira fluvial da Alemanha, alguém referiu as palavras de Winston Churchill:

**«E' este o empurrão  
que lançará por terra  
o colosso nazib.»**

Pois bem. Já alguns meses rodaram sobre esse episódio histórico. Porém, resta perguntar: Quem deu o empurrão definitivo?

Foi a R. A. F.!

Enquanto as núvens fôrem o algodão do sol; enquanto os rios engrossarem os mares; enquanto os cumes da montanha da liberdade, pela sua própria grandeza, se divisarem nas mais abissais funduras da escravidão; enquanto o grão irromper da terra em searas loiras de paz; enquanto a humanidade não recôlha na aurora o que semeou com insonias de noites cansadas; enquanto os oceanos beijarem as praias e os barcos demandarem faróis de portos seguros, não se apagará da memória dos homens a lembrança dos rapazes da R. A. F. — «tão poucos a quem nunca tantos deveram tanto!»

*Ruy de Sequeira Nozari*

### CHAPÉUS

## «TRIUNFO»

QUALIDADES:

IMPÉRIO—CRISOS—AVIZ

SÃO CHAPÉUS DE INTEIRA CONFIANÇA

FABRICANTES:

A. HENRIQUES & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

SÃO JOÃO DA MADEIRA

PORTUGAL

# DE DUNQUERQUE

## A BERLIM

**D**ESDE os dias sombrios de Dunquerque que os Britânicos planearam voltar... e que, a partir desse dia, começaram a forjar as armas e a estudar as táticas a seguir para a conquista da maior vitória de que reza a história. Não contavam, então, que, mais tarde, viriam a ser Aliados de poderosas Nações amigas, mas, entretanto, foram estudando, planeando e preparando-se.

Durante três anos, sôsninhos, pacientemente, laboraram, enfronhados nos seus cálculos e planos.

Conta-se a história de que, dois dias logo após o colapso da França, Churchill, dirigira uma comunicação oficial a um certo número de altas individualidades britânicas, na qual punha em foco, com rude franqueza, a terrível posição em que então se encontrava a Grã-Bretanha. O ponto que pretendia, porém, chamar a atenção era o que constava da nota anexa à dita comunicação. Com efeito, tal era o teor da dita nota: «Senhores, solicito-vos que, a partir de uma semana a contar desta data, me deis a conhecer quais são as vossas ideias acerca de como devemos agora proceder para ganhar a guerra! Ignoro se a história é absolutamente verídica, se o não foi, merecia sê-lo, pois o caso não era para menos. A nota do Primeiro Ministro não expressava

um sentimento de bravata otimista. Pelo contrário, chamava a atenção para o grave problema creado com o colapso da França. É certo que uma nova tentativa de invasão da Grã-Bretanha, poderia vir a ter a mesma finalidade das anteriores, tentadas nos últimos 900 anos. Mesmo que assim sucedesse (aliás uma mera suposição), a vitória não seria possível e completa, sem que se facultasse e encontrassem os meios, a uma nação de 40 milhões de habitantes para a reconquista do Continente, onde não dispunha de Aliados e onde nem sequer havia posto o pé. Nessa ocasião, o Canal da Mancha, como em tantas outras vezes, era o único amigo. Mas, porventura, tempos viriam em que se converteria em inimigo para os conquistadores vindos das Ilhas Britânicas, antes que estes alcançassem a Vitória. Quanto mais depressa o problema fosse atacado, tanto melhor, embora de início, porventura, apresentasse uma feição meramente académica.

Tornou-se evidente, desde o princípio, que, para ganhar a guerra, a França teria que ser invadida, e, eventualmente pela via mais curta, se bem que a mais difícil de todas — ataque frontal directo através do Canal. Sabia-o a Grã-Bretanha e sabia-o o inimigo, assim como de resto todo o mundo. Nunca na história das guerras foi uma operação tão longamente preparada e aguardada por ambos os contendores.

Quando o General Eisenhower, em fins de 1943, na sua capacidade de Comandante Supremo das forças Expedicionárias Aliadas estabeleceu finalmente o seu Quartel General em Inglaterra, recebeu a herança de três anos e meio de constantes e aturados estudos, projectos e experiências de resolução do problema: «de como estabelecer posições nas costas do Norte da França». Primeiro de tudo estudou-se, meticolosamente, o terreno e as defesas do inimigo — ponto essencial de partida para todas as futuras fases da operação. Por outro lado, considerações especiais sobre a natureza do terreno, comunicações, defesas naturais, tudo isso foi tomado como factor determinante do plano geral e, localização da área de assalto.

Foram impressos mais mapas da França para esse efeito, do que jámais se produziram no próprio país, desde as eras remotas de Júlio César. Praticamente, quasi todas as oficinas de impressão na Grã-Bretanha trabalhavam na sua confecção. Por



OS TANKS INGLESES ATRAVÉS DA ALEMÂNHA

motivos de segurança militar, o trabalho de impressão foi parcelado e dividido em milhares de secções, que, vistas isoladamente nada significavam relativamente ao contexto geral, à semelhança das peças avulsas dum jogo de «puzzle». A junção final de todas elas fez-se com o auxílio de mapas em grande escala, perfeitos até ao mais mínimo pormenor — indicando até as árvores; sendo os maiores, na escala de uma polegada para cada 70 jardas.

A fotografia aérea, evidentemente, desempenhou um papel importantíssimo. O estudo e a interpretação do terreno foi muito mais além do que a mera leitura das cartas. Para se decidir acerca de quais os tipos de tanques e outros veículos poderiam ou não ser empregados, tornou-se necessário levar o estudo ao ponto de investigar a constituição do solo em diversos pontos do litoral francês. Um audacioso grupo de homens realizou uma vez uma pequena e silenciosa incursão só para colher amostras do terreno.

Tratou-se, seguidamente, de organizar um exército capaz de se desempenhar da alta missão que lhe veio a ser confiada. Um exército destinado a operações de tal envergadura requer uma organização completa de cima a baixo, não só pelo que diz respeito a material, como na escolha de armamento, transportes, métodos de abastecimento e mil outros pormenores. As forças que em tempos se havia aprestado para defenderem a Grã-Bretanha contra a eventualidade duma invasão, não possuíam por assim dizer as «características» necessárias para constituir um Corpo Expedicionário destinado a operar fora da Grã-Bretanha. Se essas forças viessem um dia a ser chamadas a combater, o seu teatro natural de operações seria o próprio solo da Grã-Bretanha, tendo à mão estradas, linhas férreas, depósitos e oficinas, e a rede doméstica de distribuição abastecimentos.

Um corpo expedicionário que se destina a operar fora do país necessita de se converter numa unidade compacta, capaz de se bastar a si própria.

Depois tratava-se, evidentemente, de táticas e meios para emprender a tarefa — criação e fabrico de armamento adequado: veículos, embarcações, equipamento de toda a sorte, sem falar de métodos inteiramente novos de o empregar. Dizia-me um aficionado jogador de «golf», nas vésperas do dia «D». Nunca vi um grupo de jogadores irem para o campo munidos de uma tão grande variedade de tacos e acessórios, não esquecendo até uns especiais para tirar a bola... dos buracos dos coelhos! Pelos vistos todas as dificuldades do jogo haviam sido previstas, não só aquéles que se sabia que o nosso adversário se faria valer, mas muitas outras. Neste capítulo especial é que preparativos e experiências de carácter vital foram levados a cabo. Pouco, então, transpareceu ao público, pois notícias desta

(Continua na página 104)

O autor deste artigo é o tenente-coronel Belchin, assistente da Universidade de Cambridge, e autor de obras consagradas, como, «Darkness Falls from the Air», «In-come and Outcome» e «Small Back Room»

# A MAIS BELA FILHA DESTA GUERRA



Squibs

Três comba-  
tentes — um ma-  
rinheiro, um sol-  
dado e um avia-  
dor — recebem,  
dos seus, poemas,  
em vez de cartas.

São membros  
da família Mc-  
Namara, de Co-  
drington Hill,  
Brockley Rise,  
S. E., e os poe-  
mas vêm da pe-  
quena Kathleen («Squibs») Mc-Na-  
mara, de olhos profundos e escuros  
como a noite ausente de estrélas.

Dir-se-á que d'-sde que aprendeu  
a falar, Squibs começou a escrever —  
poemas, contos, ensaios. Mas agora,  
em vez de guardar para si estes tes-  
souros, ela escreve ao seu pai e dois  
irmãos, enviando as suas mensagens  
com as cartas da mãe, para Africa,  
e para a Islândia.

*Querido pai, os mares entre nós podem  
ser vastos, grandes, a rugir, mas  
nem a terra nem os oceanos podem  
o amor das nossas almas dividir.*

Squibs contava dez anos quando  
rebentou a guerra.

De um momento para o outro, viu  
o seu pai metido numa farda e pela  
vez primeira beijou-o a chorar quando  
a Campanha do Norte de Africa lho  
arrebatoou dos bracitos meigos.

Semanas depois, Squibs de regresso  
da escola veio encontrar em casa o  
seu adorado irmão Patrick, de 18  
anos de idade, garboso no seu uni-  
forme azul da R. A. F. E. também  
lhe disse adeus — no dia em que ele  
partia para Singapura.

Daniel, o seu outro irmão, alis-  
tou-se na artilharia depois de deixar  
a escola, e tornou-se artilheiro-naval,  
embarcando nos combóios que sin-  
gravam todos os mares.

*E agora, com com o olhar fixo nos  
seus lares, e a Vitória a brilhar a  
cito sabem qual a razão por que  
lutaram: Pela Justiça, pela Liber-  
dade, pelo Direito!*

H.

# ATLANTIC



## ÓLEOS PARA AUTOMÓVEIS

LAZARO

IMPORT — EXPORT — TRADE AGENTS FOR FOREIGN GOODS

Endereço

Telegráfico:

ALIADOS



Rua das Pretas,

47, 2.º — Lisboa

PORTUGAL

Sociedade Com. Morais,  
Nobre & C.ª, Ltd.

Importation-Exportation-Representations de produits étrangers

Agostinho & Villas L.<sup>da</sup>

TRABAHOS TIPOGRÁFICOS  
EM TODO O GÉNERO

**CENTRO TIPOGRAFICO  
COLONIAL**

L. BORDALO  
PINHEIRO 27, 28 e 29

Telefone 22333

LISBOA

# O GRANDE PRESIDENTE

(Continuação da página 63)

nomia e da sociedade moderna, e pode dizer-se que, embora o Governo tenha hoje, quantitativamente, muitíssimo maiores responsabilidades do que há uma geração — ou mesmo há uma década — não possui, sob um aspecto qualitativo, um poder muito superior. O nosso sistema constitucional encontra-se intacto e todo o poder ainda reside no povo e nos seus representantes no Congresso que, a cada momento, podem despojar o Governo do seu mando.

O problema do papel americano nos assuntos mundiais acompanha-nos, duma forma ou doutra, desde os dias coloniais. Nêsse tempo (encontramo-nos por vezes inclinados a esquecer), encontravamos-nos poderosamente envolvidos nos assuntos do mundo ocidental, mais como, digamos, vítimas, do que propriamente como participantes independentes. A nossa Guerra da Independência foi uma guerra mundial; a nossa Guerra de 1812, parte foi de uma outra guerra mundial. Entre 1815 e 1890, conseguimos alcançar, ou pelo menos julgamos haver conseguido, um certo grau de isolamento; porém, em dois dos três séculos da nossa História, temo-nos visto inextricável-

mente enredados nos assuntos universais.

Reflectida no cenário de meio século de experiência, a compreensão de Roosevelt relativa à compreensão da responsabilidade da América como potência mundial parece lógica e óbvia; posta em contraste com o meio isolacionismo de há duas décadas, torna-se não só digna de crédito como impressiva. Os problemas internacionais da década de 1930 foram mais complexos e urgentes do que os de qualquer década anterior.

Sabemos agora que, ao tempo em que o Japão atacou a Manchúria e Hitler entrou no Reno, o panorama que se apresentava aos Estados Unidos era o da sobrevivência. Devem ser creditados a Roosevelt o facto disto se haver apercebido desde o início, de ser clara e consistente a sua previsão do que Hitler significava e, finalmente, de, desde 1937, haver incessantemente trabalhado para preparar a opinião pública americana contra o totalitarismo, preparando-a também para a prova que chegou finalmente.

De 1939 em diante, tanto as suas obras materiais como morais se revestiram de inestimável importância. Sob o aspecto

material, foi espectacular a sua obra. Firmou-se o acôrdo sobre a cedência de contra-torpedeiros que, duma vez, fortaleceu a Grã-Bretanha, na sua heróica luta contra as nazis, e a América, na sua defesa própria. Iniciou-se o programa de empréstimo e arrendamento, mercê do qual a América se transformou no verdadeiro arsenal da democracia, e que pode ser talvez considerado como a reviravolta decisiva da guerra. Adquiriram-se bases na Groenlândia e na Islândia e foi demandada a ordem de «disparar à vista» contra submarinos alemães. Registou-se o desenvolvimento de um vasto e maravilhosamente elaborado programa de mobilização industrial — construção naval, fabrico de munições, produção de aviões. Sem todos estes factores, pode-se afirmar que a guerra teria sido perdida.

A obra moral será talvez mais bem apreciada pelas futuras gerações do que pela nossa. Tal como Wilson, Roosevelt colocava e mantinha tódas as suas medidas sobre um plano moral. Sem a eloquência de Wilson, Roosevelt tinha fundamentalmente a mesma filosofia — uma filosofia estruturalmente religiosa e moral. Roosevelt tornou claro que em tódas estas medidas se tratava mais de defesa própria, tarefa que alemães e japoneses relativamente lhe facilitaram. Numa mensagem de guerra que muito faz lembrar as de Wilson, declarava:

«O nosso verdadeiro objectivo encontra-se muito acima e além do simples campo de batalha. Quando recorrermos à força, e devemos agora fazê-lo, estamos decididos a que se dirija não só à aquisição do bem supremo, como também contra o mal imediato. Nós, americanos, não somos destrutivos, somos construtivos

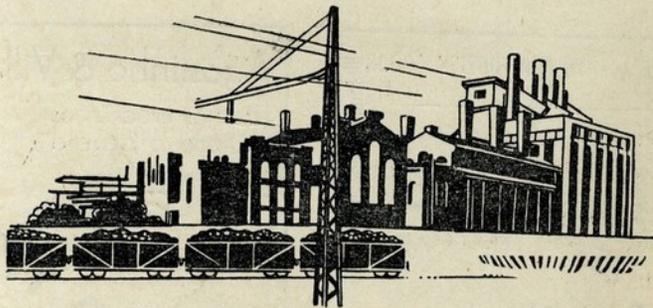
E nas horas sombrias dêste momento — bem como nas horas sombrias que estejam ainda por chegar — viremos a saber que todos os membros da raça humana se encontram do nosso lado. Muitos combates conosco. Todos eram por nós. Pois que, ao representarmos a nossa causa, representamos também a deles — a nossa esperança é a esperança deles: liberdade cam a ajuda de Deus.»

Quando a guerra, finalmente, chegou, a nação encontrava-se unida, unida como já mais estivera em nenhuma guerra anterior. Não se pode negar que esta guerra haja sido conduzida com eficiência e que, comparada com qualquer outra da nossa História e mesmo com a primeira Grande Guerra, esta haja mesmo constituido um milagre.

Entretanto, resta ainda uma observação quanto à política externa de Roosevelt, observação que se refere à sua compreensão dos problemas do futuro. Como Wilson, Roosevelt visionara a criação de uma organização internacional do após guerra, com poderes para manter a paz. Até agora, tem conseguido evitar

**A**cabou a guerra!

À medida que desapareçam as dificuldades que ela trouxe, o Gás e a Electricidade farão mais comodamente todos os trabalhos que o progresso tornou fáceis e agradáveis.



COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

Lisboa — 1945

muitos dos êrros que contribuíram para a derrota dos planos de Wilson. Em vez de se conservar afastado dos nossos aliados, com êles se associou, lançando assim as bases para um novo grupo de nações unidas. Em lugar de adiar os pormenores práticos da cooperação internacional, patrocinou a realização de numerosas conferências — auxilio, monetária, aviação, Dumbars-Oaks — tendo em mente a criação da maquinaria competente para a solução dos mais urgentes problemas. Longe de considerar a Rússia como uma ameaça activa, entusiásticamente, se lançou a cooperar com ela. Em vez de se manifestar antagonico ao Senado, chamou êste e o povo americano ao seio da sua confiança.

E, finalmente, o que dizer de Roosevelt «lul-mê-me»? Poderá parece ainda cêdo para se poder estabelecer a sua posição na nossa História, embora esta posição já se apresente em linhas bastante claras. O que não se pode negar, é que Roosevelt ocupa o seu lugar na grande tradição do liberalismo americano, ao lado de Jefferson, Jackson, Lincoln, Teodoro Roosevelt e Wilson. Havendo assumido a presidência num momento em que pareciam ameaçados os próprios fundamentos da República e em que o povo começava a descrever da possibilidade de poder a democracia constitucional resolver a crise, Roosevelt restabeleceu a confiança e demonstrou que a democracia tinha as mesmas possibilidades de agir com eficácia durante a crise, que qualquer Governo totalitário.

Sob a sua direcção, o povo americano superou a crise e as terríveis provações da guerra, e surgiu forte e respeitado, refrescada a sua fé na democracia e no triunfo final da justiça nos assuntos mundiais.

«O único baluarte seguro da perpétua liberdade», disse Roosevelt, «é um Governo com força bastante para proteger os interesses do povo, e um povo igualmente forte e bastante informado para manter o seu controle soberano sobre o Governo».

A administração de Roosevelt provou mais uma vez ser possível a existência de um Governo e de um povo nessas condições, e restituiu aos Estados Unidos a sua posição como a «esperança da raça humana».

Seja prático e económico

**viaje na**



Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4051 — no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

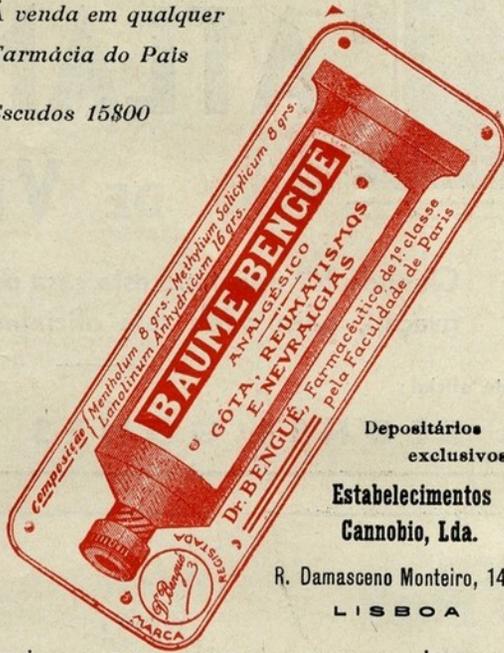
## UM MEDICAMENTO

QUE DEVE EXISTIR EM TODAS AS CASAS

À venda em qualquer

Farmácia do País

Escudos 15800



Deposítários exclusivos:

Estabelecimentos Cannobio, Lda.

R. Damasceno Monteiro, 142

LISBOA

ALÍVIO DE TODOS OS REUMÁTICOS

MELHORAS RÁPIDAS APÓS A PRIMEIRA FRICÇÃO

Camiseros  
especialistas  
desde 1910



Chemisier  
Specialiste  
depuis 1910

Lisboa RUA AUREA

**Para retomar contacto  
com o mundo filatélico**

está em preparação mais um número da publicação da nossa Casa

**“O SELO”**

Será duma tiragem considerável, ricamente ilustrada, por ser destinada a enviar para para todos os pontos do Mundo

Se V. Ex.<sup>a</sup> não figura no nosso ficheiro, faça o seu pedido.

**A. MOLDER**

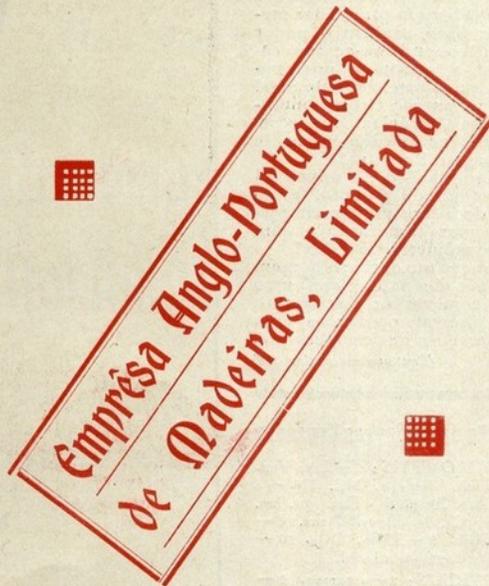
R. 1.º de Dezembro, 101, 3.º

Telefone 2 1514

LISBOA

EXPORTADORES DE:

Tóros para minas - Postes telegráficos e telefónicos - Madeiras para construção - Travessas para caminhos de ferro - Caixas para embalagem



Sede em Lisboa - Portugal — Rua de S. Julião, 190, 1.º

Telefones 2 2202 - 2 3779

Telegramas “MADEIRAS”

## De Dunquerque a Berlim

(Continuação da página 100)

natureza só raramente são divulgadas e, mesmo quando o são, nenhum nome em especial é mencionado. O trabalho preparatório e experimental, para operações de tal magnitude, é o conjunto de muitos e brilhantes esforços individuais, dispersos aqui e ali mas convergindo todos ao mesmo fim.

Quanto a mim, não me interessam demasiado os homens que se encontram por detrás da cena, muito mais atenção me despertam os homens que se encontram entre eles e os acontecimentos. Recordo-me, por exemplo, duma ocasião em que me encontrava entre um grupo de oficiais e homens de ciência, que num terreno de experiências observavam a maneira como ardia um reduto ao qual havia sido lançado fogo. De repente, dentro o grupo, destacou-se um senhor de cabelos bastante grisalhos, trajando um fato bem amachucado e que, com a maior naturalidade, disse: «Vou vêr qual é a temperatura dentro do reducto». E, dito isto e sem fazer o menor caso das chamas desapareceu lá dentro como um Mifetófeles numa cena de prestidigitação! Os que presenciaram o caso não escondiam a sua inquietação, embora um dos assistentes nos tranquilizasse dizendo que já «o tinha visto praticar uma proeza análoga», ao que um outro replicou: «Mesmo assim, não devíamos ter permitido a um homem daquela idade correr tais riscos, tanto mais que não está bem de saúde». Ainda ontem saí do Hospital, acrescentei, eu. Resultado duma experiência com um novo combustível. O nosso amigo deitou fogo a um pequeno lago de combustível, cobrindo aí umas vinte jardas quadradas e não esteve lá com meas medidas: para ajuizar o poder calorífico, enrolou-se num cobertor e atirou-se positivamente para o meio das chamas! Ao que parece tirou conclusões satisfatórias da experiência mas que lhe custaram ir parar ao Hospital!

E agora, ei-lo de novo, «lá vem saindo do reducto, transpirando e soprando, meio torrado, mas triunfante e com um termómetro na mão»!

Conheço um outro; o homem com pés de pato. Este outro dizia com razão: «está muito bem planejar operações com embarcações de descombarque,

(Continua na página 108)

### Solução das Palavras Cruzadas

**HORIZONTAIS:** 1 — Eis. Veu. 2 — Novas. 3 — Ao. Mil. Há. — 4 Tom. Ato. Burg. 5 — Usa. Sor. Ira. 6 — Ré. Cr. 7 — Aves. Ache. 8 — Vele. Baín. 9 — Além. Orla. 10 — Tver. Anil. 11 — Aníodol.

**VERTICAIS:** 1 — Aturava. 2 — ROOSEVELT. 3 — Má. Eleva. 4 — In. Semen. 5 — Somas. Ri. 6 — VI-TÓRIA. 7 — Valor. Ad. 8 — És. Abono. 9 — Bi. Caril. 10 — CHUR-CHILL. 11 — Agarena.



# CASA ATLANTICA DE VIAGENS

Quando fôr oportuno esta casa promoverá a emigração, para onde seja oficialmente autorizada

Agente oficial:

**LEONEL GOMES COELHO**

Altere os seus pneus, incluindo o sobressolente, de 3 em 3 mil quilómetros

Inspeccione os seus pneus de 3 em 3 mil quilómetros

Verifique a pressão do ar todas as semanas.

Verifique os travões e o alinhamento das rodas de 3 em 3 mil quilómetros

Verifique o equilíbrio das rodas de 3 em 3 mil quilómetros

## SALVE

### A VIDA DOS SEUS PNEUS

O abuso mata os pneus mais depressa que o uso. Siga estas 5 regras simples e conseguirá dos seus pneus 30% mais de duração. E, conduzindo mais devagar, conseguirá ainda mais quilómetros de viagem.



Distribuidores Gerais:  
Arco Portuguesa, Limitada  
Rua Rodrigues Sampaio, 134  
LISBOA

## A alma de Paris

(Continuação da pagina 55)

quanto grita, olhando o céu maravilhoso da Ilha de França, a injustiça atroz do momento que passa, o domínio intolerável que não finda! O que é feito de Paris? Será esta a nossa cidade, a cidade dos entusiasmos, da luz das revolas, — esta capital exangue, embohecada e brilhante como uma múmia?

Não! Só pensá-lo é uma blasfêmia!

... Uma manhã de 1944, na avenida de Saint-Michel, não longe da ponte que leva ao Palácio da Justiça. Nenhum carro. Sim. Dois carros celulares rodam lentamente a caminho do Palácio, flanqueados por um carro de guardas armados. Nenhum transeunte. Nenhum ruído. Nenhuma voz.

De repente — ah! de repente — a praça onde os carros chegam antes de entrarem na ponte, a praça e a avenida ecoam uma canção, animam-se, povoam-se literalmente da canção lançada por cantores invisíveis.

*Aux armes! Citoyens!  
Formez vos bataillons.*

A Marselhesa. Onde está? Onde parte? Forte, repetida, vem dos carros celulares.

Os transeuntes aparecem e param. Olhamos uns para os outros, conhecemo-nos todos, neste momento. E sentimos que um mesmo soluço de raiva nos embarga a voz.

Os carros rodam.

*Marchons, marchons!  
Qu'un sanglant impur...*

No carro envidraçado, vêm-se os guardas que fingem olhar para longe. Alguém, perto de nós, diz:

— Todos os dias se ouve isto. Gaulistas, revolucionários. Prenderam muitos, nestes últimos dias.

Outro esclarece:

«Éstes, pela voz (sic), devem ser, sobretudo, operários.

Ao longe, caminho da Prefeitura, a canção extingue-se.

*Contre nous de la tyrannie...*

E isto é, por detrás do Paris traidor ou corteção, o Paris profundo, o Paris resistente, gaulista, operário. É o mundo clandestino e ardente da Resistência, onde se encontrava tudo o que é a alma e o corpo de Paris, do grande sábio ao simples proletário.

Ora, esta evocação, entre mil, do Paris verdadeiro que lutou, das vozes de operários cativos cantando a Marselhesa — tem, para nós, franceses, um valor que não é apenas patético, que é exemplar.

Operários, como franceses de todas as camadas sociais, morrem hoje, gritando: Viva a França!

Esses operários que resistiram ao ocupante, nas greves, nos maquis, nos grupos de franco-atiradores, na prisão, recordam e cantam a Marselhesa. Cantam-na como patriotas. Quem se atreveria a negá-lo?

Não será que, a despeito dos seus eclipses, os seus desfalecimentos, os seus erros, os trabalhadores destinam-se, pela sua missão, a tomar par-



## Pesca Desportiva

Para qualquer modalidade, artigos das melhores procedências

Agentes e Distribuidores Exclusivos dos afamados fabricantes:

ASHAWAY - FARLOW - PENN  
PRODUTOS TA-PAT-CO  
SHAKESPEARE - WEBER

Secção da:

Sociedade Oceânica Portuguesa, Ltd.

P. dos Restauradores, 72-2.º

LISBOA

Tele { fone 2 5750  
gramas: SOPOL

## Seja prático e económico

viage na

# C. P.

INFORM.: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Tel. 24031 no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1722

tido pelas grandes causas humanas, pela razão?

A razão, hoje, é a luta da França pela sua liberdade.

Como a razão é, também, é sempre, é mais do que nunca a luta pela libertação do homem.

JEAN MARTIN

# CITROËN

Vem agradecer aos seus estimados clientes as provas de confiança e amizade testemunhadas durante toda a guerra

## O "Serviço Citroën"

assegurado embora com dificuldade desde 1940, tornar-se-á em breve tão perfeito como antes de 1939, pois as fábricas de Paris retomaram a sua laboração acabando de chegar a Portugal uma primeira importante remessa de Peças e Acessórios

A U T O M Ó V E I S

# CITROËN

9. Avenida Praia da Vitória  
LISBOA

# A Inglaterra e Portugal

Nas sensacionais

## "Memórias do General Norton de Matos"

Quatro volumes já publicados

Editora Marítimo-Colonial, Lda.

Rua do Comércio, 8 — LISBOA

# Companhia de Produtos Resinosos

S. A. R. L.

Manuel Henriques Júnior

Sede: POMBAL

Delegação: PRAÇA D. JOÃO DA CAMARA, 4, 3.º-D. — LISBOA

End. Teleg. «RESINAS» — LISBOA

## Exportação de Pez e Agua-Raz

*Uma das maiores e mais importantes organizações  
na indústria e comércio dos resinosos portugueses*



*Fábricas nas principais  
zonas de pinhal do país*

## O teatro de guerra no Pacífico

A distância entre as bases avançadas americanas e Tóquio, no Pacífico, diminuiu durante o último ano para uma terça parte. A 7.ª Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, que se encontrava a 6.414 quilómetros de Tóquio, em Janeiro de 1944 estava a 2.344 ao terminar o ano.

Dezenas de milhares de inimigos estão sendo virtualmente colocados em completo isolamento nas ilhas oceânicas que ligam as Marshalls, as Marianas e as Carolinas.

Densos assaltos aéreos a bases inimigas nas Carolinas, Kusaie, Ponape, Puluwat, Woleai, Yap, Pingeolap — foram bombardeadas e tornadas impotentes. As de Bonin, Chichi Jima e Haha Jima estão agora sob o mesmo sistemático bombardeamento. As ilhas Wake e Marcus já não são uma ameaça. No sul e no sudoeste do Pacífico, as Forças Aéreas empregaram o processo de eliminação, neutralização e isolamento das forças inimigas, cortando as linhas do abastecimento japonesas e cooperando nos ataques com as tropas de terra ou anfíbias.

Dos ataques realizados pela 13.ª Força Aérea do Exército dos Estados Unidos contra Rabaul e do assalto da 15.ª Força Aérea a Wewak resultou ficar apenas a Hollandia como a maior base aérea inimiga no oriente e nordeste da Nova Guiné. Em cada base flanqueada ou abandonada os japoneses deixaram ficar atrás de si as suas melhores tripulações, de combate, pessoal de terra, esquadilhas e comandos, os quais nunca puderam substituir.

## Lotaria Nacional

**Muito Feliz é quem gosta  
Jogar na Casa Costa.**

Lisboa

75, Rua de S. Paulo, 77

**BROOKLAX**  
CHOCOLATE LAXATIVO

Produto inglês. O melhor regulador  
da prisão de ventre

Venda para 77 países

Produção diária 1.440.000 pastilhas!

Laboratório preparador:  
**Westminster Laboratories, Ltd.**

Depositiários exclusivos:

**RAUL VIEIRA, L.ª**  
Rua da Prata, 51, 3.º — LISBOA

## OFICINAS DE OURIVESARIA

Ouro, Pratas e Filigranas

— Casa fundada em 1890 —

**Domingos  
Martins  
Ferreira  
& Filhos**

Rosas de Portugal-reg.

Tel | 32 Gondomar  
Rosasportugal  
Vila de Gondomar

Sempre em stock grande  
variedade em artigos de  
Ourivesaria — Especiali-  
dade em filigranas — Ex-  
portação para as Colóni-  
as e Estrangeiro

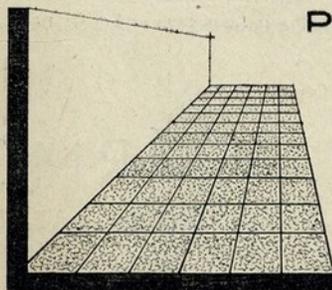
**Vendas só por junto**

**Seja prático e económico  
viaje na C. P.**

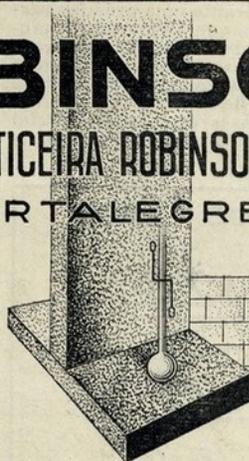
# ROBINSON

## SOCIEDADE CORTICEIRA ROBINSON BROS, LDA.

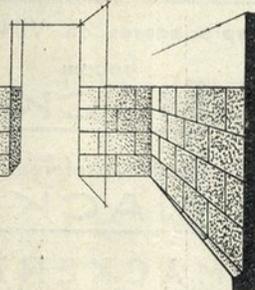
PORTALEGRE



PAVIMENTOS



ISOLAMENTO



LAMBRINS

AGENTES: **AZEVEDO & PESSI, LDA.**  
RUA NOVA DO ALMADA, 46 - TELEF. 29879-24495  
**LISBOA**

# DE DUNQUERQUE A BERLIM

(Continuação da pág. 104)

mas quando um dia chega a ocasião de as realizar há que lembrar que milhares de soldados se têm que atirar ao mar e que há muitas outras maneiras de morrer sem ser afogados. Por consequência, dedicou a sua veia inventiva, estudando o método pelo qual transformaria o uniforme de combate em fato salva-vidas, de sorte que em vez daquele que o enverga ser atraído para o fundo do mar, pelo contrário, flutuasse sem esforço à superfície. O primeiro passo era pois experimentar praticamente a sua invenção. Foi num frigidíssimo dia de Janeiro que o nosso inventor, envergando um dos tais uniformes, e equipado em ordem de marcha, se deitou às águas frias dum lago e a nado ganhou a margem, para ali, durante mais de meia hora, discutir, de pé, com os peritos, o resultado da dita e, para mais uma vez se atirar à água a repetir a experiência. Porém, ainda não satisfeito, uns meses antes do dia «D», fez-se transportar a uma milha e meia da costa do Canal da Mancha e atirou-se à água com espingarda, capacete de ferro e tudo mais, nadando em direcção à terra. Uma vez chegado à praia quiz certificar-se da maneira como o uniforme molhado afectaria a pele, após uma marcha; e dito isto, «marchou umas dez milhas», para ver como se sentia! Este persistente experimentador era uma alma simples que pouco ou nada se preocupava com a sua própria saúde. Tornou-se particularmente estimado entre os soldados americanos que muito apropriadamente lhe puzeram a alcunha de «Pato».

Em contraste com esta experiência, cuja técnica consistiu em «experimentar e ver como funciona», consideremos uma outra, da qual resultou aquêle híbrido engenho — «meio tanque, meio ceifeiras», que fustiga o terreno com umas correntes de ferro impulsionadas num movimento rotativo, com o fim de rebentar as minas explosivas. Os problemas que a concepção desta máquina apresentaram foram os mais intrincados no domínio das matemáticas, mecânica, resistência de materiais, explosivos etc. Com efeito, resolvido o problema do funcionamento do monstro, como é que se comportariam as correntes quando chicoteiam o terreno: ressaltarão, continuarão o seu movimento rotativo? Que esforços serão exigidos dos veios rotativos accionadores das correntes e quais as variações de potência a que os motores ficarão sujeitos? Estas e muitas outras foram perguntas a que os técnicos tiveram que dar resposta.

Tais problemas foram, com efeito, estudados por uma pleiade de professores de matemática, na atmosfera de quietude dos seus gabinetes de trabalho rodeados de fôlhas de papel cobertas daquilo que para os profanos na matéria julgarão que se trata de hieroglíficos, mas que afinal são fórmulas e símbolos matemáticos, incompreensíveis para muitos e ilegíveis para quasi todos. Tal é o aspecto dum dos tais gabinetes de trabalho à retaguarda. Não imaginemos porém que este invento, tal como muitos outros é unicamente o produto de intenso labor científico. Para ser depois entregue como um joguete, aos soldados.

Recordo-me, duma célebre tarde, perante uma grande assistência de técnicos da especialidade, quando formações de tanques se exercitavam passando através de tremendas barragens de fôgo real, «para vêr o que accetia» — não só aos tanques como às respectivas guarnições! Num outro exercicio, fazia-se fogo contra trincheiras, onde, em vez de homens, estavam bonecos de madeira. No final de um desses exercicios o oficial encarregado do tiro reportava solenemente aos sus superiores

## ¡Nervosos! ¡Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produziram um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo



Os desgostos familiares são muitas vezes resultantes do desequilíbrio dos nervos



Os ruídos, sempre molestos, tornam-se insuportáveis quando os nervos estão alterados



A enfermidade, o cansaço ou o abate podem vencer-se alimentando intensamente o sistema nervoso



Quando os nervos estão irritados a mínima questão resolve-se com violência

Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero



O homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalecimentos



As preocupações e desgostos alteram o sistema nervoso provocando insónia



Quem tem sido forte não pode nem deve condenar os seus músculos a uma permanente inactividade

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

# Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

que entre os bonecos tinha havido «X» mortos, «Y» feridos e um desaparecido. Até agora, continuou, não sabemos o que lhe sucedeu, mas se o caso merece ser investigado a fundo, suspeito que tenha sido raptado, antes do começo do exercicio, por alguém que necessitava de lenha para queimar. Para se avaliar o efeito do ruído das explosões, na eficiência dos soldados na linha de batalha, fizêram-se exercicios apropriados que consistiam em fazer rebentar, durante horas seguidas, fortes cargas explosivas, na proximidade de soldados, que, para tal efeito, se ofereciam, metidos em trincheiras atacadadas de lama. Logo que cessava essa barragem de ensaio, os soldados eram chamados a executar diversas ordens, tais como proceder a um avanço para uma nova linha de fogo, atirar sobre determinados objec-

(Continua na página 120)

Os apreciadores de VINHO DO PORTO bebem

## MACKENZIE

Os debilitados preferem o QUINADO

## MACKENZIE

### MACKENZIE & C.º

Rua Serpa Pinto, 41  
VILA NOVA DE GAIA  
(PORTUGAL)

Representante

José Ferreira Lobo  
Rua da Madalena, 66, s/l.  
Telefone 23769 / LISBOA

Agentes no norte do país.

Mc. Crorie & Cruz, L.da  
R. Infante D. Henrique, 73-1.º  
PORTO

FAÇA UMA INSTALAÇÃO MODERNA NA SUA CASA DE BANHO

Consulte a casa

## MÁRMORES

SOUSA BAPTISTA, L.ª

Mármore polidos, cantarias, fogões, celadeiras modernas e outros artigos

Louças sanitárias, instalações completas e grande sortimento de artigos de menage

Praça do Município, 29-30 — Largo de S. Julião, 13

Tel. 27643-Telg: Soutista

LISBOA — (Portugal)

# As rendições incondicionais das tropas alemãs

(Continuação da página 72)

vinte e cinco anos, a Alemanha lançou a Europa na guerra. Das duas vezes a derrota coroou as suas tentativas insensatas.

As cidades do Reich foram vencidas uma a uma. Os seus portos não funcionarão e, durante muito tempo, a sua economia encontra-se arrasada.

A Alemanha vai ter o seu território ocupado por um período que os vencedores ainda não fixaram. Soldados ingleses, americanos, franceses e russos, patrulharão as ruas de Berlim e Francfort, de Munich e Colónia. Foi na capital do Reich que o marechal Keitel assinou o acto da rendição sem condições. A bandeira da cruz gamada foi substituída, nos raros edifícios públicos que ainda se conservavam de pé, pelo pavilhão dos vencedores. Esta derrota deve considerar-se sem precedentes. Hoje, a ocupação não é apenas uma consequência inelutável da derrota militar. É uma medida de precaução adoptada para impedir a reincidência em culpas que não sofrem contestação.

A segunda lição da guerra e da vitória diz respeito aos vencedores. Estes comprometeram-se, perante o mundo, não apenas a ganhar a guerra mas também a construir a paz. A primeira parte da sua tarefa pode considerar-se cabalmente executada. E' em nome dos sacrificios que a sua realização exigiu, sacrificios de vidas e haveres, sacrificios de sangue e interesses, que a segunda não deve deixar de ser igualmente realizada.

As Nações Unidas assumiram o compromisso de realizar uma paz de justiça e igualdade. Igualdade de direitos, com reciprocidade de deveres, para todos os povos, grandes e pequenos. Justiça no tratamento de todos, no plano internacional. Sem a satisfação dessas exigências fundamentais, não haverá segurança nem cooperação entre as diversas nações. A derrota do Reich nacional socialista significou o aniquilamento definitivo de todas as pretensões a uma dominação, clara ou disfarçada, sobre o resto do mundo. Realizado esse objectivo inicial é agora necessário a mística da paz e dar-lhe uma expressão concreta e adequada. É essa a missão principal de que os vencedores devem desempenhar-se ao mesmo tempo que, pela sua colaboração activa, devem procurar sarar, o mais rapidamente possível, as feridas que a guerra rasgou. Se o fizerem, terão merecido a vitória que os seus soldados tão gloriosamente souberam ganhar nos campos de batalha.

CARLOS FERRÃO



*Minha senhora*

**Cuide dos seus cabelos**

**e do seu rosto — por especialistas**

Sendo cliente do RENÉ

**COIFFURE**

**BEAUTÉ**

Trav. do Salitre 19-1.º (à Avenida da Liberdade)

Tel. 2 4743 — English Spoken

# Chegou a Paz!

e, com ela, chegarão em breve a Portugal as novas criações destes dois famosos produtos da grande organização americana **General Motors**:

**BUICK** o automóvel de reputação mundial

**FRIGIDAIRE** o frigorífico n.º 1 da América

Concessionários em Portugal:

**No Sul**

DINIZ M. D'ALMEIDA, L.ª

Aven. da Liberdade, 216 — Lisboa

**No Norte**

CUNHAS & ALMEIDA, L.ª

Aven. dos Aliados, 75 — Pôrto

# STETTEN & C. A. L. DA

Antiga casa especializada na exportação para as Colónias Portuguesas

Consignações de Produtos Coloniais

Representante de firmas nacionais e estrangeiras

Rua da Madalena, 119-2.º Esq.º

Teleg. STENCIA-LISBOA

Telef. 27219

# UMA FIGURA DA AMÉRICA



★ *A nobre e florescente república de São Domingos, cujo povo amante da liberdade, foi dos primeiros a enfileirar-se ao lado das Nações Unidas, encontrou no generalíssimo dr. Rafael Leonidas Trujillo Molina, um chefe de estado de incontestáveis méritos. Não é sem motivo que, com orgulho e admiração, os seus compatriotas lhe deram o título de benfator da pátria. São Domingos deve-lhe uma notável e sábia orientação política, que continua as grandes e mais puras tradições da jovem e progressiva nação*

Em 7 dias apenas  
**Esta Mudança**  
**Surpreendente!**



*Inacreditável  
diz V. Exa.*  
**EXPERIMENTE-O  
PESSOALMENTE**



Numa semana apenas! Milhares de senhoras maravilhadas, livraram-se das suas rugas — rejuvenesceram muitos anos. Restitua à pele o próprio e precioso elemento natural de mocidade — o Biocel — e a pele tornar-se-á rapidamente fresca e jovem. O «Biocel» é a descoberta surpreendente do Professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena. O creme Tokalon, Côr de Rosa, contem-o presentemente. Aplicado tôdas as noites antes do deitar, alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. De dia empregue o Creme Tokalon, côr branca. Dissolve os pontos negros, aperta os poros dilatados e, em alguns dias, torna branca, macia e aveludada a pele mais escura e mais áspera.

A' venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

COMPRA, VENDE E  
TROCA DE TODA A  
CLASSE DE JÓIAS  
RELÓGIOS DAS  
MELHORES MARCAS

**BARBOSA, ESTEVES & C.<sup>A</sup>**  
OURIVES-JOALHEIROS

SÉDE  
293, RUA DA PRATA, 295  
TELEFONE 21728

TRANSFORMAM-SE  
JÓIAS COM DESENHOS  
E ORÇAMENTOS EM  
OFICINAS PRÓPRIAS

# ENTRAM OS BLINDADOS FRANCESES EM LYON LIBERTADA



na laboriosa cidade  
que viu nascer a in-  
dústria mecânica  
dasêda e o cinema-  
tôgrafo, fabrica-se o

P  
E  
T  
R  
Ó  
L  
E  
O



HAHN

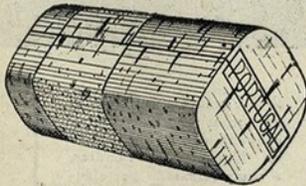
BEM CONHECIDO DO  
PÚBLICO PORTUGUÊS

Seja prático e económico

viaje na

## C. P.

Informações: — em tôdas as  
estações da C. P. — em Lisboa:  
— no Serv. do Tráfego — Telef.  
2 4031 — no Pôrto: — na estação  
de S. Bento — Telef. 1 732



### PERSIO, L.<sup>DA</sup>

Fabricantes e Exportadores de Cortiça

Cortiça em prancha, Quadras, Discos

**ROLHAS**

«Champagne», de 1 e 2 peças

**ROLHAS**

de farmácia

**Batoques**

para casco, etc.

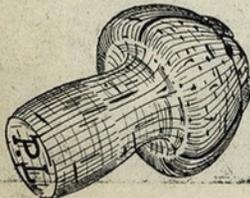
Executam todas as encomendas com a  
maior rapidez e perfeição

ENVIAM-SE AMOSTRAS

Praça David Leandro da Silva, 288-1.º-D.

Telefone P. B. X. 38 - 256

LISBOA.PORTUGAL



Não deixe de ler

## O ATREVIDO

O livro de Redondo Júnior  
que põe tudo e todos a  
ridículo

## PH'EYSEY'S GINS

UMA MARCA DE CONFIANÇA

GIN SUPERIOR N.º 1  
PINK GIN



Distribuidores:

No Sul — A. L. SIMÕES, LDA.

Rua das Flores, 22

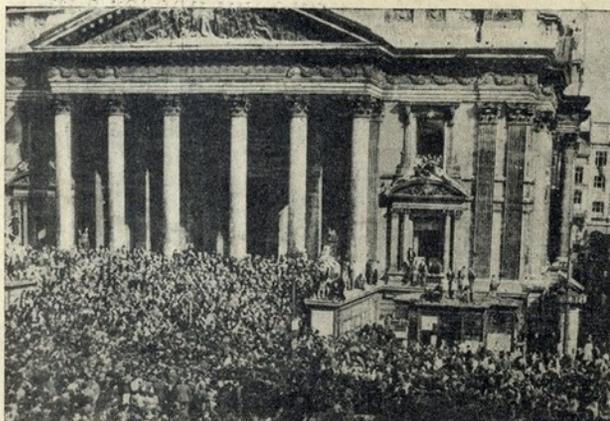
LISBOA

No Norte e Centro — NAGÊ, LIMITADA

Praça da Batalha, 90, 2.º

PORTO

# NAÇÕES UNIDAS



## BELGICA

### IUGO- ESLAVIA

A entrada das tropas inglesas na Bélgica foi uma verdadeira apoteose. O povo em massa aplaude, entusiasticamente Montgomery, o general vitorioso que, num golpe rápido de audácia, conseguiu libertar, numa campanha modelar como, como estratégica, aquele valeroso país



Não foram só os soldados iugoslavos, entricheirados nas montanhas, depois já um exército batendo-se em campo aberto, que lutaram contra os alemães. Foram também as mulheres — belas e decididas que fizeram fogo contra o inimigo.

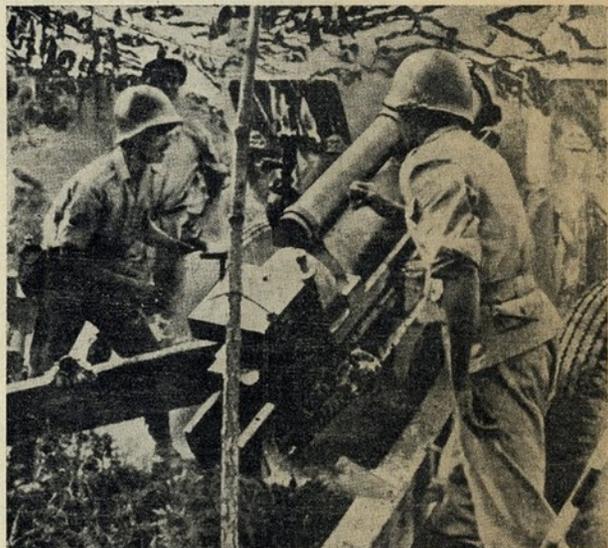
O corpo expedicionário brasileiro bateu-se, com galhardia, na frente italiana. Uma bateria fazendo fogo sobre a linha gótica, que pouco depois era ultrapassada num avanço brilhante de 16 quilômetros

## NORUEGA



A Noruega foi um dos países que mais tempo esteve ocupado pelos alemães. O rei Haakon, em Londres, é cumprimentado por algumas compatriotas envergando trajes nacionais

## BRÁSIL



## Truman contra o Japão

(Continuação da página 69)

conflito, e ali se guindou ao posto de capitão de artilharia de campanha, encontrando-se na frente à data do armistício.

Terminada a guerra, Truman entregou-se ao estudo do Direito, após o qual serviu como magistrado. Continuou a servir o público durante toda a década de 1920 e os primeiros anos de 1930, até que em 1934, foi eleito para o Senado dos Estados Unidos. Como prêmio dos seus brilhantes serviços, alcançou maior apoio entre a gente do Missouri e, em 1940, foi escolhido para outro período de seis anos no Senado.

Durante esse período, Truman alcançou celebridade nacional como presidente da comissão especial do Senado criada para fiscalizar o dispêndio de fundos destinados à produção de material de guerra. No decorrer dos seus trabalhos, Truman teve a seu crédito a economia de milhões de dólares, evitando despesas supérfluas e a ineficiência nas indústrias de guerra.

Nas eleições nacionais de 1944, foi escolhido pelo Partido Democrático para candidato à Vice-presidência ao lado de Roosevelt. Após a eleição, Truman apenas serviu alguns meses no seu novo cargo, pois a morte de Roosevelt elevou-o à presidência, de acordo com as prescrições da Constituição dos Estados Unidos.

Quando Truman assumiu a presidência, um jornal de Nova York publicou o seguinte comentário sobre a obra que realizou no Senado:

«O conjunto de deliberações do Presidente Harry S. Truman, postas à prova pela consciência da crise mundial e pelo interesse para a causa do liberalismo no país, atinge um bom nível.

«Durante todo o tempo, desde que, em 1935, votou no Senado pela participação dos Estados Unidos no Tribunal Mundial, a sua posição no campo das relações externas

e da política internacional manteve-se firme do lado da luta contra o fascismo.»

De maneiras brandas, o Presidente Truman é um homem de estatura mediana, cabelos grisalhos e óculos de aros de tartaruga. Calmo e gentil sem deixar de ser enérgico, conseguiu sempre conquistar o apoio e a amizade de pessoas de partidos políticos contrários.

Truman é casado e tem uma filha, Beth Wallace, sua esposa, foi sua namorada de infância e colega de escola em Missouri. Sua filha conta hoje 19 anos e é estudante universitária em Washington.

A mãe do presidente ainda vive em Missouri, com a bonita idade de 92 anos. Recorda a infância de seu filho e, não há muito tempo, declarou:

«Aquele rapaz conseguia lavar a mais direita carreira de trigo de forma a não deixar um só bocado de terra à vista em toda a seara. Era um autêntico lavrador e podia fazer tudo o que lhe era dado fazer — apenas melhor do que ninguém.

## BELSEN

(Continuação da página 75)

cas com capacidade para trinta pessoas, havia, em muitos casos, mais de 500, tornando-se impossível calcular o número de mortos que jaziam entre elas. Os doentes, demasiado enfraquecidos para poderem retirar os cadáveres, deixavam-nos ali ficar. Houve casos de morte por asfixia devido à fraqueza em que os prisioneiros se encontravam para poderem mover-se. A despeito de todos estes horrores, os guardas S. S., incluindo o comandante, continuavam a dirigir o campo; agora, os homens das S. S. — os super-homens, como a si próprios se intitulam — são forçados a transportar e a enterrar, aos milhares, os desgraçados civis, lentamente torturados até à morte, apenas, em grande parte, pelo crime de serem judeus.

## PRODUTOS SUECOS DA MAIS ALTA QUALIDADE



**HUSOVARNA**  
1689 SUECIA 1945  
256 ANOS  
DE EXISTÊNCIA ATESTAM A ÓTIMA  
QUALIDADE DOS SEUS PRODUTOS

**CUTELARIA**

**VIKING**

**SERRAS**

**KEYS**

**MANGAS DE INCANDESCÊNCIA**

**W.R.**

**ACESSÓRIOS PARA TUBOS**

**CADEADOS**

**INOXIDÁVEL**

**MACARICOS**

**FOGAREIROS**

**BOCAIS**

**LANTERNAS**

REPRESENTANTE EM PORTUGAL

**C. G. HULTIN**

DISTRIBUIDORES NO NORTE:  
GUNNAR & COMP. A. LIMIT.ª  
RUA FORMOSA N.º 85

PORTO

DISTRIBUIDORES NO ALENTEJO:  
HULTIN & COMP. A. LIMIT.ª  
RUA ROMÃO RAMALHO N.º 1

EVORA

APARTADO 35  
TEL. 25269 LISBOA

DISTRIBUIDORES NO CENTRO:  
JOSE CARLOS DE SA. LIMIT.ª  
RUA DA SOFIA N.º 120-124

COIMBRA

DISTRIBUIDORES NO ALGARVE:  
ROSA PINTO & COMP. A. LIMIT.ª  
RUA TENENTE VALADIM N.º 32

FARO

VIAJE NA  
**C.P.**

Com **NIVEA**  
ao ar e ao sol!

As crianças antes de se exporem ao sol no praia devem ser cuidadas com Creme Nivea ou Oleo Nivea. Friccionando o corpo em seco com Nivea a pele adquire um tom moreno, fica macia e defendida das queimaduras de sol. Nivea produz efeitos refrescantes.



Preço desde 6800

Pestana, Branco & Fernandes, Lda.  
39, Rua Sapateiros, Lisboa



**ARME-SE**  
Com uma arma de confiança



Pistola automática de 8 tiros, calibre 6,35, de absoluta precisão e garantia

REPRESENTANTE EM PORTUGAL:

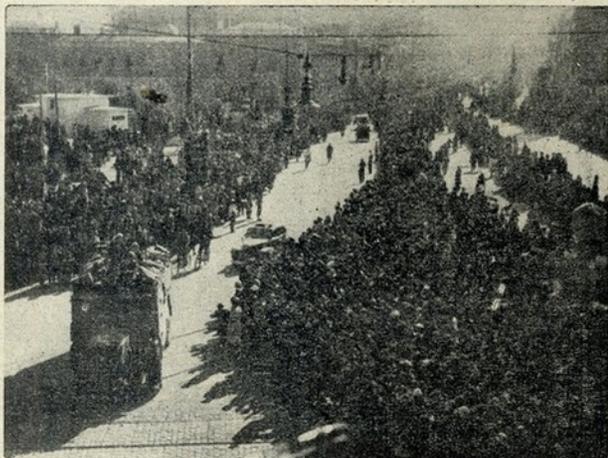
**A. M. SILVA**

Rua da Betesga, n.º 67 — LISBOA

Telefone P. B. X. 2 5424

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA

# A DINAMARCA LIBERTADA



## A. C. Cardoso

REPARAÇÕES E RE-  
CONSTRUÇÕES DE  
MÁQUINAS FICANDO  
COMO NOVAS GA-  
RANTIDAS POR  
DOIS ANOS —

**Compra, vende  
e troca**

Rua António Pedro,  
24, 1.º D.

TELEFONE 5 2458



Copenhague recebeu en-  
tusiasticamente as fôrças  
inglesas. Os habitantes  
fizeram ao marechal  
Montgomery, uma verda-  
deira apoteose



**Gravatas seleccionadas  
Novidades para homem**



Concessionários das gravatas  
**ANTI-RUGAS**

produto inglês da Casa  
**“TOOTAL”**

Não deixe de ler *O livro de REONDO*  
**O ATREVIDO** *JÚNIOR que põe*  
tudo e todos a ridículo

## Sociedade de Adubos Reis, L.<sup>da</sup>

ROSSIO, N.º 102, 1.º P. B. X. 29321 - 22 - 23 - LISBOA

### ADUBOS

ORGANICOS

QUÍMICO-ORGANICOS

QUÍMICOS

Purgueira Cabrinha — Guanos e Farinhas de Peixe

### INSECTICIDAS “EIRAL”

Aprovados pelos Serviços Officiais

CALDAS OLEOSAS

ARSENIACAIS

CÚPRICAS, ETC.

para combater todos os insectos que atacam as culturas

Defende as

Vinhas — Batatais — Hortas

Pomares — Jardins — Árvores, etc.

### RAÇÕES PARA GADO

trituras e apropriados para o bom equilibrio de  
corne e produção

CASCA DE O.T.R.A. OSSOS PULVERIZADOS  
SANGUE SECO

### Drogas e Produtos Químicos

Entrega imediata de

Acido clorídrico — Acido oxálico — Ivalada de chumbo  
Inglês — Alvalada de zinco extra-leve — Amónia líquida  
30° e 22° Bé. Amónico anilro 100 % — Arseniatis  
— Bicbomato de Soda — Cloreto de cal inglês — Cloreto  
de cálcio sólido — Creolina inglesa «Pearson's» — Glicer-  
ina pura bi-distilada — Gelatina industrial e comestível  
— Grude do Pôrto e transparente — Hipoclorito de soda  
(para lexívia) — Linhaça moída — Iitargírio — Nattalina  
— Ráfia — Soda cáustica sólida e em palhetas — Soda  
Nacional Póvoa (potassa) — Sulfureto de sódio sólido e  
britado, etc., etc.

**Filiais: PÓRTO — Rua dos Clérigos, 44, 2.º — PAMPILHOSA DO BOTÃO**  
**Fábricas em: SACA VÉM — SETÚBAL — PORTO — PAMPILHOSA DO BOTÃO**

# SERENIDADE

*Renunciei, amor! Renunciar  
é quasi que morrer, sabe-lo bem.  
Matei o coração. Não sou ninguém.  
Fantasma do que fui... Podes rezar...*

*A Vida é luta. E eu não quis lutar.  
Lutar para quê? e como? e para quem?  
Meu corpo é fraco, pouca vida tem...  
Achei tolice e resolvi parar.*

*E vivo assim melhor. Serenamente  
encaro o dia de hoje. E' o presente  
que mais nos faz achar a Vida vã...*

*Hei-de esquecer o muito que te quis...  
E tu sem mim, vais ver, serás feliz...  
Que importa, pois, o dia de amanhã?*

VIRGINIA NUNO VILAR

# ALENTEJANOS



Portela Júnior, pintor vigoroso de tipos nacionais, tem neste quadro, agora exposto na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma das suas obras mais representativas

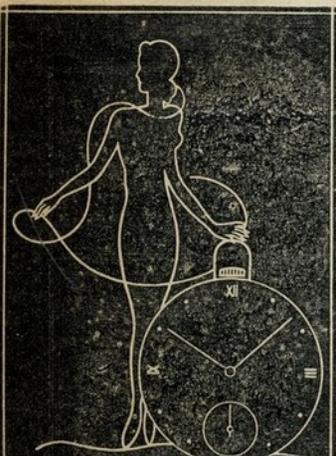
## Um momento!

Agora que em Londres se procede ao encerramento dos abrigos contra os ataques aéreos, o senhor C. R. Johns, secretário da Liga Nacional da Defesa Canina, está a tomar todas as providências para evitar sepultar vivos nos abrigos os cães e outros animais domésticos que, durante a guerra, se habituaram a frequentá-los.

Por isso todos os abrigos estão a ser revistos cuidadosamente, palmo a palmo — não vão os gatos e os cães, perdida a fé nos homens, declarar guerra uns aos outros.

Seja prático e económico  
viaje na

**C. P.**



**TITUS**

*Elegância e Qualidade*

## CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

O nosso prezado colega a «Gazeta de Cantanhede», um dos órgãos mais brilhantes da Imprensa regional, transcreveu o artigo do nosso Director, «Campos de Concentração», gentileza que muito agradecemos.

## EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, S. A. R. L.

TRANSPORTES NACIONAIS

*Serviço ao domicílio combinado  
com as Empresas Ferroviárias*

TRANSPORTES INTERNACIONAIS

Rua do Arsenal, 124

Telefone 26391/95

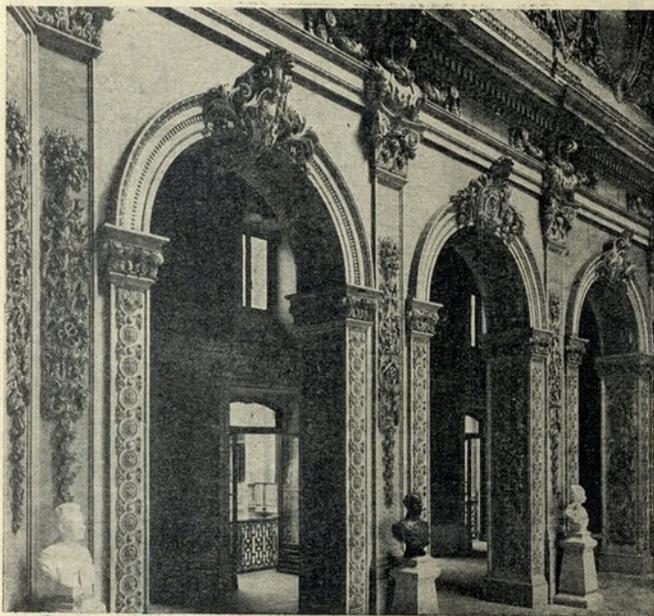
LISBOA

Rua Mousinho da Silveira

Telefone 5938/9

PORTO

# Comércio e Indústria no Pôrto



Um aspecto do sumptuoso edificio

# Associação Industrial Portuense

Constituindo a região nortenha o mais importante centro industrial do País sobejamente se explica o progressivo desenvolvimento das corporações que orientam as várias modalidades à frente das quais se destaca a ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE, o mais firme baluarte das legítimas aspirações das indústrias nortenhas, exemplo frizante de quanto pode e vale uma acção persistente e inteligentemente orientada.

Ainda recentemente se realizou na sua séde uma interessante sessão comemorativa do seu 96.º aniversário a que assistiram o Senhor engenheiro Albano Sarmento, illustre Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria, os Senhores Drs. João de Almeida e João Cerveira Pinto, em representação, respectivamente, dos Senhores Ministro da Educação Nacional e Sub-Secretário de Estado das Corporações e Providência Social e as autoridades locais. Esta solenidade que representou uma verdadeira homenagem à inteligência e ao trabalho teve a abrilhantá-la uma preleção do seu illustre Presidente, o Senhor engenheiro Mário Borges, versando os vários problemas que se prendem com o ensino técnico sob os aspectos social e económico. Porque aumentam as massas populacionais, disse, são cada vez maiores as naturais exigências tendendo a uma melhor interpretação do principio de equidade, restando-nos por isso considerar e aceitar como boa e necessária a labuta, defendendo a grei dentro de moldes propícios à manutenção dos costumes tradicionais, das suas crenças religiosas e do desenvolvimento e aperfeiçoamento de todos os bens materiais, bem resolvidos, transformados e utilizados pelas próprias populações.

O Senhor engenheiro Mário Borges terminou por afirmar que para uma obra de tanto fôlego se necessita da colaboração de todos e por isso, sempre que se festeja este aniversário, se procura avivar o espirito desta iniciativa, recordando assim, através dos tempos, quanto animos essa idéia de recompensa justa do trabalho e do estudo.

Foram em seguida distribuidos prémios monetários da ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE, do industrial DELFIM FERREIRA, da I. N. A. C. INDÚSTRIA NACIONAL DE PRODUTOS QUÍMICOS, L.D.A, do industrial MANUEL PINTO DE AZEVEDO, da C. I. F. COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDAÇÃO do industrial ANTONIO MARIA LOPES, de INACIO ALBERTO DE SOUSA, havendo inscritos outros prémios a distribuir no ano próximo, da FABRICA DE SEDAS «NOGUEIRA», da FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DO JACINTO, LDA., de GUILHERME GRAHAM JR. & C.ª e da

## Associação Comercial do Pôrto

Em 1834 fundou-se a Associação Comercial do Porto e no mesmo ano lhe foi outorgado o seu estatuto ou regimento sancionado pela Rainha D. Maria II que manifestamente quis distinguir esta Colectividade pois que os aprovou antes de qualquer outro.

No entanto existia já como sua precursora, a Junta, com séde na rua do Inglês em que se reuniam os negociantes da cidade afim de se occuparem dos assuntos que lhes interessavam e de ultimarem importantes transacções.

A iniciativa que levou os comerciantes portuenses a fundar a sua nova organização em que se inscreveram os sócios daquela e muitos outros negociantes de real importância, deveu-se em grande parte ao eminente jurista José Ferreira Borges que se pode considerar o grande impulsor desta Colectividade que tão grande influencia devia exercer na vida económica de todo o norte do país.

Foi o seu primeiro Presidente Arnaldo Vanzeler a quem a Associação ficou devendo a sua prestigiosa situação por ter encetado uma notabilíssima obra económica e social, trilho que foi constantemente seguido por todos os que lhe sucederam na Presidência.

Fomentou esta prestante Colectividade o comércio e a indústria organizando estabelecimentos bancários, Companhias de Navegação e Seguros, empresas de mineração e tonelagem, promoveu ainda vários trabalhos de alcance económico que então representavam a solução de ingentes necessidades para a capital do Norte e que em muito contribuíram para o seu progressivo desenvolvimento.

A Associação Comercial do Porto se deveu, entre muitas outras iniciativas, a criação em 1835 do primeiro telégrafo marítimo comercial, as obras da barra do Douro, a construção do porto de Eixóes e os postos Semoforico, de Socorros a Naufragos e de Desinfecção. Estiveram ainda a seu cargo, por largo tempo a legislação e propaganda do Vinho do Porto e ainda recentemente interveio eficazmente no Movimento Pró-Colónias a que se deve a grande Exposição Colonial de 1934.

Foi também benéfica a sua influencia na urbanização citadina contribuindo com as ruas Ferreira Borges Nova de Alfandega até à Praça do Infante D. Henrique. Sob o aspecto cultural não foi menos importante a sua acção tendo criado em 1857 um curso de Economia Prática e em 1895 a Escola Elementar do Comércio, hoje Escola Comercial Oliveira Martins, além de ter auxiliado a fundação de outros estabelecimentos e instituído alguns prémios escolares.

O seu lustre prestigioso conquistado à custa de tantos esforços em favor da economia, não já da cidade do Porto, mas de todo o País, tem-lhe valido a atenção de todos os Chefes de Estado que, desde D. Maria II até o actual Presidente da República lhe manifestaram sempre o seu alto apreço com a sua presença no majestoso edificio que hoje occupa e, como pormenor interessante, devemos registar que fazem parte da Associação muitos negociantes ingleses que têm sido sempre representantes nas suas direcções.



O seu illustre Presidente António d'Oliveira Calem



Aspecto da sessão solene realizada para distribuição de prémios

FABRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE, LDA. O valor total dos prémios distribuidos anualmente é de 36 000\$00.

O Senhor Sub-Secretário do Comércio e Indústria antes de encerrar a sessão felicitou a Associação pelas iniciativas que tem tomado e, após diversas e interessantes considerações sobre a indústria, afirmou que a chave da nossa prosperidade consiste na produção de energia e na produção de alimentos, declarando que o Governo está envidar os seus melhores esforços com o objectivo de resolver o primeiro destes problemas.

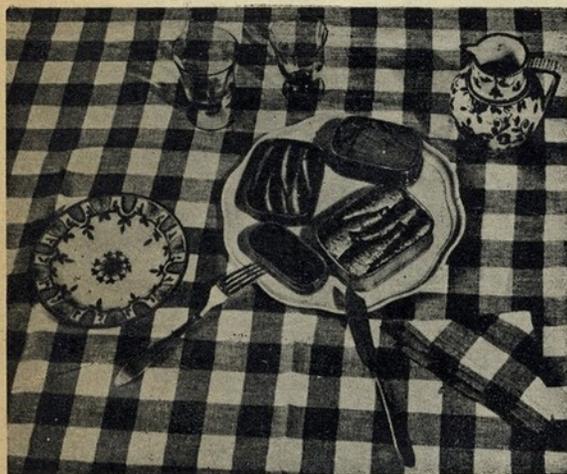
A iniciativa da ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE que começou por dar tão auspiciosos resultados, está destinada a exercer uma influencia salutar junto de todos, e são muitos, os que se interessam pela evolução dos nossos valores industriais, e a contribuir eficazmente para o prestigio de que já goza, com inteira justiça, esta Colectividade.



Eng.º Mario Borges, illustre Presidente da Direcção

# CONSERVAS E VINHOS

## Instituto Português de Conservas de Peixe



Um prato de boas iguarias...

As conservas portuguesas que constituem uma das nossas maiores riquezas, afamadas em toda a parte, sobretudo depois da metódica acção do Instituto Português de Conservas de Peixe, organismo regulador do seu fabrico e comércio, desempenharam um papel de relevo na alimentação das forças armadas da nossa secular aliada, a Grã-Bretanha. Foi a United Kingdom Commercial Corporation, em nome desta, que com aquele Instituto celebrou no inicio das hostilidades, um contrato para o fornecimento de sardinhas de conserva, e a que depois outros se seguiram.

Foram cento e cinquenta milhões de latas, no valor de cerca de dois milhões de libras, o que representa duzentos mil contos, que foram distribuídos pelos pescadores, industriais e operários das 177 fábricas dos mais importantes centros fabris conserveiros do Norte, Centro e Sul do País.



Conduzindo a sardinha para os carros

Tornou-se então necessário um importante fornecimento de fôlha de Flandres para se poder executar esta encomenda, que veio de Inglaterra nos termos do ajuste feito, e exclusivamente destinada às fábricas neste incluídas.

O trabalho actual da nossa indústria conserveira constitui uma decisiva demonstração de quanto vale um organismo coordenador de certas actividades, porquanto o Instituto Português de Conservas de Peixe conseguiu, em prazo relativamente curto, transformar por completo os processos do fabrico e o correspondente sistema comercial que passaram de uma situação anárquica que tanto nos prejudicava para a perfeição completa que nos valeu o inextinguível crédito de que actualmente gozamos em todos os mercados do Mundo. Terminada a guerra, flatadas as relações de negócios entre os países as conservas portuguesas está reservado um papel primordial na vida económica do País.



Atraca no cais de Matozinhos uma traineira com sardinhas para as fábricas

## Dias, Araújo & C., L.

EM Matozinhos, o mais importante centro piscatório do País desenvolveu-se extraordinariamente a indústria de conservas de peixe, representada por muitas dezenas de fábricas em que trabalham alguns milhares de operários de ambos os sexos e bastantes empregados, tornando-se assim um dos mais fortes esteios da vida económica desta vila, uma das mais progressivas do Norte.

Uma dessas fábricas, e das mais conceituadas, hoje dotada de amplas e cómodas instalações de um modelar apetrechamento, é a que sob a firma Dias, Araújo & C., Ld.<sup>a</sup> se fundou em 1917. Já antes da guerra 78% da sua produção era absorvida pelos mercados ingleses, sendo actualmente seu fabrico de enchovas quasi inteiramente colocado nos Estados Unidos da America onde sempre foram bastante apreciados. São representantes da Firma naquele País a Casa H. & Walker, Ld.<sup>a</sup> e neste a Casa Victor Calderon & C.<sup>a</sup>, as melhores nesta especialidade e que muito têm contribuído para a expansão das marcas Sardinal, Silver Star, Eka e 4 SSSS. Com a primeira destas Casas mantem relações comerciais e de amizade há mais de um quarto de século, tenda ainda representantei nos demais países grandes consumidores que aguardam com justificado interesse a pronta regularização das relações de negócios internacionais que a guerra tão profundamente perturbou.

## VINHOS DO PORTO

CORRÊA RIBEIRO, FILHOS, LD.<sup>a</sup>, cuja sede se encontra na Rua Elias Garcia 70, em Vila Nova de Gaia, revelou-se uma das Firmas que mais cuidadosamente tratou da preparação dos vinhos do Porto como o demonstraram as recompensas em 1888 da Exposição de Paris, em 1897 da de Bruxelas e em 1904, na de Captown, tendo sido distinguida com o título de Fornecedores da Casa Real, no reinado do monarca D. Manoel II.



O tradicional barco rabelo, mais valioso auxiliar da viticultura duriense

As excepcionais qualidades de vinho que tem apresentado e que nos mercados estrangeiros, com a Inglaterra à frente, tiveram sempre o melhor acolhimento, radicaram os créditos de que tem gozado e ainda recentemente, numa feliz previsão, lançou nos mercados a sua nova marca «Aliados» que obteve igual sucesso.

A representação em Lisboa da Casa Corrêa Ribeiro está confiada a Calderon Diniz, Alameda D. Afonso Henriques 76-A, onde tem os seus escritórios e armazéns.

**CROFT & C.** ESTABLISHED 1678  
PORT WINE GRWERS AND SHIPERS

VILA NOVA DE GAIA Quinta da Roeda - Pinhão - Douro

LONDON HOUSE - CROFT & C., LIMITED

18 - HOLLYBUSH LANE, HARPENDEN, HERTS



**HARKER, SUMNER, & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>**

Maquinismos e Acessórios para todas as indústrias

AGENTES DE

Howard & Bullough, Limited

Maquinismo de Preparação e Fiação de Algodão (especialidade em números finos).

Mather & Platt, Limited

Maquinismo de Tinturaria, Estamparia e Acabamentos, Instalações de Sprinklers automáticos contra incêndios.

Geo Moulton, Limited

Especialistas em maquinismos de gravação para Estamparia.

Ruston & Hornsby, Limited

Motores Industriais, Agrícolas, e Marítimos a gas pobre, óleos pesados e petróleo.

The Renold & Coventry Chain, C., Ltd.

Correntes Coventry e Renold para todas as espécies de veículos e movimentos industriais, a transmissão mais prática, com economia de espaço e de força, positiva, com cerca de 99% de eficiência e de funcionamento suave e de grande duração.

The Carborundum Company Limited

Artigos abrasivos marcas Carborundum e Aloxit, autenticados pela CABEÇA DE INDIO.

PORTO

162 - Rua José Falcão - 156

LISBOA

14 - Largo Corpo Santo - 18



ESTABELECIMENTOS

*Jerónimo Martins  
& Filho, Lda.*

13, RUA GARRETT, 23

LISBOA

*Grandes Armazéns de Víveres  
Papellaria e Perfumaria*

CASA FUNDADA EM 1792

**IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO**



# A DERROTA



Um dos últimos retratos de Himmler, nas vésperas da rendição incondicional da Alemanha



As tropas americanas ocupam a casa de Hitler, em Berchtesgaden, que dias antes fora alvejada pela aviação inglesa

**T**RES documentos que caracterizam a derrota da Alemanha. Na primeira foto vê-se Himmler, com os seus ajudantes. O famoso chefe da Gestapo traduzia já na fisionomia, a derrota total da Alemanha. Foi este um dos seus últimos retratos quando circulavam já na Europa rumores do pedido de rendição incondicional das forças nazis.

Na segunda vemos um soldado americano no escarpadório de Kehlstein. Este refúgio de Hitler fumegava em virtude de um ataque da R. A. F. quando foi ocupado em 4 de Maio de 1945 por forças da 3.ª divisão, do 7.º exército yankee. Sómente uma das dependências da célebre residência de Hitler, sobranceira à vila bávara de Berchtesgaden, ficou incolume e os abrigos subterrâneos anexos, onde estavam aquarteladas tropas S. S.

O último documento é um flagrante da prisão de Hermann Goering, em Kitzbuhel, na Austria, pelos americanos.

Goering declarou ter falado com Hitler pela última vez em 24 de Abril de 1945, pelo telefone sugerindo-lhe que lhe desse o comando.

Nessa altura, a Alemanha ia ser cortada em duas. Hitler enfureceu-se, acusando-o de haver perdido a fé e afirmando-lhe que, contra ele, seria passada sentença de morte.



Goering o chefe da Luftwaffe, retira as suas numerosas medalhas durante um interrogatório a que foi submetido no campo de detenção em Augsburg, Alemanha

# DE DUNQUERQUE A BERLIM

(Continuação da página 108)

tivos, tudo isto tendo em vista determinar até que ponto as suas faculdades haviam sido afectadas com a violência do bombardeamento a que haviam sido sujeitos; como por exemplo surdês, temôr, confusão etc.

Entretanto, outros especialistas trabalhavam arduamente no desenvolvimento de armamento apropriada para as unidades de paraquedistas, as quais constituíram uma das maiores surpresas do dia «D». Não se tratava só de lançar paraquedistas e o respectivo armamento individual. Emquanto que os técnicos e cientistas trabalhavam, os oficiais que orgulhosamente se chamavam a si próprios «simples soldados», trabalhavam afinadamente, também, procurando novas táticas para o grande dia da batalha e exercitando-se constantemente.

Existe hoje em dia no Ministério da Guerra uma repartição que não tem funções burocráticas ou administrativas. O seu pessoal compõe-se de oficiais que nos campos de batalha ganharam considerável experiência. A maior parte são oficiais que desempenharam funções de comando de unidades na frente. O seu trabalho consiste em estudar assuntos de tática; pensar em tática; recordar o que se passou em diversos teatros desta guerra; tirar dêsses acontecimentos conclusões e fundamentar doutrinas para o futuro. Por exemplo, o que diz a experiência quando se deve assaltar uma linha defendida por um curso de água; quando é oportuno e conveniente o emprêgo de cortinas de fumo; como tomar de assalto um reduto fortificado; quais os tipos de bombas mais adequados para contrabater determinadas posições defensivas; todos êstes são exemplos dos problemas a que se dedicam achar soluções. Quando necessitam pôr em prática as suas conclusões e fazer exercícios, empregando grandes contingentes de tropas, fazem-no nos Estados Unidos ou no Canadá, deixando o território do Reino Unido tão congestionado de gente no momento presente.

Finalmente, em resultado de tantos estudos, projectos e experiências; adoptam-se determinados planos de acção que os soldados, depois, na devida oportunidade, executam. São êles as novas doutrinas táticas; novas armas; orgânica etc., que passam ao conhecimento dos oficiais nos regimentos e, por intermédio dêstes aos soldados. Compete a todos treinarem e adestrarem-se o mais possível conscientes da tarefa que têm que enfrentar.

Muito antes que as circunstâncias tornassem a invasão uma possibilidade, a instrução no exército Britânico havia-se transformado numa instrução da ofensiva realística.

Praticavam-se desembarques em determinados pontos escolhidos, applicando-se as táticas dos Comandos, conjuntamente com a Marinha de modo a que o pessoal respectivo ganhasse experiência de conjunto e se familiarisasse com o material de desembarque de ambos. Tal método de treino teve que vencer certas dificuldades, como por exemplo: os casos de enjôo em viagens por mar e pelo ar; efeito do frio intenso, quando os soldados eram transportados em barcaças e embarcações de desembarque, abertas e completamente expostas ao tempo; dificuldades que eram estudadas na ocasião e a que se procurava dar-lhes remédio. Criaram-se assim diversas Escolas Práticas de Curso de Táticas de Assalto em que o emprêgo de munições de fôgo real se fazia sem olhar a economias, acostumando os homens às condições reais debaixo de fôgo. Aprendiam a usar lança-chamas; a sentir passar os tanques galgando as trincheiras onde se encontravam; e, acima de tudo, sabendo vencer a fadiga, a fome, o frio, chuva e a moverem-se na obscuridade. Um jovem parente meu, que me visitou uns dias antes do dia «D», quando, lhe perguntei se tudo ia correndo bem, respondeu-me. Claro que «vai tudo bem». «O que eu tenho feito até aqui é para me sentir melhor do que nunca na vida, ou então para estar morto!» Seria êste mesmo o comentário dos seus outros companheiros.

O colapso da França e o episódio de Dunquerque, foram grandes desastres militares — quasi fatais. Mas tiveram, porém, um efeito altamente benéfico no Exército Britânico. Assim, eliminou-se o espirito de complacência e a ideia de se considerarem desnecessárias «novas teorias e conceitos classificados loucos.» Pelo contrário todos se compenetraram que sem novas ideias e métodos já mais voltariam a pôr o pé em França. Como se sabe, o exército nem sempre é um organismo receptivo a novas orientações. Trata-se dum corpo muito grande, às vezes lento a adaptar-se a certas mudanças nos seus hábitos. No entanto, não se pode dizer que os Exércitos Aliados de 1940 a 1944 não tenham sido entusiasticamente receptivos a novas ideias e experiências, ou que não tivessem concebido e executado operações não descurando o mais infimo pormenor.

Um amigo meu, foi um dos primeiros a ser escolhido para prestar serviço junto dos primeiros oficiais do Estado Maior dos Estados Unidos, quando chegaram à Grã-Bretanha. Perguntei-lhe se tinha gostado da missão. A resposta foi entusiástica. «Os nossos camaradas Americanos vêm animados do mais vivo e móço espirito de curiosidade. Parecem um sópro de vento fresco».

E, a êste propósito, observou como os nossos progressos da nossa técnica militar haviam feito rápidos progressos. Uma ocasião, acrescentou, mostrei aos nossos camaradas americanos alguns exemplares do nosso material, o que provocou dos nossos amigos apreciações entusiásticas de admiração, julgando

# MENSAGEM DE CHURCHILL

EM RESPOSTA A NUMEROSAS EXPRESSÕES DE CONGRATULAÇÃO QUE O SNR. WINSTON CHURCHILL RECEBEU DE PORTUGAL E DE MUITOS OUTROS PAISES, O PRIMEIRO MINISTRO ENVIOU A SEGUINTE MENSAGEM DE AGRADECIMENTO:

«O Primeiro Ministro deseja exprimir os seus sinceros e cordiais agradecimentos a todos os seus amigos e aos que lhe querem bem em todo o mundo que tiveram a bondade de lhe enviar felicitações no dia da Vitória na Europa, lamenta não lhe ser possível responder a todos, mas espera que aceitem esta mensagem como uma expressão da sua gratidão pela gentileza para com êle havida.»

DOWNING STREET, No. 10

12 DE MAIO DE 1945.

que o que eu lhes acabara de mostrar havia levado anos e anos a construir. No entanto, não foram mais do que três, o que mostra o longo caminho percorrido em tão curto espaço de tempo.

Ninguém pode imaginar dos milhentos trabalhos que se tornaram necessários executar, na fase preparatória da vitória Aliada.

Referi-me neste artigo apenas a alguns aspectos tirados ao acaso — os primeiros que acorreram à minha memória, os quais, no entanto, desempenharam o seu papel, nas primeiras horas vitais das grandes operações.

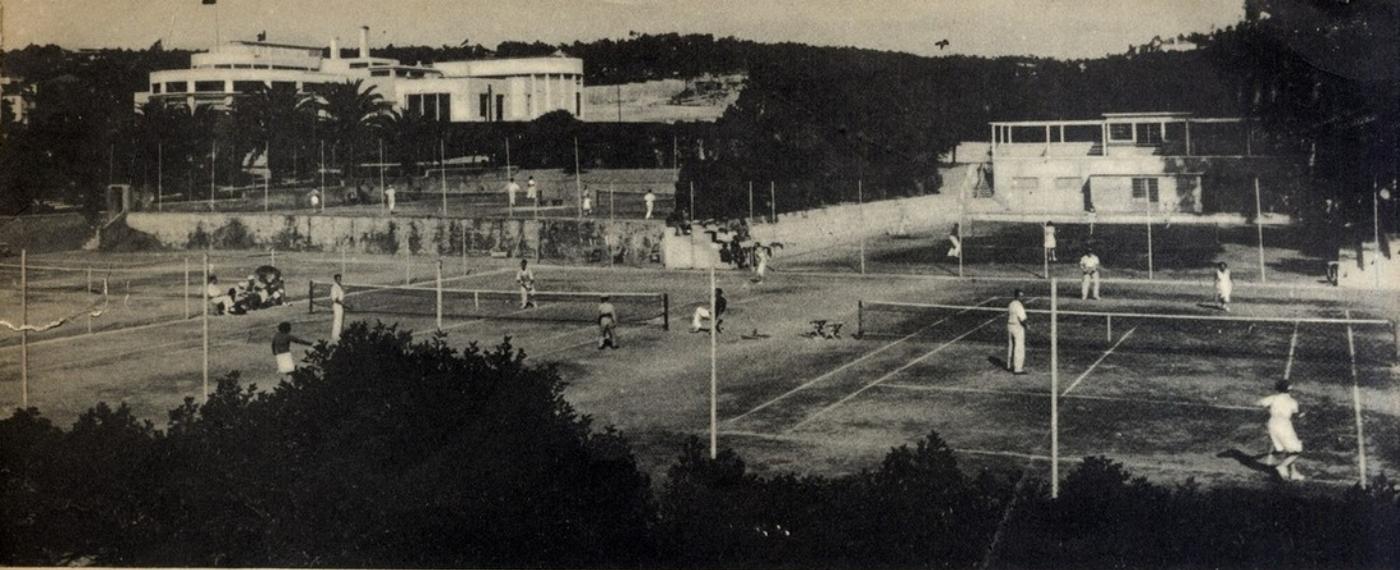
Foram os homens transportados nas barcaças de desembarque, lançando-se denodadamente à água, tal como o nosso amigo «Pato» havia previsto; foi o tanque acionando o tal estranho engenho fustigador das minas no terreno, produto da experiência e dos intrincados cálculos dos nossos matemáticos; os tanques de combate, movendo-se pesadamente no terreno junto às praias de desembarque, cuja formação era de antemão conhecida, em resultado das amostras colhidas; as defesas alemãs pulverizadas pelo fôgo de artilharia, resultado dos exercicios em que os alvos foram bonecos de madeira e reduzidos experimentais; e, por último os homens, — êsses magníficos soldados treinados por oficiais que não só viram a guerra mas que dela tiraram os mais preciosos ensinamentos — numa arrancada para a frente, avançando de forma irresistível.

Cada uma destas coisas leva a marca dos três anos que a Grã-Bretanha levou em preparativos e planos que culminaram com a derrota final da Alemanha.

Não deixe de ler

## O ATREVIDO

O LIVRO DE REDONDO  
JÚNIOR QUE PÕE TUDO  
E TODOS A RIDÍCULO



Os «courts» de «tennis»



O Wonder Bar no Casino Estoril

# ○ ESTORIL

## DESPORTIVO E MUNDANO



Trecho da magnífico campo de «golf»



A elegante praia na época do Verão

Vista aérea do Estoril





**MUNDO  
GRÁFICO**

B. 3